

“Carina Lopes
Ribeiro

#74281



ISCTE – IUL

Instituto Universitário de Lisboa

“Carina Lopes Ribeiro

#74281

Orientadora da vertente teórica:

Sara Eloy

PHD do ISCTE-IUL

Co-orientadora:

Catarina Patrício

Bolseira FCT em pós-doutoramento
no CECL-CIC.Digital pólo FCSH-UNL

Pofessora auxiliar ECATI-ULHT

Tutor da vertente prática:

Pedro Mendes

PHD do ISCTE-IUL

ISCTE - IUL

Instituto Universitário de Lisboa

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

Projeto Final de Arquitetura

Carina Lopes Ribeiro

Orientadora: Sara Eloy, PHD do ISCTE-IUL

Co-orientadora: Catarina Patrício, Bolseira FCT
em pós-doutoramento no CECL-CIC.Digital pólo
FCSH-UNL | Professora auxiliar ECATI-ULHT

Tutor: Pedro Mendes, PHD do ISCTE-IUL

Outubro, 2017

Composição Teórica e Prática

Vertente Teórica

Um Olhar reflexivo:

Importância do Rio na Cidade.

Vertente Prática

Alenquer: Centro de Negócios

ÍNDICE GERAL

- 13 Vertente Teórica
Um Olhar reflexivo: Importância do Rio na Cidade.
- 98 Vertente Prática
Alenquer: Centro de Negócios

ÍNDICE DE FIGURAS

- 39 Figura 1 Planta de implantação do parque verde do Mondego (Vieira & Cortesão, 2017)
- 39 Figura 2 Restaurante junto à margem direita do rio (Vieira & Cortesão, 2017)
- 39 Figura 3 Instalações para desportos náuticos, junto à margem esquerda (Vieira & Cortesão, 2017)
- 39 Figura 4 Ateliers implantados juntos à margem do percurso de bicicletas. (Vieira & Cortesão, 2017)
- 40 Figura 5 Canoagem no Parque Verde do Mondego (Fidalgo, 2010)
- 41 Figura 6 fotografia sob o rio Mondego (Carina Ribeiro 2017)
- 44 Figura 7 Fotografia de 2013 que retrata o estado do jardim antes da sua reabilitação
- 44 Figura 8 planta de implantação (Costa, 2014)
- 44 Figura 9 3D correspondente ao espaço do atelier de brinquedos situado junto à margem do rio Sizandro (Pogitape, 2015)
- 44 Figura 10 fotografia de uma prepectiva do açude construído no rio (Pogitape, 2015)
- 44 Figura 11 fotografia do Jardim do Choupal, 2015 (Blog da Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras, 2015)
- 46 Figura 12 planta de localização de Flussbad Berlim
- 46 Figura 13 área “Naturnaher Flusslauf
- 47 Figura 14 área “Natürlicher Wasserfilter”
- 47 Figura 15 área “Schwimmbereich”
- 47 Figura 16 área junto ao centro histórico de Berlim (Alves, 2011)
- 48 Figura 17 Flussbad Pokal 2016
- 49 Figura 18 zona de banhos interior - sauna e águas termais (BIG, 2012)
- 49 Figura 19 superfície inclinada multifuncional (BIG, 2012)
- 50 Figura 20 Extensão do porto para sudoeste (BIG, 2012)
- 50 Figura 21 Eixo central de entrada para a zona de banhos de inverno (BIG, 2012)
- 50 Figura 22 terraço multifuncional (BIG, 2012)
- 51 Figura 23 fotografia da vista geral das piscinas e terraço em Copenhaga (BIG, 2012)

- 51 Figura 24 VIN - Vinterbad Bryggen (Wonderful Copenhagen , 2012)
- 51 Figura 25 VIN - Vinterbad Bryggen - Winterbad Bryggen (Hansen, 2013)
- 52 Figura 26 VIN - Vinterbad Bryggen - spa (BIG, 2012)
- 59 Figura 27 vista do rio junto à fábrica da Chemina (Duarte Belo 1996)
- 59 Figura 28 vista do rio junto à fábrica da Chemina (Duarte Belo 2000)
- 59 Figura 29 vista do rio junto à fábrica da Chemina (Carina Ribeiro 2017)
- 61 Figura 30 fotografia do Rio Alenquer 2017 (Carina Ribeiro 2017)
- 70 Figura 31 notícia da época – 28 de Novembro de 1967 (wordpress, 2015)
- 75 Figura 32 Localização, tipo e frequência (estimada) de estabelecimentos (Rogeiro, 2014)
- 75 Figura 33 Frequência de pessoas nas ruas decorrente das frequências estimadas dos estabelecimentos. (Rogeiro, 2014)
- 76 Figura 34 Circulação rodoviária interna. (Rogeiro, 2014)
- 77 Figura 35 Índice de atratividade Territorial: Atratividade (Rogeiro, 2014)
- 78 Figura 36 IAT: Conforto (Rogeiro, 2014)
- 79 Figura 37 IAT: Interesse (Rogeiro, 2014)
- 81 Figura 38 Rota dos vinhos do Oeste (trabalho de grupo 2017)
- 82 Figura 39 planta de identificação de programa /trabalho de grupo 2017)
- 83 Figura 40 corte junto à fábrica da chemina (Carina Ribeiro 2017)
- 83 Figura 41 Ria de Aveiro (Turismo do centro de Portugal, 2014)
- 84 Figura 42 corte junto à possível zona de permeabilização
- 84 Figura 43 fotografia atual da zona enfrente à fábrica da Chemina (Carina Ribeiro 2017)
- 85 Figura 44 fotomontagem com proposta junto à fábrica da Chemina (Carina Ribeiro 2017)
- 85 Figura 45 planta do redesenho da praça do Areal
- 85 Figura 46 corte que demonstra a aproximação do rio à fábrica da moagem

AGRADECIMENTOS

Este caderno reúne o trabalho de um percurso de cinco anos. Desde o início deste trajeto, contei com a confiança e o apoio de inúmeras pessoas, sem as quais esta investigação não teria sido possível.

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora Sara Eloy, toda a generosidade e rigor do seu acompanhamento nesta tese.

Agradeço ainda à professora Catarina Patrício, a quem devo, desde que fui sua aluna na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, o meu interesse pela relação de conceitos antropológicos com a Arquitetura.

Ao professor Pedro Mendes pela sua orientação, ao longo do ano, na vertente prática.

Ao professor Aldo Paviani, pela disponibilidade e ajuda nas referências cruciais para o desenvolvimento da vertente teórica.

Um agradecimento especial à minha família, meu pai José Ribeiro, minha mãe Dina Ribeiro e irmão Ricardo Ribeiro, pelo Amor incondicional. Um obrigado por todo o apoio e carinho que sempre me deram.

Deixo aqui também o meu sincero agradecimento aos meus amigos que contribuíram para a maturação do meu trabalho, em especial ao Hugo Pereira, pela sua ajuda, sempre atento seguiu de perto o desenvolvimento das minhas reflexões.

Finalmente, ao Gonçalo Gomes toda a dedicação e compreensão.

O espaço limitado desta secção de agradecimentos, não me permite agradecer, como devia, a todas as pessoas que ao longo deste trabalho de Projeto Final de Arquitetura, me ajudaram direta ou indiretamente, a cumprir os meus objetivos e a realizar esta etapa da minha formação académica.

INTRODUÇÃO GERAL

Este caderno reúne o trabalho desenvolvido na unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura, do ano letivo de 2016/2017, do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. É composto por duas vertentes: Teórica e Prática, compostas por temas distintos que se complementam.

A vertente teórica é o resultado de uma investigação centrada na análise do rio Alenquer: transformações e configurações. Neste trabalho procuro estudar a importância do rio na cidade. No espaço urbano o rio conforma um elemento integrante da paisagem e deste modo os habitantes tendem a incorporá-lo como elemento fulcral e símbolo do lugar. O principal objetivo deste estudo consiste na análise de como as alterações ao rio de Alenquer, quer naturais quer realizadas pelo homem, modificaram a vivência subjacentes ao mesmo – descrevendo e analisando a experiência fenomenológica. Este trabalho teórico tem por fim o objetivo de fundamentar as opções de projeto desenvolvidas na vertente prática da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura ao permitir aprofundar a definição de estratégias de requalificação do rio que o aproximem de novo da população de Alenquer.

Na vertente prática foi desenvolvida uma intervenção na vila de Alenquer. É uma vila inserida a área Metropolitana de Lisboa. Partindo de uma análise territorial realizada em grupo, foi possível apreender que Alenquer para além da sua história, a cultura do vinho tem um importante papel na identificação do lugar. A cultura vinícola serviu de fundamento para a estratégia de grupo, propondo a criação de uma Grande Rota do Oeste. Esta proposta tem como objetivo promover: as condições de visita às adegas, caves e quintas; oferta de experiências únicas (património, paisagem e degustação); incrementar parceiros regionais; estratégia de desenvolvimento territorial; estimular a inovação de processos de serviço; qualificar o espaço público, tornando-o um sistema urbano funcional.



UM OLHAR
REFLEXIVO:
IMPORTÂNCIA
DO RIO
NA CIDADE
[TRANSFORMAÇÕES
E CONFIGURAÇÕES DO RIO]

Orientadora: Sara Eloy

Co-orientadora: Catarina Patrício

ÍNDICE

16	Resumo
18	Abstract
21	1. Introdução
21	1.1. Problema e pergunta de investigação
22	1.2. Objetivos
23	1.3. Metodologia
24	1.4. Organização do trabalho
25	2. Lugares, limites e heterotopias
26	2.1. O Lugar
28	2.2. Limites e heterotopias
33	3. Paisagem Urbana: importância dos rios para a estruturação de comunidades
36	3.1. (Re)qualificar o parque do Mondego – Coimbra
42	3.2. (Re)nascido do Choupal – Rio Sizandro
45	3.3. Nadar no Flussbad – Berlim
48	3.4. Praia de Copenhaga – BIG
53	4. O Lugar do Rio de Alenquer
54	4.1. Alenquer e a sua identidade
60	4.2. Diário de viagem: impressões do lugar
63	5. Histórias de Vida de Alenquer
64	5.1. Metodologia de análise
65	5.2. Testemunhos
71	6. Uma proposta para Alenquer
72	6.1. Princípios de intervenção
74	6.2. Diagnóstico
81	6.3. Proposta
86	7. Considerações finais
90	8. Referências

RESUMO

Os lugares são referências na paisagem, em constante atualização num contexto de memórias coletivas. São estes lugares que sustentam a identidade coletiva, fomentando uma certa afetividade em relação a um espaço e a uma história partilhada. A identidade do lugar é determinada pela lembrança de imagens, sentimentos, valores e atitudes que fazem parte da interação do Homem com os lugares.

Os rios são elementos que proporcionam harmonia e ligação entre a Natureza e o Homem e têm uma grande relevância no planeamento ambiental e ordenamento do território. Fazem parte integrante da História dos povos e, desde as civilizações mais remotas, o Homem se interrelaciona com este elemento natural. Simultaneamente à sua presença benéfica, os rios são também muitas vezes a origem de catástrofes nas povoações que banham. Por esta razão, ao longo dos anos, tem-se verificado uma constante necessidade de intervenção nos leitos e caudais dos rios. Esta artificialização dos cursos de água provoca vastas alterações no traçado e perfil dos rios assim como na vivência dos espaços em seu redor.

Neste trabalho analisa-se a presença dos rios nas cidades e, com o intuito da intervenção em Alenquer, repensa-se a pre-

sença do rio na vila e tecem-se considerações sobre o que foi e o que pode ser Alenquer no futuro. Pensar uma vila como Alenquer, implica pensar a delimitação espacial, os limites desenhados pelo curso de água, a geografia e a história da vila e muito especialmente o modo como a população vive a presença do rio. Para tal realizou-se uma exaustiva observação do território, direta através de visitas ao local e entrevistas à população e indireta através de pesquisa bibliográfica e cartografia.

A proposta de intervenção apresentada na vertente prática deste trabalho é assim fundamentada no trabalho teórico e pretende (re)desenhar o rio de forma a aumentar o caudal das águas com o objetivo de (re)criar o centro social da vila.

PALAVRA-CHAVE: Alenquer; Identidade do lugar; Transformações; Psicologia Ambiental; Espaço-Identidade, Rio.

ABSTRACT

Places are references in landscapes, constantly being updated in a context of collective memories. It's these places that support the collective identity, fostering a certain affectivity in relation to a space and a shared history. The identity of a place is determined by the memory of images, feelings, values and attitudes that are part of Man's interaction with that place.

Rivers are elements that provide harmony and connection between Nature and Man. Moreover, they are of great relevance in environmental and territorial planning. They form an integral part of mankind's history, from the most remote civilizations, man interrelates with this natural element. Simultaneously with their beneficial presence, rivers are also often the source of catastrophes to the nearby population. For this reason, over the years, there has been a constant need for interventions in river beds and river flows. This artificialization of the watercourses causes vast changes in the layout and profile of the rivers as well as how people lived in the areas around them.

This work analyzes the presence of rivers in cities particularly the intention of an intervention in Alenquer. The pre-

sence of the river in the Alenquer is reconsidered and considerations are made on what Alenquer was and what it may be in the future. Thinking of a village like Alenquer, involves thinking of spatial delimitation, boundaries drawn by the watercourse, the geography and history of the village and most especially the way the population lives the presence of the river. Therefore, an exhaustive observation of the territory was carried out, directly through visits to the place and interviews to the population and indirectly through bibliographical research and cartography.

The proposal for an intervention presented in the practical section of this work is thus based on the theoretical work and intends to (re) design the river in order to increase the water flow with the objective of (re)creating the village's social centre.

Keyword: Alenquer; Place's identity; Transformations; Environmental Psychology; Space-Identity, River

1. INTRODUÇÃO

O rio é como um prodígio no desenho de uma cidade. É um lugar que permite às gentes olhar, recordar, saber e sentir numa harmonia rígida e fluída, a inércia e o movimento. O rio nunca pode ser uma trivialidade e a sua presença na cidade deve ser preservada e cuidada para que todos possam usufruir dela.

1.1. Problema e pergunta de investigação

O presente documento constituiu o trabalho da vertente teórica da unidade curricular Projeto Final de Arquitetura.

Neste trabalho procuro estudar a importância do rio na cidade. No espaço urbano o rio conforma um elemento integrante da paisagem e deste modo os habitantes tendem a incorporá-lo como elemento fulcral e símbolo do lugar.

Tendo em conta que durante o ano a cidade de Alenquer foi estudada na vertente prática pretendo aqui debruçar-me essencialmente na relação do rio de Alenquer com a cidade e com a sua população enfatizando a perda de relação que foi ocorrendo nas últimas décadas devido a diversos factores. A formação da identidade de lugar é decorrente da apropriação do espaço, como nos diz Gonçalves: «Um sujeito, ao apropriar-se de um lugar, com o tempo, deixa a sua marca e, ao transformá-lo, inicia um processo de reapropriação com o ambiente, colocando nele objetos com o qual se identifica» (Gonçalves, 2007, p.28-29). Tendo em conta estas premissas parece conveniente lançar algumas perguntas de investigação no contexto geral de Alenquer e da presença do rio na cidade:

Que consequências na vivência da vila teve a alteração realizada ao rio na década de 40?

Terá a população de Alenquer alterado a sua relação de identidade com o Rio após estas alterações?

O rio funciona como barreira entre as duas margens dificultando ou facilitando a sua relação?

Os rios e os vários cursos fluviais, sempre constituíram um dos mais importantes recursos para a sobrevivência da humanidade. São exemplo disso as formações das primeiras civilizações formadas às margens dos rios Nilo, Jordão, Tigre e Eufrates. Os rios e os cursos fluviais têm sido elementos relevantes no ornamento do território, salientando-se as diversas relações que se foram criando no quotidiano do Homem e da Sociedade. Além de serem uma fonte de água e alimento, indispensáveis à sobrevivência humana, os rios constituem um meio de comunicação e de circulação, assim como um local de contemplação inspirando ainda poetas e pintores, ao longo dos tempos.

Depois de feita uma breve análise geral da importância dos rios para o desenvolvimento da história e da sociologia, pretendo debruçar-me sobre o rio Alenquer, de que forma é que este influenciou o crescimento da vila e que importância tem nos dias de hoje.

1.2. Objetivos

O principal objetivo deste estudo consiste na análise de como as alterações ao rio Alenquer, quer naturais quer realizadas pelo homem, modificaram a vivência subjacentes ao mesmo – descrevendo e analisando a experiência fenomenológica. As alterações que se observam no modo como o rio é utilizado e vivido pela população hoje e no passado são alvo de estudo.

Pretende-se ainda com este trabalho analisar casos de estudo nos quais a regeneração urbana tenha estado aliada à questão da requalificação de áreas ribeirinhas.

Este trabalho teórico tem por fim o objetivo de fundamentar as opções de projeto desenvolvidas na vertente prática da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura ao permitir aprofundar a definição de estratégias de requalificação do rio que o aproximem de novo da população de Alenquer.

1.3. Metodologia

No que diz respeito à metodologia de trabalho esta divide-se nos seguintes estágios:

1. Recolha e análise bibliográfica sobre:
 - O papel dos rios nas cidades, a sua presença nas aglomerações, identidade de lugares, percepção do espaço e regeneração de cidades.
 - A evolução de Alenquer.
2. Análise sobre a identidade de lugares, percepção do espaço e estratégias de regeneração de cidades, recolha de estratégias definidas na literatura.
3. Análise sobre a importância dos rios para a estruturação de comunidades
 - a. Análise de estratégias de requalificação de áreas ribeirinhas
 - b. Casos de estudo (boas práticas)
4. Análise da informação sobre Alenquer: evolução da vila ao longo do tempo no que diz respeito aos perfis do rio e sua utilização para a população
 - c. Análise de informação escrita
 - d. Realização de observação no local
 - e. Recolha de entrevistas e questionários à população
 - f. Análise dos dados recolhidos
5. Definição da proposta para Alenquer na vertente prática, informada pelo trabalho teórico
6. Escrita do trabalho de projeto
7. Revisão do trabalho

1.4. Organização do trabalho

O presente trabalho está organizado em 7 capítulos fundamentais. O primeiro capítulo destina-se à fase introdutória, à pergunta de investigação e à metodologia que estrutura o desenvolvimento da investigação

O capítulo seguinte explora questões conceptuais fundamentais para a interpretação do lugar, limites e heterotopias. No seguimento lógico do trabalho surge o capítulo 3 centrado na importância dos rios na estruturação das cidades e é feita uma abordagem sucinta a quatro casos de estudo: (Re)qualificar o parque do Mondego – Coimbra; (Re)nascer do Choupal – rio Sizandro; nadar no Flussbad – Berlim e a Praia de Copenhaga – BIG.

O capítulo 4 foca-se em Alenquer, caso de estudo na vertente prática de projeto final de Arquitetura, e discute-se a identidade do lugar de Alenquer com base nos conceitos explorados no capítulo 2 e sobretudo baseado nas vivências do lugar/impressões territoriais. No capítulo 5 descrevem-se Histórias da vida de Alenquer elaboradas a partir de testemunhos diretos de habitantes.

O sexto capítulo inclui uma proposta de (re)qualificação das margens do rio em áreas cruciais para o bom funcionamento da vila, como é o caso do Areal e do parque da Chemina. No sétimo e último capítulo fazem-se as considerações finais do presente documento.

2. LUGARES, LIMITES E HETEROTOPIAS



*O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...*

O MEU OLHAR – ALBERTO CAEIRO

(INTRANEIA - SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, LDA , 2008)

2.1. O Lugar

A identidade do lugar é construída, essencialmente, a partir de factores ambientais, biológicos e de relacionamento. «(...) a identidade de lugar (place identity) é caracterizada pelas lembranças de imagens, sentimentos, valores e atitudes que fazem parte das suas vivências com os lugares e com o seu próprio eu. É reconhecer-se.» (Jerônimo & Gonçalves, 2013, p. 118)

Compreender o lugar como veículo para a compreensão do passado é uma das principais premissas de geógrafos, antropólogos, sociólogos e até arquitetos. A natureza é um elemento passivo na construção e formação da cultura. De facto, a natureza foi considerada ao longo da história um elemento exterior ao Homem como podemos interpretar no seguinte trecho de Tilley onde este afirma que a natureza é «an abstract dimension or contain in which human activities and events took place» (Tilley, 1994)

A paisagem não se limita à sua visualização estática, ela é um espaço dinâmico que está em constante interligação dialética com a ação humana. As paisagens são compostas por lugares na sua essência, ou seja, associados a memórias que os humanizam, definidos por padrões de intencionalidade humana. (Tilley, 1994, p. 23)

Os lugares são referências na paisagem, em constante atualização num contexto de memórias coletivas. São estes lugares que sustentam a identidade coletiva, fomentando uma certa afetividade em relação a um espaço, a uma história partilhada. Em suma «A paisagem deverá, assim, expressar ideologias, imaginários e crenças, mas também sensações e identidades coletivas» (Valera, 2000, p. 120).

A criação de lugares está intimamente associada às práticas humanas e à disciplina da arquitetura como ciência humana

que estuda relações entre os lugares e as pessoas, do ponto de vista dos aspetos funcionais, bioclimáticos, económicos, sociológicos, afetivos, simbólicos e estéticos.

A identidade do lugar é determinada pelas lembranças de imagens, sentimentos, valores e atitudes que fazem parte da interação do lugar – a identidade é um modo do humano se reconhecer no espaço. Este tema da identidade é objeto de discussão nas ciências sociais, abrangendo a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia, nas quais se consideram diferentes perspetivas teórico-metodológicas. Segundo Antônio Ciampa, a identidade pode ser definida como um conjunto de características próprias e exclusivas de um determinado lugar/pessoa. O lugar é, portanto, uma construção, onde as pessoas reconhecem-se, reconhecem um mesmo reportório e uma mitologia. (Ciampa, 2001)

Os lugares são triplamente simbólicos, segundo o conceito de lugar de Marc Augé –etnólogo e antropólogo francês – porque representam a relação de cada um dos ocupantes consigo mesmo – identidade –, com os outros ocupantes – relacional – e com a história comum. Os não-lugares caracterizam-se precisamente pela ausência destes símbolos. Enquanto os lugares antropológicos são produtores de um conjunto de relações sociais, os não-lugares criam ao nível das relações sociais uma contratualidade solitária e são assim a negação dos lugares.

Nesta era em que vivemos, considerada por Marc Augé a era da *sobremodernidade*¹, as vivências pressupõem uma relação meio/fim, onde o que está em causa não é o espaço «entre», mas o «fim» a atingir. Esta forma de viver/estar segundo objetivos pré-estabelecidos está claramente expressa num trecho do romance de Kundera. A imortalidade, onde

¹ A *sobremodernidade* segundo Augé aparece quando a história se torna actualidade, o espaço imagem e o indivíduo olhar. Por oposição à uma pós-modernidade, concebida como adição arbitrária de traços aleatórios, a *sobremodernidade* dependeria de três figuras de excesso: Excesso de tempo, de espaço e de indivi-dualismo.

o autor enfatiza a distinção entre a «estrada», não-lugar, e o «caminho», lugar:

«A estrada distingue-se do caminho não só por ser percorrida de automóvel, mas também por ser uma simples linha ligando um ponto ao outro. A estrada não tem em si própria qualquer sentido; só têm sentido os dois pontos que ela liga. O caminho é uma homenagem ao espaço. Cada trecho do caminho é em si próprio dotado de um sentido e convida-nos a uma pausa. A estrada é uma desvalorização triunfal do espaço, que hoje já não passa de um entrave aos movimentos do homem, de uma perda de tempo (...) E também a sua vida, ele já não a vê como um caminho, mas como uma estrada: como uma linha conduzindo de uma etapa á seguinte, do posto de capitão ao posto de general, do estatuto de esposa ao estatuto de viúva. O tempo de viver reduziu-se a um simples obstáculo, que é preciso ultrapassar a uma velocidade sempre crescente».

MILAN KUNDERA, in *A Imortalidade*

2.2. Limites e heterotopias

O século XIX esteve integralmente voltado para a história. É Michel Foucault que o diz em espaços outros para lançar o espaço como problema. Hoje pressupõe-se que o espaço e o tempo são dimensões da realidade do mundo em que vivemos, tendo como base fundamental a sensação – *o olhar atento e observador*. Os conceitos de espaço e de tempo foram fulcrais para o entendimento dos modelos cosmológicos² que foram aparecendo na história. (Foucault, 2005, p. 244)

Pensar o espaço implica pensar a delimitação espacial. Atualmente vivemos a época do *simultâneo*, que outrora, na idade média, significaria vários espaços em tempos diferentes. O espaço medieval, designado por espaço de localização, era composto por

² Os modelos cosmológicos de Aristóteles, Newton e o de Einstein/ Planck.

um cruzamento de lugares, entre eles lugares sagrados, lugares protegidos, e por oposição, lugares profanos. Apesar de diferente, ainda assim e mesmo com a evolução espacial que presenciamos, o espaço contemporâneo para Foucault, não está «inteiramente dessacralizado», nomeadamente no que diz respeito à sua vertente prática. É com base neste argumento que podemos afirmar que o espaço é regido por uma certa «oposição» por exemplo: o espaço público, e o espaço privado, que têm também eles como maior modelo, por um lado a família e por outro o social, bem como o espaço cultural em contraposição ao espaço útil. O espaço de lazer e o espaço de trabalho. (Foucault, 2005, pp. 244-245)

O espaço contemporâneo mantém estas oposições do espaço sacralizado sendo um espaço heterógeneo, composto por elementos diferentes, irregulares, desiguais, distintos, como é o caso das relações interpessoais, que têm como ponto fulcral de convívio diversas paragens provisórias, entre as quais cafés, cinemas e praias.

Entre os diversos espaços encontramos aqueles que, como os rios, constituem limites espaciais. Para esta interpretação é essencial reter as palavras do arquiteto Jorge Cruz Pinto: «O espaço é por sua natureza ilimitado, etéreo, invisível e intangível, pelo que só é compreensível e avaliável como expansão contida a partir da perceção dos seus limites ou barreiras materiais construídas ou preceptivas que o conformam». (Pinto, 2005, p. 212) Num ponto de vista mais geral o limite é o princípio da existência, de uma identidade, delimitar é definir o que até então estaria por adquirir forma. É possível percecionarmos assim, que a vivência e a receção do espaço dependem intimamente da manipulação dos seus limites.

Estamos numa época onde impera o simultâneo, a justaposição, e o disperso.

«Antes de mais, há as utopias. As utopias são as colocações sem lugar real. São as colocações que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou indireta»

FOUCAULT, 2005, p. 246

As utopias são fundamentalmente lugares irrealis, sem lugar fixo, ao contrário do conceito de heterotopia que se caracteriza pelo lugar real. A heterotopia é, de uma forma geral, o espaço do outro. A heterotopia tem o poder de justapor num só lugar diversos espaços. Este conceito – heterotopia – supõem sempre um sistema de abertura e de fecho que a isola, e ao mesmo tempo que permite a sua penetração.

«O navio é a heterotopia por excelência. Nas civilizações sem barcos os sonhos esgotam-se, a espionagem substitui-se à aventura, e a polícia aos corsários»

FOUCAULT, 2005, p. 252

Segunda a citação acima mencionada de Michel Foucault, o navio é a heterotopia por excelência, numa lógica de pensamentos o rio funciona como elo de ligação e comunicação, mais uma vez nas civilizações sem comunicações fluviais | marítimas os sonhos esgotam-se.

Heterotopia pode ser designada, segundo Foucault, como um espaço diferente, ou seja, um espaço que é «uma espécie de contestação ao mesmo tempo mítica e real» do lugar onde vivemos. (Foucault, 2005, p. 247) Michael Foucault, no decorrer do seu discurso acerca das heterotopias descreve os seis princípios subjacentes a este tema fugazmente estu-

dado ao longo da história da Filosofia. O primeiro princípio rege-se na história da humanidade – na cultura – todas as culturas formaram heterotopias, contudo e com base nas divergências culturais segundo o autor é possível distingui-las em dois grandes grupos: Heterotopias de Crise e Heterotopias de Desvio. Heterotopias de Crise que constituem lugares privilegiados, sagrados ou proibidos, reservados para indivíduos que se encontram em «crise» em relação à sociedade em que vivem, nos dias de hoje esta heterotopia tem vindo a diluir-se num novo conceito que podemos reter como. E Heterotopia de Desvio ao qual pertencem os indivíduos que se desviam, ou que têm comportamentos desviantes em relação à norma da sociedade, como é o caso das clínicas psiquiátricas e prisões. Também as casas de repouso e os lares de terceira idade existem no limiar das heterotopias de crise e heterotopias de desvio, pois a velhice apesar de ser considerada uma crise pela qual todo o Homem passa, é também ela um desvio. É neste segundo conceito de heterotopia de desvio que inserimos o lazer como regra crucial na nossa sociedade. É com base nestas necessidades Humanas que é imprescindível lançar uma questão: Terá a Vila de Alenquer espaços preparados e adequados para assistir a esta evolução Humana? Às suas necessidades de lazer?

O segundo princípio tem como base a evolução temporal – as heterotopias variam em função do passar do tempo e de acordo com a cultura, sofrendo muitas vezes mutações.

Segue-se o terceiro princípio que esclarece o facto de que as Heterotopias podem unir múltiplos espaços incompatíveis entre si, um dos exemplos mais arcaicos desta heterotopia é o jardim: «O jardim é um tapete onde todo o mundo vem cumprir a sua perfeição simbólica... o jardim é a mais pequena parcela do mundo e é ainda a

totalidade do mundo». (Foucault, 2005, p. 249) O jardim é crucial para fomentar relações, é essencial a presença de um jardim numa cidade, vila ou aldeia, pois este é o local de encontro entre gerações.

O quarto princípio retém a ideia que as heterotopias podem ligar diferentes períodos de tempo, como é o caso do museu. O princípio seguinte pressupõe que as heterotopias são locais separados da sociedade e com regras com limitam de uma forma ou de outra a entrada e saída, a este princípio são exemplo as casernas e prisões.

O sexto e último princípio descrito por Foucault designa que a heterotopia tem uma função relacionada ao espaço que a rodeia, é neste último traço que define o complexo conceito de heterotopias que surge a ideia de navegável, com o barco, que sendo um «pedaço flutuante de espaço» foi o maior elo de desenvolvimento económico, «um lugar sem lugar, que vive por ele próprio, que está fechado sobre si e entregue ao mesmo tempo ao infinito do mar...» (Foucault, 2005, p. 251) É neste último princípio que surge a importância do navegável, que está implícito ao longo da história, como sendo um elo de ligação e troca de conhecimento, e fomentação de culturas. É assim que o rio ganha a importância que tem tido ao longo do tempo.

3.
**PAISAGEM URBANA: IMPORTÂNCIA
DOS RIOS PARA A ESTRUTURAÇÃO
DE COMUNIDADES**



Este capítulo fundamenta a importância dos espaços verdes nas cidades e essencialmente pretende elucidar a relevância da presença de um rio na fomentação de relações entre o espaço físico e a sociedade que o habita. Para tal procuro dar exemplos de boas práticas de projetos executados quer em Portugal quer na Europa nos quais a reabilitação das áreas circundantes de rios fez com que estes últimos ganhassem nova importância na cidade.

Desde há muito que é da compreensão dos urbanistas, arquitetos e decisores da cidade que a qualidade de um espaço público contribui inevitavelmente para uma sociedade coesa: «a qualidade ambiental que contribui para a harmonia social e vitalidade cultural torna-se um dos fatores chave do sucesso económico de uma cidade» (Urbanistas, 2003)

A perceção da paisagem tem como base três conceitos estruturantes: *compreender, explorar, e vivenciar ambientes naturais*. (Silva, et al., 2009)

O ser humano dá preferência a «paisagens com níveis de complexidade mais densos», no que diz respeito aos elementos que a compõem como é o caso da textura, da cor e do movimento. (Silva, et al., 2009, p. 116) Os espaços verdes contribuem para uma experiência de complexidade, tendo sempre em conta a multidisciplinaridade dos espaços. Este facto demonstra a necessidade de conceber um espaço urbano de qualidade para as cidades, aliando à vivência do dia-a-dia a possibilidade de afastamento desta mesma rotina. (Silva, et al., 2009)

No que diz respeito à preferência humana pelos espaços naturais na sua essência é de destacar a importância da água, como já mencionei em capítulos anteriores. A água

é um elemento unificador de todo o sistema, serve como elemento que aglutina todas as dimensões culturais, estéticas, sociais e económicas. Apesar de todas as qualidades inerentes aos cursos fluviais, é de salientar alguns aspetos, como as cheias, que têm consequências nefastas para os territórios e necessitam de ações que impeçam que a sua ocorrência tenha efeitos negativos. (Silva, et al., 2009, p. 117)

As cidades atuais e as suas populações estão permanentemente em mudança. As alterações urbanas são caracterizadas por diferentes transformações como a evolução sociocultural e económica da população, o advento de novas tecnologias e as alterações climáticas. Estas mudanças, quando operadas pelo homem, são essencialmente focadas na correção e minimização dos impactos ambientais e na satisfação das novas expectativas socioculturais dos seus habitantes. Podemos de certa forma constatar que o futuro das cidades depende da sua constante regeneração. (Castanheira, 2013)

No seguimento desta lógica de pensamento assistimos em Portugal a diversas requalificações de áreas urbanas, várias das quais associadas à requalificação de zonas ribeirinhas. Para uma melhor interpretação destas problemáticas relacionadas com a passagem de cursos fluviais nas cidades, são estudados, nos subcapítulos que se seguem, três casos de estudo no que diz respeito a uma requalificação urbano junto a frentes ribeirinhas como: o Rio Mondego em Coimbra e o Rio Sizandro em Torres Vedras. São também analisados de seguida dois rios onde foram explorados conceitos de «navegabilidade» como é o caso de Flussbad em Berlim, e o projeto dos BIG em Copenhaga.

3.1. (Re)qualificar o parque do Mondego – Coimbra

Todos os lugares contêm sempre algum tipo de contradição – grande crescimento devido a estar na margem do rio aliado às dificuldades de se estar na margem do rio por causa das cheias, é a contradição primordial de Coimbra, cidade histórica por onde passa o rio Mondego. Este rio foi fundamental para a sua localização, visto que a cidade começou por se instalar e crescer sobre uma colina geminada designada nos dias de hoje de margem direita, aproveitando e sofrendo com a proximidade do rio.

«O Rio Mondego foi um dos grandes condicionalismos de ordem geográfica ao desenvolvimento da cidade, principalmente por causa das inundações, e as vertentes abruptas, pelas dificuldades colocadas à construção.»

MANO, 2011

No contexto de eliminar ou diminuir os problemas causados pelas constantes inundações que a baixa de Coimbra era alvo, foram executadas diversas obras de requalificação entre as quais a realizada no final dos anos XX. Esta obra teve como objetivos não só controlar a subida das águas que provocavam cheias, como também assegurar o aproveitamento dos recursos associados ao rio. (Andrade, 2011)

As reabilitações dos espaços junto ao Rio Mondego em Coimbra inseriram-se no programa Pólis, este programa consiste essencialmente em melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, focado na vertente urbanística e ambiental. Este programa pretende atuar nas seguintes vertentes:

«i) desenvolver grandes operações integradas de requalificação urbana com uma forte componente de valorização ambiental;

- ii) desenvolver ações que contribuam para a requalificação e revitalização de centros urbanos e que promovam a multifuncionalidade desses centros;
- iii) apoiar outras ações de requalificação que permitam melhorar a qualidade do ambiente urbano e valorizar a presença de elementos ambientais estruturantes tais como frente de rio ou costa;
- iv) apoiar iniciativas que visem aumentar as zonas verdes, promover áreas pedonais e condicionar o trânsito automóvel em centros urbanos.»

ANDRADE, 2011, p. 7

É fundamental mencionar o facto do programa Pólis ter sido neste caso dividido em dois planos – Parque Verde do Mondego, situado entre a Ponte de Santa Clara e a Ponte Rainha Santa – Largo da portagem até à Rua João das regras.

O plano para a execução do Parque verde do Mondego incluiu a estratégia de promoção de diversas atividades como bicicletas, Karts a pedais, gaivotas, canoas, entre outras. Os objetivos fundamentais deste mesmo plano do programa polis debruçaram-se sobre a requalificação urbana das frentes ribeirinhas tendo em conta as seguintes funções:

- «a) a criação de espaços públicos qualificados;
- b) reformulação da rede de infraestruturas;
- c) criação de percursos pedonais e de ciclovias que assegurassem uma melhor fruição das áreas livre;
- d) ampliação da rede de equipamentos de cultura, lazer e desporto;
- e) definição, paisagisticamente integrada, dos locais destinados ao estacionamento, ao estabelecimento de restauração e à reabilitação de equipamentos existentes»

ANDRADE, 2011, p. 9

O parque verde do Mondego é um projeto da autoria do arquiteto Camilo Cortesão que interveio nas duas margens do rio (figura 1). Na margem direita é possível vislumbrar bares e restaurantes, com esplanadas sobre o rio (figura 2) e, na margem esquerda, um recinto para grandes espetáculos e instalações para os desportos náuticos, apoiadas num canal artificial (figura 3).

O parque verde do Mondego ocupa as duas margens do rio. «Uma fonte indica a entrada na alameda do Parque que prolonga o jardim romântico, agora muito perto do plano de água.» (Vieira & Cortesão, 2017). A Ponte Pedro e Inês une um percurso de bicicletas que, em cada uma das margens, atravessa o Parque na diagonal. O Pavilhão Centro de Portugal, da autoria dos arquitetos Álvaro Siza, Souto Moura, Cecil Balmond implanta-se à margem deste percurso, pontuado por espaços para ateliers. (figura 4). Este pavilhão é o mais recente centro museológico da cidade, foi o Pavilhão de Portugal da Expo 2000.

«Os percursos, as construções, a ponte e o mobiliário urbano são construídos com um catálogo reduzido de materiais: o saibro, o betão vermelho, o xisto e o calcário, o aço, a madeira e o vidro.»

VIEIRA & CORTESÃO, 2017

As alterações executadas ao parque modificaram, visivelmente, as vivências do lugar. Exemplo disso são as atividades criadas na margem esquerda como a caixa de areia, que permite a prática de Voleibol de praia; um skatepark e equipamentos de diversão infantil que permite o convívio entre diversas faixas etárias e um parque de merendas e 4 pavilhões, que abrigam os clubes de atividades náuticas como a

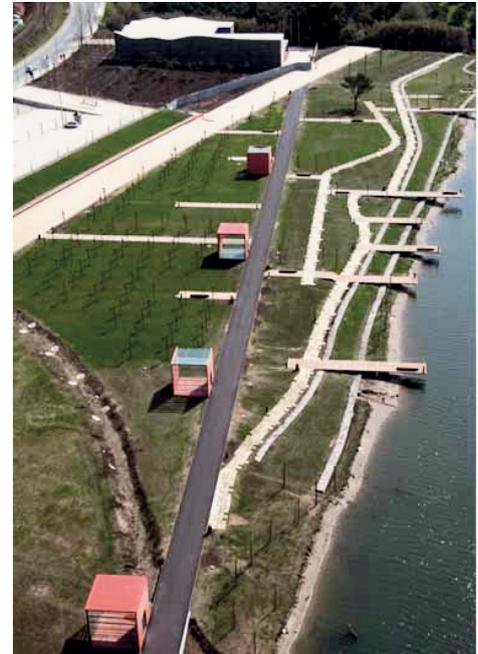


Figura 1 planta de implantação do parque verde do Mondego (Vieira & Cortesão, 2017)

Figura 2 Restaurante junto à margem direita do rio (Vieira & Cortesão, 2017)

Figura 3 Instalações para desportos náuticos, junto à margem esquerda (Vieira & Cortesão, 2017)

Figura 4 Ateliers implantados juntos à margem do percurso de bicicletas. (Vieira & Cortesão, 2017)

canoagem (figura 5), remo e vela. Esta multidisciplinaridade de espaços promove a interação entre desportistas, jovens, crianças, adultos e turistas.

Neste parque já se realizaram diversos eventos relevantes o que permite atestar a sua nova dinâmica na cidade. Alguns destes eventos foram: *Campeonato Nacional de Maratonas (Canoagem) 2008*; *Campeonato Nacional de Sprint (Remo) 2007 e 2008*; *Regata Internacional da Queima das Fitas (Remo) 2008*; *Campeonato do Mundo de Seniores de Pesca Desportiva de Rio*; *Campeonato do Mundo de Pesca Desportiva de Rio para deficientes*; *Coimbra Night Regata (Remo)*; *Final do Torneio de Escolas da Beira Litoral (Remo)*. (Câmara Municipal de Coimbra , 2008).



Figura 5 Canoagem no Parque Verde do Mondego (Fidalgo, 2010)

O rio Mondego concede a Coimbra uma paisagem inaguardável, a harmonia e a sensibilidade do desenho deste elemento natural sensibiliza os visitantes. No decorrer deste estudo, ao visitar Coimbra foi possível vislumbrar o equilíbrio e a dimensão da importância que o rio oferece à cidade (figura 6). O rio Mondego desenha e consolida a cidade de Coimbra.

Figura 6 Vista sobre Coimbra (Carina Ribeiro 2017)



como o inverno dinamarquês frio. Podemos assim afirmar que o enobrecimento desta área interligada ao rio Mondego possibilitou o desenvolvimento de diversas funções, atribuindo maior importância à zona baixa da cidade. As melhorias do espaço são visíveis e geraram-se novas oportunidades de desenvolvimento económico e cultural.

3.2. (Re)nascer do Choupal – Rio sizandro

O Jardim do Choupal situado na cidade de Torres Vedras, é um importante e histórico espaço público da cidade. A requalificação do parque do Choupal foi promovida pela Câmara Municipal e integra-se no programa Pólis, executada por Oliveiras S.A e que contou com a coordenação técnica do Arquiteto João Ferreira Antunes, e concluído a 6 de setembro de 2015. Pretendeu-se criar uma nova centralidade em Torres Vedras e um ponto de partida para a reabilitação da zona norte da cidade.

Este era um parque anteriormente parado no tempo, degradado pelo passar dos anos (figura 7), em grande parte devido à rebeldia de alguns grupos de jovens. Antes do projeto se executado a cidade de Torres Vedras desenvolvia-se essencialmente no centro, onde existem as escolas secundárias e as básicas. É nesta área central que se fomentam as relações entre os cidadãos sendo que os os estudantes e os cidadãos em geral não viam a necessidade de se deslocar à zona baixa da cidade, onde se insere o parque do Choupa. Com a construção da Arena Shopping (2007), as pessoas começaram a deslocar-se mais neste sentido (área baixa da cidade), muitas delas a pé, inclusive. Contudo o Choupal funcionava como barreira pois o seu caráter sombrio e ambíguo, causado pela descaracterização e desfuncionalidade, não convidava ao seu uso.

A requalificação do parque do Choupal foi distinguido em dezembro de 2016 com o prémio Nuno Teotónio Pereira, atribuído pelo Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, na categoria «Reabilitação ou Requalificação de Espaço Público». Este projeto teve como premissas primordiais:

«A valorização paisagística de toda a área, a ligação criada entre as margens do rio Sizandro através de duas pontes que

permitem a circulação pedonal e ciclável, associada à valorização deste troço da linha de água e a reconversão de uma zona urbana degradada foram os pilares desta obra. (figura 8)

Este afigura-se como um parque contemporâneo assente nos fundamentos da sustentabilidade, onde se integram harmoniosamente os edifícios existentes (Ermida e antigo Posto de Turismo) com os novos equipamentos (cafetaria, Atelier dos Brinquedos, equipamento infantil e parque de merendas).»(figura 9) (Camara Municipal de Torres Vedras , 2016)

Em 2015 ocorreu a alteração da localização da rodoviária, para a área da expo Torres, inserida também ela na zona baixa da cidade, e nas preferias do parque do Choupal. Este foi efectivamente o momento do lançamento para o projecto de requalificação do Choupal.

«O jardim do Choupal foi alvo de uma reabilitação com modelação do respetivo terreno e a instalação de relva, de árvores, bem como de revestimento herbáceo-arbustivo, de uma cafetaria, de percursos ciclo-pedonais, de áreas de estadia e a criação de uma área de estacionamento. A fonte ornamental já anteriormente existente foi recuperada e a Vala dos Amiais reaberta e embelezada.» (Camara Municipal de Torres Vedras, 2016)

Este jardim passou a dispor de iluminação pública e de um sistema de rega cuja água é proveniente de furo, constituindo-se assim como mais um espaço verde sustentável do concelho. As margens do Sizandro foram igualmente alvo de intervenção, não só com a reformulação dos seus espaços verdes, mas também com a criação de percursos ciclo-pedonais, sendo ainda de referir a construção de um açude no leito do rio (figura 10). Estas alterações alteraram o modo de

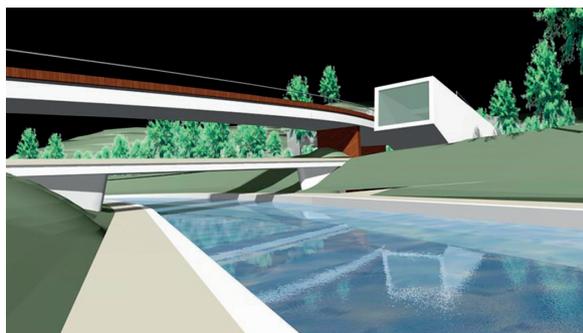
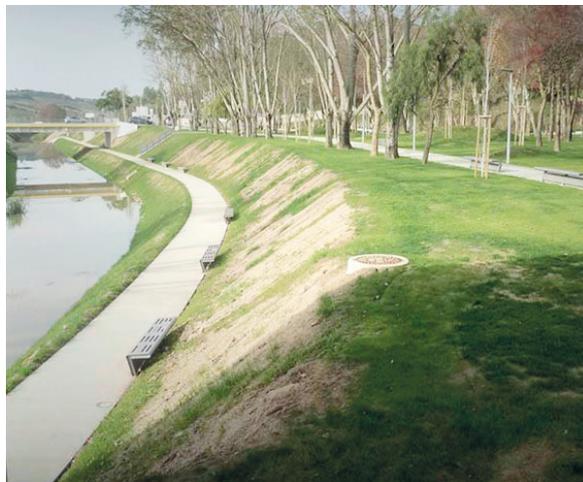


Figura 7 Fotografia de 2013 que retrata o estado do jardim antes da sua reabilitação

Figura 8 planta de implantação (Costa, 2014)

Figura 9 3D correspondente ao espaço do atelier de brinquedos situado junto à margem do rio Sizandro (Pogi-tape, 2015)

Figura 10 fotografia de uma prepectiva do açude construído no rio (Pogitape, 2015)

Figura 11 fotografia do Jardim do Choupal, 2015 (Blog da Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras, 2015)

vivenciar o espaço, nomeadamente no que diz respeito aos jovens do secundário, que se deslocam nas suas horas de almoço até ao jardim, para usufruir de um espaço verde de excelência, esta afirmação é comprovada através das avaliações executadas pela Câmara Municipal de Torres Vedras:

«A reabilitação urbana de uma área que se encontrava degradada veio revitalizar e trazer uma nova coerência ao tecido urbano, funcionando como um eixo estruturante de ligação entre a zona norte e o centro histórico da cidade. O Parque do Choupal promoveu o acesso à natureza e a alteração de hábitos da população, com impacto na redução do índice de sedentariedade e incremento na sociabilidade» (figura 11).

3.3. Nadar no Flussbad - Berlim

Este projeto surge com um conceito diferente dos apresentados acima. O projeto em Berlim baseia-se essencialmente no aproveitamento das características peculiares do rio Spree que banha a cidade.

A ideia fundamental subjacente a este projeto é filtrar a água que entra pelo canal Spree, no distrito de Mitte, de forma ecológica e fazê-lo fluir para o rio *Flussbad Berlin*, como é descrito no site oficial do projeto:

«One day, when visitors to the Flussbad Berlin swim their laps in the crystal clear water of the Spree, we will know for certain that we have successfully implemented a very special project. The Flussbad will not only clean a section of the Spree Canal, it is also set to contribute to the sustainable development of Berlin. The Flussbad will attract residents and guests to the

centre of the city, thus granting Berlin's historical core an additional, forward-looking role as a place to explore many of society's current values and issues, including ecology, sustainability and participation. In other words, the Flussbad is about much more than just swimming in the Spree.»

Flussbad Berlin e.V, 2015-2016

O projeto foi concebido por um grupo de arquitetos e artistas conhecidos como *realities: united*. Este conceito tem como principais apoiantes o Ministério Federal do Meio Ambiente da Alemanha e o Departamento do Senado de Berlim. Para a concretização deste projeto foi criada uma associação sem fins lucrativos – *Flussbad Berlin* – esta coletividade tem como premissa primordial a promoção da realização do projeto. (Anonimo, 2016)

O projeto intitulado Flussbad Berlim (figura 12) é composto por diferentes premissas e preocupações, onde estão incluídas questões como a limpeza do rio, de forma a criar um espaço público atraente no meio da cidade. O objetivo fulcral deste projeto prende-se essencialmente pela criação de uma área de atração para os cidadãos, e não pelo seu carácter comercial que obviamente também está presente. (Anonimo, 2016)

O grupo de arquitetos envolvidos neste projeto previu três áreas distintas de intervenção ao longo do leito do rio, a primeira grande área, designada «Naturnaher Flusslauf» (figura 13), localizada a oriente, pretende ser transformada numa zona ecológica, através de águas menos profundas que permitem a reprodução de fauna e flora. Este lugar cria uma nova ponte ao nível da água, serve desta forma como um convite para a descoberta do canal.

Figura 12 planta de localização de Flussbad Berlim

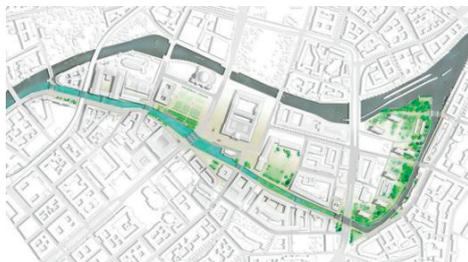


Figura 13 área «Naturnaher Flusslauf»





Figura 14 área «Natürlicher Wasserfilter»

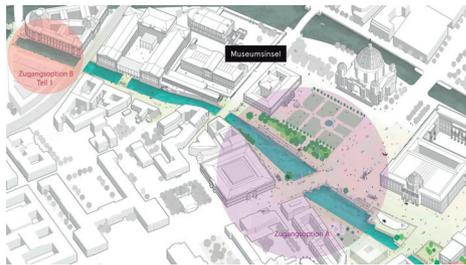


Figura 15 área «Schwimmbereich»

A segunda área intitula-se *Natürlicher Wasserfilter* (figura 14) localiza-se entre a ponte Gertraud e o Foreign Office. Esta área é composta por um filtro de plantas ecológicas, cujo objectivo centra-se na limpeza rio, que está contaminado principalmente por descargas ocasionais de sistemas de esgotos. Ao longo dos 400 metros de comprimento do rio, as águas são limpas através de uma camada de plantas e cascalho, é durante este processo que se dá a limpeza microbiológica.

A terceira e última fase «Schwimmbereich» (figura 15), a designada área de natação. Esta área, até então inexplorada, é agora um espaço natural no centro da cidade com escadas espaçosas, por exemplo, junto ao Lustgarten ou ao Fórum Humboldt, que permitem diversas atividades lúdicas. Este local oferece um novo espaço público à cidade, possibilita uma nova perspectiva sobre a cidade histórica e cria um novo uso, através da percepção e importância para o centro histórico (figura 16). Assim, a importância cultural e social é reforçada ao longo do curso do rio. (Anonimo, 2016)



Figura 16 área junto ao centro histórico de Berlim (Alves, 2011)

Este projeto é por si só um modelo ecológico dos recursos naturais numa cidade.

O Berlin Flussbad Cup (figura 17) é uma competição de natação no Canal Spree e é realizada em frente ao centro histórico de Berlim. Além da competição de natação esta competição potencializa a experiência no sentido mais cultural e museológico no centro de Berlim, e constitui um sinal para a protecção da água.

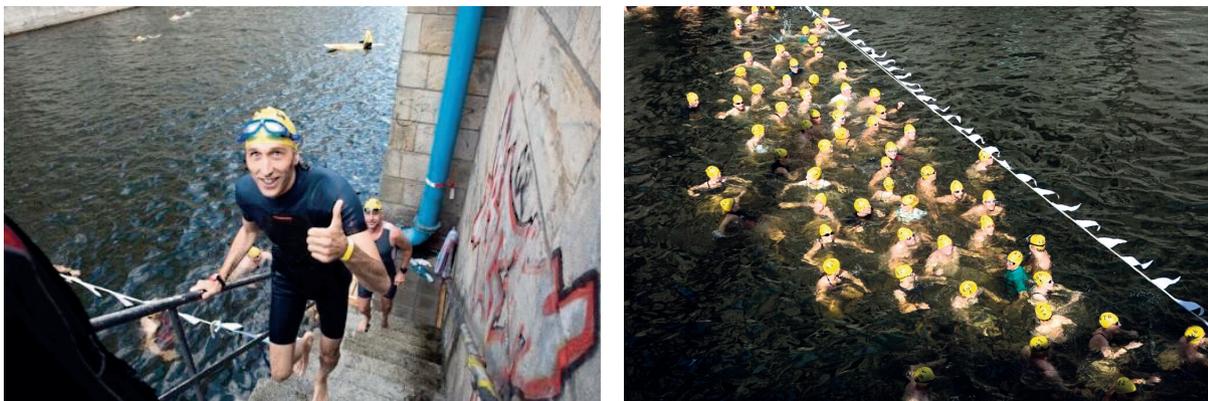


Figura 17 Flussbad Pokal 2016

3.4. Praia de Copenhaga - BIG

VIN – Vinterbad Bryggen, é um projeto de Bjarke Ingels, localizado em Copenhaga. Este é um novo lugar de banhos de inverno (figura 18), nas Ilhas Brygge e é incorporado como uma extensão natural do Porto existente. O convés de madeira, já projetado pelos BIG anteriormente, permite estender o Porto de forma a projetar as saunas e banhos termais.

A experiência do banho de inverno é baseada no contraste - entre frio e calor - fora e dentro. Durante o verão, a superfí-



Figura 18 zona de banhos interior - sauna e águas termais (BIG, 2012)



Figura 19 superfície inclinada multifuncional (BIG, 2012)

cie inclinada do telhado funciona como um anfiteatro voltado para as piscinas (figura 19). (BIG, 2012)

A extensão do Porto para sudoeste permite regularizar a forma da zona de banhos, formando um retângulo perfeito (figura 20). A entrada para os banhos de inverno, saunas e águas termais, é realizado através de um eixo central. Este eixo é um corte na plataforma da extensão da calçada central que envolve a praia artificial de copenhaga (figura 21). Para além de todas as características acima mencionadas, este projeto oferece uma superfície inclinada – terraço – esta superfície permite a estadia dos utilizadores, quer sentados, quer deitados, de forma a usufruir do espaço em todas as vertentes (figura 22).

Este terraço oferece uma panóplia de usos, desde a mais simples que se concretiza no vislumbrar da vista, incluindo a visualização de todas as piscinas que compõem esta praia artificial (figura 23). (BIG, 2012)

VIN não se restringe somente ao inverno, é apreciado por turistas e residentes no verão, nesta época juntam-se na praia urbana das ilhas Brigge centenas de pessoas (figura 24). A popularidade deste lugar aumentou nos últimos anos, existem diversas atividades que enfatizam a importância do projeto dos BIG para a população: Winterbad Bryggen, decorre na véspera de ano novo e reúne multidões num banho público com a temperatura da água a cerca de 3°C (figura 25).



Figura 20 Extensão do porto para sudoeste (BIG, 2012)

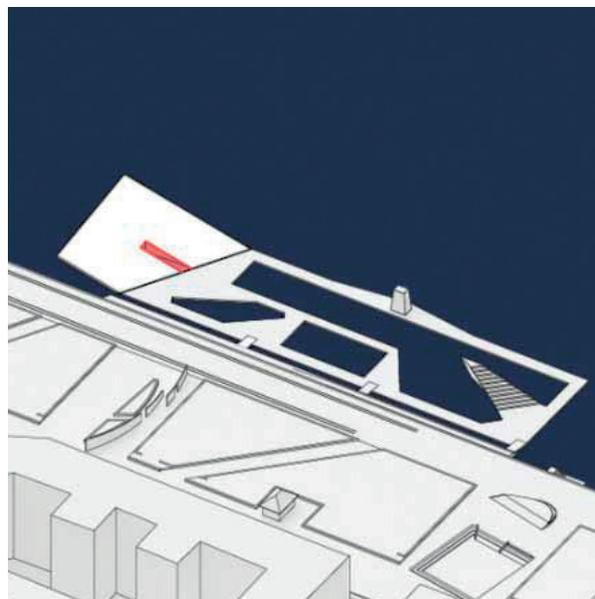


Figura 21 Eixo central de entrada para a zona de banhos de inverno (BIG, 2012)



Figura 22 terraço multifuncional (BIG, 2012)

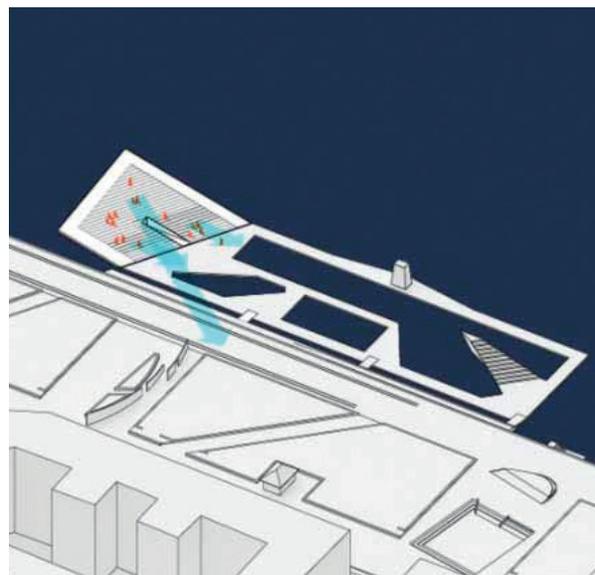




Figura 23 fotografia da vista geral das piscinas e terraço em Copenhaga (BIG, 2012)



Figura 24 VIN - Vinterbad Bryggen (Wonderful Copenhagen , 2012)



Figura 25 VIN - Vinterbad Bryggen - Winterbad Bryggen (Hansen, 2013)

No interior, os banhos quentes, muito apreciados de inverno proporcionam ao utilizador uma experiência única. Para além de desfrutar de um banho de águas quentes e spas (figura 26) é possível apreciar todo o complexo de praias artificiais de águas geladas. O atelier BIG e Vinterbad Bryggen juntaram-se aos esforços para estender o Banho de Porto de Copenhague existente, com saunas, café e instalações para banhos de inverno para beneficiar a comunidade durante o verão, bem como no frio inverno dinamarquês.

Podemos assim identificar que a extensão do Porto trouxe mais vida e atividades para a ilha Brygge (BIG, 2012).



Figura 26 VIN - Vinterbad Bryggen - spa (BIG, 2012)

4.
O LUGAR DO RIO DE ALENQUER



*Eu já disse, mas vou repetir:
Não se represa um rio,
Não se engana a natureza,
Faça a represa o que quiser,
Pois o rio cedo ou tarde vai arranjar um jeito de rasgar a terra,
Abrir um caminho,
E voltar a correr em seu leito de origem*

FERNANDO PESSOA

4.1 Alenquer e a sua identidade

Na construção da identidade, existem dimensões e características físicas, que são integradas pelo sujeito por meio da interação com o ambiente. Neste sentido, a identidade de lugar é uma componente específica do próprio «eu» – cada indivíduo vive a experiência do lugar de formas divergentes tendo em conta os modelos culturais, sociais, estilo de vida, entre outros. (Tuan, 1983)

Alenquer, vila da estremadura, situa-se onde «os terrenos marcam a transição entre as superfícies dobradas e erodidas do Jurássico e do Paleogénico e a planície aluvial do Tejo» (Paviani, 1968, p. 33). A vila é rodeada de planícies e montes povoados de pomares e vinhas, cujos campos se fazem hoje parte do património da vila. Do alto destes montes vizinhos oferece-se uma agradável vista às memórias das idas antiguidades. A fortaleza dos muros do castelo, fiéis e defensivos, que como forma guerreira intentaram a sua conquista, como consta nas memórias inefáveis de venerados escritores, como Luis Vaz de Camões na afamada obra *Os Lusíadas*. Nestes campos, onde tantas vezes se brandiram as lanças mouriscas, tremularam as bandeiras dos celtas.

A geografia e a história esculpam a fisionomia desta vila tornando-a peculiar. O geógrafo Aldo Paviani descreve a vila como sendo «um sítio de tipo clássico para vilas antigas de Portugal» retratando-a:

«a alta declivosa e a baixa prensada entre duas colinas de pouco mais de cem metros, fruto do encaixe da meândrica ribeira, que lhe dá fisionomia tão característica. Alta e Baixa, como acontece em outras vilas alcandoradas, são ligadas por estreitas, tortuosas e íngremes ruas, entrecortadas por becos, travessas e escadinhas, que bem atestam o emaranhado urbano que a topografia e o legado mouro souberam decalcar».

³ Guilherme João Carlos Henriques foi investigador e erudito, recolheu, entre outros elementos da sua valiosíssima biblioteca, uma preciosa coleção de cartas dirigidas ao Marechal Saldanha

A *ribeira* que a caracteriza e dá *fisionomia* a Alenquer passou por diversas fases como descreve Guilherme Henriques³, em 1435 «enchente e tremor de terra» em meados do século XVIII foi redigido um documento que mencionava a precária travessia da ribeira, por falta de pontes, embora no início do século XIV, a rainha Santa Isabel tenha mandado colocar cinco pedras para facilitarem a passagem. Paviani que nos seus estudos sobre a vila de Alenquer, parafraseou o Padre Luís Cardoso que descreve com clareza a presença destas cinco pedras sobre o rio: «ainda se conservão no mesmo lugar immoveis às enchentes do rio, que derruba, e desfaz edificios e nunca pode abalar as taes pedras» (Paviani, 1968, p. 36)

Quando se pensa em Alenquer é incontornável pensarmos, para além do edificados e das ruelas do centro antigo, no rio que anteriormente corria apressado aos pés do vale, porque a 12 quilómetros de distância (em Vila Nova da Rainha) teria encontro marcado com o Tejo. O rio, antigamente navegável, sempre foi fonte de riqueza para a vila, constituindo uma ótima via de penetração e comunicação entre os povos. A importância das atividades realizadas no rio foi enfatizada na carta de foral redigida pela rainha D. Sancha:

«E darão (...) carga de besta de pescado um dinheiro, e de barco de pescado um dinheiro (...) os pescadores darão o décimo (...) Da carga de madeira que vier pelo rio, de que até agora davam oitava, darão o décimo. Da alcaidaria (...) e de cada barco de peixe miúdo onze dinheiros, e de todo o outro peixe darão o seu fôro. Quanto aos navios mando que o alcaide, dois remeiros, dois arrais e um calafate, tenham foro de cavaleiros.» (Henriques, 2005, pp. 51-56)

Alenquer é então um concelho de memórias repleto da presença inspiradora de tempos passados. Em 1758, o prior de Santiago – Paulo da Veyga redige o seguinte trecho acerca da construção das azenhas:

«4ª Não é navegável senão um quarto de légua junto ao lugar da Vila Nova e são barcos, bateiras e fragatas as embarcações que o frequentam. E se não tivesse o impedimento dos açudes dos moinhos poderia chegar a mesma navegação a Alenquer.

5ª é quieto na carreira, e só quando encontra açudes é que faz estrondo.

14ª desde o seu nascimento até onde encontra a maré tem onze açudes que lhe embaraçam ser navegável.

16ª do nascimento par baixo tem catorze moinhos, e nestes quarenta e quatro mós de moer grão todo o ano, e em muitos deles lagares de azeite»

Paulo de Veyga cit por Martins, 2008, p. 57

Como acima mencionado, os lugares estão também eles intimamente relacionados com as mitologias e lendas, e a Vila de Alenquer está repleta destas relíquias, entre as quais o *milagre das rosas* descrito por Francisco Telles – escrivão da confraria em 1561.

«n'um livro velho que se achou na câmara d'esta villa, havia uma escriptura feita por tabellião pela qual constava que Santa Isabel sonhara que era vontade de Deus que ela fundasse uma igreja ao Espírito Santo, junto ao rio, e que mandando abrir os alicerces os achara já riscados e principiaados sem saber por quem, não tendo havido nas vespera signaes de tal obra. Mandando principiar a construção, no primeiro dia indo a Santa ver, deu uma rosa a cada pedreiro e servente, que eles guardaram em sitio occulto até á noite. Quando

ao largar do trabalho procuraram as rosas, acharam no lugar de cada rosa um dobrão de oiro.»

Camara Municipal de Alenquer , 2006-2017

Esta lenda enfatiza a importância que o rio tem desde tempos remotos, pois é precisamente junto ao rio que seria erguida a igreja do Espírito Santo, mais uma vez, é o rio uma referência no lugar. Por ter um rio navegável, Alenquer outrora foi um elo de ligação fluvial funcionando como elo de comunicação entre populações. Nos dias de hoje o rio tem um comportamento desviante na cidade já que funciona maioritariamente como limitação no espaço.

Esta vila da estremadura, é um lugar repleto de identidade, com uma carga histórica insígnia. Alenquer tornou-se num lugar fulcral na nossa história pela sua localização junto ao rio Tejo, pela navegabilidade das suas águas, e desta forma pelo comércio implícito à comunicação entre povos, pela via marítima.

Esta visão, esquecida no passado, sofreu alterações incontornáveis devido ao processo de industrialização. Durante o período de industrialização a corrente do rio seria aproveitada para imprimir movimento às rodas hidráulicas que moviam os cilindros de destroçar trapo e aos fusos onde a lã se tornava fio. Damião de Goes quando descreve a vila banhada por correntes do Tejo diz-nos que: «na base de Alenquer (...) nasce um rio...» (Goes, 1554, p. 61), também Luís Vaz de Camões imortaliza esta vila, o murmúrio doce da água que submerge a vila são pontos sensíveis para o poeta: «por onde soa/ o tom das frescas águas entre as pedras/ que murmurando lava».

Alenquer é um livro de memórias de saberes e de gentes, com identidade, e história, é com base nesta simbologia que podemos olhar esta vila como sendo um lugar de recordações

e vivências. O rio de Alenquer é um ponto de destaque na paisagem, situado no local de contacto entre a planície e a região montanhosa. É um ponto de charneira na morfologia e geologia da paisagem, parece haver uma simbiose entre o Homem e a natureza. A ocupação do lugar faz-se na sequência de seleções de sítios específicos, de forma a corresponder a diferentes necessidades, ou seja, uma das quais parece ser o controlo de pontos naturais de circulação, quer sejam eles terrestres ou fluviais.

Este tipo de ocupação marca essencialmente uma diferença: entre quem fica e quem está, a posição estratégica é maioritariamente vivida, utilizada para reforçar a presença. O lugar é construído por identidades, memórias, memórias coletivas e identidades coletivas, é possível assimilar o rio de Alenquer como sendo um lugar numa época distante da nossa – é possível atribuir-lhe características pessoais exatamente porque tem significado e história.

O rio no contexto de Alenquer nos dias de hoje pode ser interpretado como um *espaço navegável*⁴ gerador de proto não-lugar. (Manovich, 2005)

⁴ A par das bases de dados, o espaço navegável constitui uma das formas essenciais dos novos media. É já uma forma aceite de interação com qualquer tipo de informação; é uma interface.

Alenquer, ao longo dos tempos foi explorada por geógrafos, fotógrafos e historiadores. Para além do documento publicado da autoria de Aldo Paviani na revista Finisterra de Orlando Ribeiro (Paviani, 1968) também Duarte Belo, Licenciado em Arquitectura (1991), desenvolveu projectos em fotografia sobre Alenquer nos quais podemos verificar as diferenças no desenvolvimento da vila nos registos fotográficos de 1996 e 2000 (figura 27 e figura 28).



Figura 27 vista do rio junto à fábrica da Chemina (Duarte Belo 1996)

Em 1996 (figura 27) podemos observar as margens do rio no seu estado natural, tal como no ano de 2000 (figura 28). O caudal das águas, apesar de já baixo revela uma abundância superior à que hoje presenciamos (figura 29).



Figura 28 vista do rio junto à fábrica da Chemina (Duarte Belo 2000)



Figura 29 vista do rio junto à fábrica da Chemina (Carina Ribeiro 2017)

4.2. Diário de viagem: impressões do lugar

Ainda que os documentos publicados acerca da cultura e vivências de Alenquer sejam inúmeros, as informações a nível histórico sobre a evolução do rio não são suficientes. De facto, conhecer uma terra exige atenção não só sobre a arquitetura e paisagem, mas também à forma como se vive e sente a sua gente. Isso exige tempo.

É com um olhar profundo e fundamentado, longe das premências do tempo, deslumbrado, ainda que não fosse a primeira vez que ali estivesse estado, ainda que os meus olhos tivessem já pousado aquelas casas, hoje é um olhar mais delicado e centrado, o que me permite sentir que Alenquer ficou como que parada no tempo, conservando parte das suas traças desenhadas pela história, e destruindo bruscamente outras, que anteriormente desenhavam e criavam o centro social da vila, como é o caso do curso do rio.

É de forma inevitável, essa indelével paragem no tempo, que necessariamente teve implicações no desenvolvimento socioeconómico da vila, no que diz respeito essencialmente aos espaços públicos de qualidade. É incontornável não mencionar o potencial de Alenquer, não só por ser uma vila cheia de vivências fomentadas pela população, como é o caso do tão célebre presépio de Alenquer, que de uma forma ou de outra, é interpretado como uma forma de trazer pessoas a conhecer a vila.

A presença, o olhar que revela uma sensação de ausência – ausência de estar, permanecer nos espaços públicos, como é o caso do jardim junto à fábrica da Chemina que, no decorrer do dia, tem apenas como usuários os idosos que se dirigem para o centro de dia. A dificuldade na mobilidade é um ponto fulcral sendo que o próprio espaço revela uma carência no

que diz respeito a respostas a quem tem mobilidade condicionada, grave essencialmente por este ser um local de passagem e acesso ao centro de dia.

O estudo do espaço público por excelência foi arduamente explorado por Jane Jacobs, que defendia a existência de ruas bem delimitadas distinguindo o espaço público do espaço privado, que é muitas vezes esquecido ou pouco vivido na vila de Alenquer, nomeadamente nas periferias do rio. Em redor do rio, embora existam passeios bem delimitados, o que permite uma passagem em segurança por parte dos transeuntes, é nítida a carência de espaços públicos de lazer nomeadamente para as crianças.

Os parques, e sobretudo as ruas funcionais são cruciais para o desenvolvimento social de uma comunidade, como é possível apreender através das palavras de Jane Jacobs:

«Quanto mais uma cidade consegue misturar nas suas ruas funções diversas e cotidianas, mais ela aumenta as suas probabilidades de poder, naturalmente e com poucos gastos, animar e manter parques bem localizados; reciprocamente, estes convertem-se então para a vizinhança em fonte de prazer e de beleza, deixam de ser lugares vazios e aborrecidos»

JACOBS, 1998

Como é possível observar, hoje em dia o rio está descuidado (figura 30) De facto, este não é utilizado como elo de ligação que fomenta relações, nem como elemento estruturante de espaços de lazer. Atualmente as margens do rio são utilizadas como estacionamento, quebrando a potencialidade de proximidade entre estabelecimentos de comércio, como é o caso da restauração, que teria muito mais a ganhar se privasse de uma vista desafogada para o rio.



Figura 30 fotografia do Rio Alenquer 2017
(Carina Ribeiro 2017)



5.
HISTÓRIAS DE VIDA DE ALENQUER



5.1. Metodologia de análise

A ciência é de certo modo incompatível com o entendimento sociológico, no sentido em que o objeto de estudo da sociologia – a vida social – é constituída por fatores imprevisíveis. «A sociologia será o estudo das causas e das consequências, mas não poderá deduzir consequências a partir das causas». (Patricio, 2007, p. 12) Dentro deste quadro, procuro entender, utilizando uma metodologia provinda das ciências sociais, a importância do rio na formação de identidade e de que modo esta identidade foi mudando ao longo das gerações de cidadãos que viveram e vivem em Alenquer.

A recolha etnosociológica de narrações de vida é um instrumento que procura extrair os saberes práticos orientados pelo propósito do conhecimento do investigador, que perante os discursos das experiências de vida dos indivíduos conduz-nos de forma direta a um contexto social na sua essência: formas de vida, ações e modos de funcionamento.

A interpretação de histórias de vida permite caracterizar essencialmente a prática social de um grupo, ou conjunto de indivíduos. A «entrevista individual», direta ou indiretamente, possibilita o entendimento de uma quantidade de definições e atitudes. «A história de vida é enriquecedora do ponto de vista reflexivo na medida em que permite ao indivíduo refletir sobre a sua história enquanto a descreve.» (Ramalho, 2011)

No seguimento desta lógica, neste trabalho, a realização de entrevistas tornou-se crucial para uma interpretação aprofundada do lugar de Alenquer, para investigar factos inesperados, explorar as respostas dadas pelos inquiridos e aprofundar o conhecimento sobre o tecido social de Alenquer. A metodologia utilizada para a realização destas entrevistas foi a seguinte. As entrevistas foram realizadas presencialmente

em Alenquer, a autóctones de diferentes idades, entre idosos, utentes do centro de dia, a jovens, em idade escolar. As perguntas surgiram no decorrer da conversa centradas no tema que envolve toda esta pesquisa – o rio. (Cohen & Morrison, 2007) Durante os meses de maio e junho foram realizadas 5 entrevistas.

5.2. Testemunhos

Em Alenquer «são frequentes as ruas íngremes e tortuosas, às vezes em escadaria, estreitas, para aproveitar espaço e escapar à ardência da canícula». (Paviani, 1968). Esta descrição de Orlando Ribeiro, citada por Aldo Paviani, caracteriza profundamente a vila de Alenquer. Esta vila «enraizada no passado» foi outrora um grande centro de trocas sociais, caracterizando-se por ser um meio de comunicação fugaz.

O primeiro objetivo das entrevistas realizadas foi o de obter testemunhos sobre a vivência do Rio de Alenquer no passado e no presente.

A entrevista realizada a uma senhora idosa, nascida em Alenquer, trabalhadora da fábrica da Chemina e que vivenciou todas as alterações executadas ao rio, revelou que a apreensão do lugar do rio é muito forte: «o rio não era ali, era do outro lado, na outra avenida. O rio mudou para este lado porque havia muitas cheias, em 1950, inundava tudo. A rua Triana era sempre a pior. Quando eles passaram para este lado, no meio, havia um largo muito grande, onde também havia outra fábrica, a chamada fábrica do meio. Havia uma praça do comércio. A nossa vila era muito bonita.»

Quando questionada acerca da vivência com o rio, esta senhora, falou com uma grande mágoa, afirmando: «As pes-

soas iam tomar banho ao rio, iam nadar ao rio. Havia barcos, muita água. Nos tínhamos tanta água, que lá mais perto do Tejo, havia um buraco, que por ter tanta força se chama, buraco dos morcegos. Quando chovia era uma coisa linda.» Esta afirmação é confirmada por uma gruta que ainda hoje é visitada, junto à vila de Alenquer, chamada lapa dos morcegos.

«É uma gruta com entrada a meia encosta suspensa cerca de 8 metros acima do fundo do vale, onde, após uma dezena de metros de percurso, se encontra um sifão com água que impede a progressão.»

Calçada & Crispim, 2014

Com a alteração do curso do rio, a vivência e a proximidade com as águas alterou-se por completo: «Estragaram Alenquer quando mudaram o rio. Estragaram tudo, o comércio, tudo. O rio está muito separado das pessoas, não há relação nenhuma». Esta declaração, proferida pela senhora, espelha-se nos estabelecimentos comerciais, que vivem dificuldades, muitos deles devido à fraca relação com as margens do rio.

As águas do rio eram consideradas medicinais como foi esclarecido por esta Alenquerense: «A água era muito boa, para tratar doenças». Para além desta afirmação que remonta a tempos idos, também muito se disse nesses tempos citando Costa, (Paviani, 1968), através dos registos publicados – Caracterização Geográfica da vila:

«(...) a fonte de Triana, a da Rainha Santa Isabel, cuja água se tem por milagrosa, e é tradição que nela se lavava a Rainha», «são as águas deste rio medicinais, porque os seus banhos curam achaques, que procedem de intemperanças quentes, e os males cutâneos a que chamam do fígado. Por ser ele rio muito vizinho de Lisboa vai muita gente a ele tomar banhos no Estio,

e ordinariamente costumam remediar as ditas queixas, ou seja, porque a sua água lhes aproveite, ou por milagre da Rainha Santa (...) Não tem casas determinadas para os banhos, mas costumam pela borda do rio fazer barracas, em que os tomam»

Estas vivências proporcionavam a vinda de muitas pessoas a Alenquer, quer para «curar os males», quer para visitar a Lapa dos Morcegos, e muitos outros viriam apenas para se banharem no grande rio Alenquer.

Na sequência do trabalho de campo, no decorrer do mês de maio foi realizada uma segunda entrevista a um casal de idosos, usuários do centro de dia de Alenquer. Este casal residente em Alenquer, contam com 82 e 80 anos de vida. Quando colocada a questão acerca da presença do rio, a resposta não poderia ser mais clara:

«Aí que tristeza, antes havia tanta água, agora está desprezado. Nos tomávamos banho nestas águas»

Para além desta afirmação tantas vezes proclamada pelos residentes de idades mais avançadas, foi mencionada a existência de inúmeras pontes:

«Existiam aqui pontes que hoje dão lugar a outras com nomes e formas diferentes, como a ponte espírito Santo, que foi demolida quando alteraram o rio nos anos 40, com a desculpa que esta mesma ponte estrangulava o rio ao ponto de provocar cheias».

A ponte Espírito Santo é a que atualmente faz a travessia entre o largo Espírito Santo e o Largo Palmira Bastos, ainda antes desta ponte (antes dos anos 40 e depois dos anos 40) neste mesmo lugar erguia-se uma outra, datada de 1571, descrita pelo Padre Luís Cardoso como sendo «mui-

to bem-feita e forte». Como símbolo de memória do lugar, nos dias de hoje, podemos observar no jardim do Parque Vaz Monteiro um padrão no qual está inscrito: «Reinando el-rei D. Sebastião mandou ao concelho desta vila fazer esta ponte em 1571» (Lourenço, 2015)

A história das pontes foi sendo construída e desconstruída pelo orador, com o fascínio de tempos idos, tendo sido mencionada ainda a ponte de Santa Catrina, que será uma das pontes mais antigas da Vila. Esta afirmação é justificada pela citação de Damião de Goes em 1560: «(...) de algumas cousas que mandei e dei a egrejas d'este reino (...)» e, entre elas, diz «fundou outra missa cantada em perpetuo, em dia de Ascensão, para a qual e para fábrica da capella-mór, deixou uma hypotetheca de 10 cruzados annuaes sobre uma horta que possuía á ponte de Santa Catharina». (Lourenço, 2015)

Esta ponte foi apreciada por inúmeros escritores, incluindo Albino Figueiredo, administrador deste concelho em meados do século XIX, que nos seus escritos mencionou esta mesma ponte:

«Uma pessoa, verdadeira e proba d'esta villa, e que ainda não tem 70 annos, conheceu a ponte de Santa Catharina tão alta que daria passagem a um barco á vella».

Lourenço, 2015

Finalizado o discurso sobre as pontes, a conversa focou-se maioritariamente na força das águas do rio:

«Estas águas tinham uma força tão grande, era tanta, tanta água, uma coisa inacreditável, para quem conhece Alenquer agora. Mas podem acredita a força da água era tanta que na zona da lapa dos morcegos, aqui na freguesia da Triana, parecia ouvir-se o mar.»

A lapa dos morcegos, muito apreciada pelos turistas, faz parte do vasto património natural de Alenquer.

O João é um pré-adolescente, residente em Alenquer, discente da Escola Básica 2,3 Pêro de Alenquer.

Em junho, mês de interrupção letiva, o João passa grande parte do seu dia na vila de Alenquer. Quando questionado acerca do rio, a sua resposta foi clara e objetiva:

«Quando era mais pequeno, os meus pais não me deixavam brincar junto à margem do rio, diziam que era perigoso por ser muito alto, e como tem pouca água se caísse ia ficar muito magoado. Agora sou eu que não me sinto confortável a passear aqui, (jardim junto à fábrica da chemina), pois este sítio não está com as condições adequadas para se dar passeios, este chão cheio de pó é desconfortável, ficamos sempre sujos.»

No decorrer da conversa, o jovem afirmou a necessidade de uma requalificação dos espaços verdes, pois são estes os lugares onde a maioria da juventude, em época de interrupção letiva, passa grande parte do dia.

A última entrevista foi realizada a uma senhora residente em Alenquer, empregada num café junto à margem do rio, e que tem uma visão detalhada do lugar.

«Alenquer parou no tempo, desde o início de 2000, parece que congelou, não há evoluções, e tudo o que aparece de novo, não é para melhorar o lugar, como o caso dos estacionamento que impedem a vista direta para o rio, sim porque o que nós aqui temos é um rio, deve ser valorizado.»

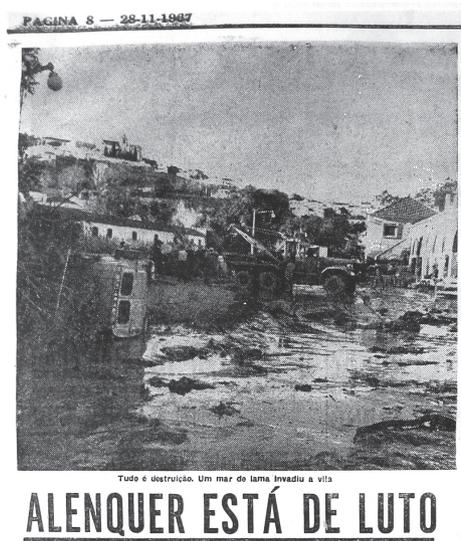


Figura 31 notícia da época – 28 de Novembro de 1967
(wordpress, 2015)

Esta senhora, com cerca de 55 anos, viveu as cheias de 1967 em Alenquer:

«Era pequena, tinha cerca de 5 ou 6 anos, mas lembro-me tão bem das inundações. As chuvas não davam tréguas, em pouco tempo o caudal do rio subiu inundando toda a baixa. Morreram 62 pessoas na altura. Um verdadeiro desastre»

Esta catástrofe foi notícia nos jornais (figura 31) e televisão durante o mês de novembro:

«Em Alenquer, toda a «baixa» da vila ficou completamente inundada! Da ponte do Barnabé (severamente danificada) à Romeira (onde cerca de 6.000 galinhas da Avinova tiveram morte imediata), escoadas as águas, ficou apenas lama, lixo e destroços. A fúria da água não poupou nada! Nem a forças das estruturas industriais existentes conseguiu enfrentar a força destruidora da cheia.» (Santos, 2016).

Aldo Paviani, no decorrer dos seus estudos em Alenquer vivenciou a inundação de novembro, numa entrevista Frederico Rogeiro, assinalou os danos causados na vila:

«A tristeza de ver a baixa, após a inundação da ribeira. As pessoas limpando o barro dos estabelecimentos e das casas. Bati muitas fotos e testemunhei os alenquerenses tentando salvar móveis e objetos, deixando-os secar ao sol, após alguns dias da tragédia meteorológica. Muitos perderam todos os seus bens.»

Paviani, 2014

6.
UMA PROPOSTA PARA ALENQUER



6.1. Princípios de intervenção

Pensar sobre uma proposta para Alenquer implica refletir sobre os espaços públicos. Quando nos debruçamos sobre um tema vastamente explorado surge uma questão primordial: O que será um espaço público bem-sucedido?

Esta questão é vastamente explorada do trabalho da organização Project for Public Spaces (PPS), cuja premissa crucial para se obter um lugar bem-sucedido passa pelo conforto. Para este coletivo a garantia que os usufrutuários possam realizar várias atividades, tendo sempre em conta o conforto e a imagem do espaço é um aspeto essencial no planeamento do espaço público. Na execução do espaço público por excelência surge uma segunda premissa: o lugar sociável, ou seja, o lugar de encontro, que proporciona aos indivíduos interação social.

Os espaços públicos são assim fomentadores de relações, são estes mesmos lugares que permitem trocas sociais e económicas, é de realçar que são estes locais que permitem a permeabilidade cultural, pois é precisamente nestes sítios que se vislumbra o apogeu da interatividade. (Project for Public Spaces, 2009)

Quando pensamos em Alenquer, a primeira questão que surge está relacionada com os acessos e ligações, que influenciam de forma direta ou indireta as vivências do rio. As acessibilidades realizam-se através das ligações entre espaços sejam eles construídos ou naturais. A este nível Alenquer encontra-se servida de ligações de vários tipos (pedonais/rodoviários) e a diferentes cotas (vila alta/vila baixa).

Para existir uma boa conexão entre espaços, devemos ter em atenção as perguntas levantadas pelo PPS:

«Can you see the space from a distance? Is its interior visible from the outside?»

Is there a good connection between the space and the adjacent buildings, or is it surrounded by blank walls? Do occupants of adjacent buildings use the space?

Can people easily walk to the place? For example, do they have to dart between moving cars to get to the place?

Do sidewalks lead to and from the adjacent areas?

Does the space function for people with special needs?

Do the roads and paths through the space take people where they actually want to go?

Can people use a variety of transportation options – bus train, car, bicycle, etc. – to reach the place?

Are transit stops conveniently located next to destinations such as libraries, post offices, park entrances, etc.?»

O conforto e imagem do espaço são fatores a ter em conta, quando se pondera executar uma intervenção num espaço público. Alenquer, apesar do ar descuidado que apresenta o rio, consegue contemplar uma magia única, muito própria de uma vila portuguesa, as suas casas brancas, e os ambientes que se geram nos largos são exemplos dessa vida de vila tão apreciada pelos turistas.

A vila é limpa e segura, contudo carenciada de espaços de qualidade destinados ao lazer. Apesar de muitos lugares para se sentar junto às margens do rio, tanto ao sol como à sombra, estes espaços não são utilizados com muita frequência, em parte devido ao ar desagradável transmitido pela falta de manutenção do rio, bem como aos lugares de estacionamento que servem como barreira visual, tornando o espaço enfadonho.

6.2. Diagnóstico

«Os lugares revelam-se numa enorme ambivalência. Por um lado, temos um espaço despojado, tendencialmente, ausente de uma intervenção humana, é muitas vezes a Natureza intacta, mas sempre, sempre descodificada por um olhar particular. (...) Mas nesta Natureza intacta desenvolve-se a consciência da singularidade de uma espécie e de um conceito recente numa escala geológica, a própria humanidade. Num extremo oposto de uma infinita diversidade de lugares, que sempre se articulam com uma dimensão temporal mutante, temos a mais elaborada construção e afirmação de um carácter diferenciador. São as cidades, o lugar dos homens, o poderoso, mas muitas vezes efêmero, desenho de um espaço próprio de habitar, que cada vez mais se afasta dessa Natureza onde se joga uma vida com regras um pouco diferentes.» (Belo, 2011)

Nesta ambivalência, a vila de Alenquer desenha-se enquanto espaço de habitar – espaço do Homem – é reconhecida pela paisagem, caracterizada pela morfologia do território e à forma como este foi ocupado. A requalificação dos espaços públicos é um desafio assente nas condições territoriais, a recuperação do espaço pedonal e a requalificação dos centros são premissas primordiais no redesenho de Alenquer, estes princípios pretendem criar zonas de atratividade.

Para um estudo mais aprofundado da vila foi crucial interpretar os mapas elaborados por Frederico Rogeiro no âmbito do plano de reordenamento da baixa de Alenquer (Rogeiro, 2014). Este plano de reordenamento, lançado pela câmara Municipal de Alenquer, surgiu no âmbito de analisar o território economicamente.

Numa primeira instância foi executada uma análise à localização de estabelecimentos e fluxos de pessoas. Neste âmbito foram interpretados os mapas analíticos – frequência de estabelecimentos e de pessoas, circulação rodoviária, atratividade, conforto e interesse – elaborados no seguimento da estratégia de reordenamento da baixa de Alenquer, em 2014 (figura 32 a figura 37).

Figura 32 Localização, tipo e frequência (estimada) de estabelecimentos (Rogei, 2014)

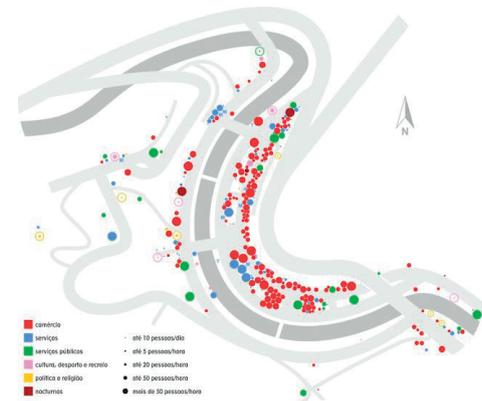
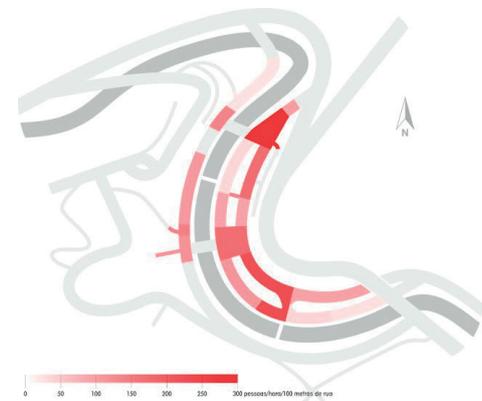


Figura 33 Frequência de pessoas nas ruas decorrente das frequências estimadas dos estabelecimentos. (Rogei, 2014)



A vila Alta, foi considerada o primeiro centro de Alenquer, remonta aos tempos medievais. A rua da Triana, é considerada a mais importante na formação da vila, sendo até aos dias de hoje a mais movimentada.

«Neste lado da Triana, vemos que a ocupação se estrutura sobre dois corredores paralelos: um deles (a Av. 25 de Abril) corre ao lado do rio e data das grandes obras dos anos 40. O outro, interior, apesar de já largamente renovado, é notoriamente mais antigo, como testemunham ainda alguns dos seus edifícios.»

(Rogeiro, 2014)

A frequência dos mapas acima (figura 32 e 33) é calculada por cada secção de 100 metros de eixo. Como se pode verificar foi executada uma análise centrada na Vila Baixa, pois é nesta área que se encontra maior concentração de estabelecimentos. «A delimitação que fazemos é semelhante à que consta do regulamento municipal do estacionamento, entre o Largo Rainha Santa Isabel e a estrada nacional, incluindo, do outro lado do rio, a Av. dos Bombeiros e o Largo do Espírito Santo.» (Rogeiro, 2014). A localização dos estabelecimentos reflete a densidade de frequências nas ruas, neste sentido a rua da Triana, o largo junto ao mercado e o largo Rainha Santa Isabel são referências no que diz respeito ao fluxo de pessoas.

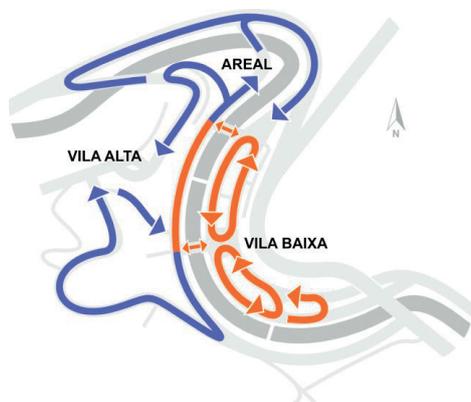


Figura 34 Circulação rodoviária interna. (Rogeiro, 2014)

Numa perspetiva relacionada com a circulação, a vila contém vastas vias de funcionamento. «Na vila Baixa, quase todas as vias são de sentido único, complementando-se em circuitos, o que constitui um acréscimo de conforto e segurança, embora também um maior consumo de espaço.» (Rogero, 2014). O largo da Palmeira Bastos e o Espírito Santo, são os principais centros de distribuição de trânsito, o largo da Rainha Santa Isabel funciona como eixo de ligação entre o Areal e a Vila Alta, e recebe o trânsito de acesso à vila pela EN-9. (figura 34) (Rogero, 2014). No seguimento da lógica de circulação é de salientar as horas de maior afluência:

«Apesar de nas horas úteis o tráfego ser intenso na Vila Baixa, e pontualmente sujeito a algum abrandamento, não se verificam congestionamentos significativos. Estes acontecem mais frequentemente por estacionamento abusivo, redutor do espaço ou da visibilidade, do que pela existência de algum ponto crítico resultante do estreitamento das vias ou de algum cruzamento cronicamente difícil.» (Rogero, 2014)

O estacionamento abusivo na vila é um ponto crítico, pois funciona como barreira visual entre as zonas de lazer (jardins, esplanadas ...) e o próprio rio, este problema agravasse devido ao fato dos paquímetros estarem localizados junto às margens do rio.

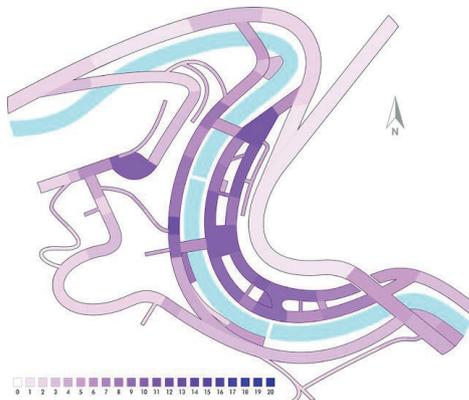


Figura 35 Índice de atratividade Territorial: Atratividade
(Rogero, 2014)

A terceira análise realizada centra-se na atratividade (figura 35), a vila Baixa destaca-se como sendo a área mais atractiva sublinhando a Triana, o largo do Espírito Santo e o largo da câmara como sendo a zona com maior índice de atratividade comparando com as restantes zonas.

«A atractividade é, mais que uma qualidade intrínseca do território, uma noção subjectiva das pessoas e das comunidades, resultante de uma infinidade de factores que se articulam, inter-adaptam e relacionam de formas nem sempre fáceis de compreender ou controlar. Isto torna-se mais claro quando um mesmo território, mesmo evoluindo nas suas características, se torna menos atractivo, porque as pessoas mudam de expectativas ou porque outros territórios os suplantam.» (Rogeiro, 2014)

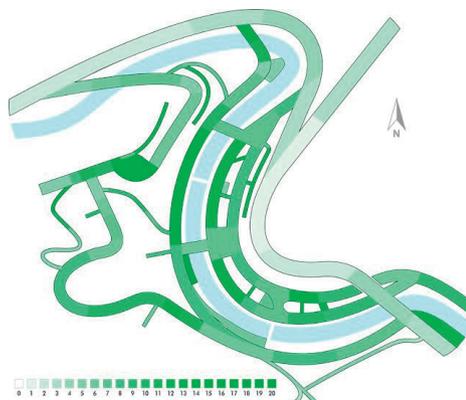


Figura 36 IAT: Conforto (Rogeiro, 2014)

Relativamente ao mapa de conforto (figura 36) significa que existe em Alenquer – concretamente na Vila Baixa – zonas atrativas contudo desconfortáveis.

«o conforto é um dos índices que compõe o índice de atractividade de um território, é o mais independente dos outros, visto ser o único que não depende directamente da ocupação, mas apenas das características do meio.» (Rogeiro, 2014).

A Rua de Triana e a Rua Sacadura Cabral, apresentam níveis bastante mais baixos de conforto, que as margens opostas do rio, este fenómeno deve-se:

«ao arejamento e à paisagem das vias ribeirinhas, mas também em larga medida às recentes obras de requalificação a que estas foram sujeitas. O índice de conforto mais alto é o do Parque Vaz Monteiro.» (Rogeiro, 2014).



Figura 37 IAT: Interesse (Rogeiro, 2014)

No seguimento da análise do local, o mapa de interesses (figura 37) é fundamental para uma compreensão aprofundada da diversidade típica de cada zona: terreno, paisagem e aos elementos naturais e edificados. É de salientar que nesta análise à imagem do que foi realizado para executar o mapa de atratividade os locais de maior valor cultural, estético ou artístico sejam os que indicam um maior índice de atratividade e interesse.

«(...) não basta para que um lugar se considere interessante que tenha um monumento ou um notável conjunto edificado. Até mesmo os turistas, que geralmente transportam doses redobradas de atenção à qualidade do património, podem sentir alguma frustração ao visitar um lugar valioso, mas sem atividade, desligado do palpitar da comunidade a que pertence, como é, por exemplo, a porta existente do castelo de Alenquer. Na vila, o índice mais elevado é partilhado pelo largo da câmara e pela zona das esplanadas, no Largo do Espírito Santo.»
(Rogero, 2014).

Em suma, através da análise interpretativa dos mapas foi possível apreender que o largo do areal, e a área junto à antiga fábrica da chemina, são zonas com potencial de exploração, visto que é devido à ausência de infraestruturas com elevado índice de potencial que penaliza a sua integração na malha de interesse da Vila.

6.3. Proposta

No projeto final de Arquitetura, na vertente prática, o trabalho de grupo centrou-se no desenvolvimento de uma estratégia que permitisse a criação de uma rota dos vinhos do Oeste que culminaria em Alenquer (figura 38). A este projeto de grupo seguiu-se a necessidade de intrevir junto às margens no rio.

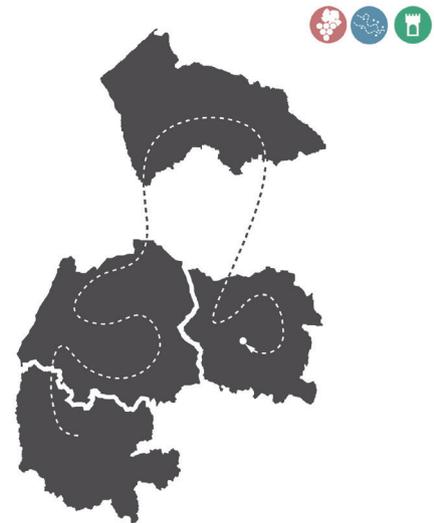


Figura 38 Rota dos vinhos do Oeste (trabalho de grupo 2017)

A vila junto à área do areal e da fábrica da chemina ficou como parada no tempo, com a inutilidade das instalações fabris a atratividade do lugar mudou acentuadamente. Tendo em conta estes dados transmitidos pela vivência do lugar, o programa de projetou centra-se em duas grandes áreas: Areal e Chemina. No Areal a estratégia assenta no desenho da praça, destinada a estacionamento e pontualmente à presença da praça de touros. Ao nível de edificado é fundamental criar zonas de atratividade de modo a aumentar

O conceito de rio navegável explorado em tempos antigos, foi uma preocupação no modo de (re)pensar as vivências subjacentes ao rio, à semelhança do projeto realizado em Berlim assim como o desenvolvido pelos Big em Copenhaga – capítulo 3 – pensar o rio Alenquer tornou-se um desafio. A proposta de subida do caudal do rio permite criar zonas de natação e canoagem (figura 40), traduzindo o desejo da população que presenciou a mobilidade de pequenos barcos no curso do rio, semelhante ao que hoje presenciamos em Aveiro. (figura 41).

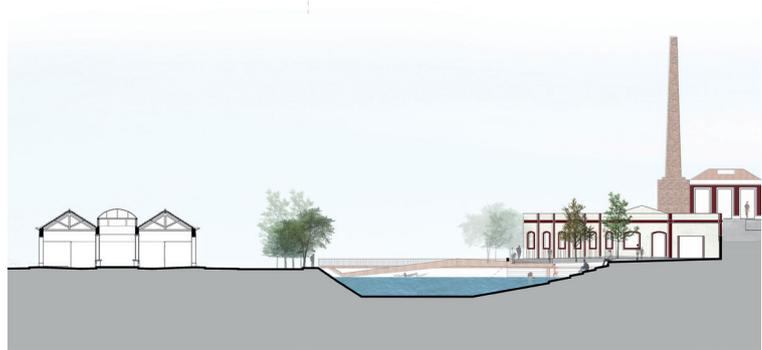


Figura 40 corte junto à fábrica da chemina (Carina Ribeiro 2017)



Figura 41 Ria de Aveiro (Turismo do centro de Portugal, 2014) Figura 41 Ria de Aveiro (Turismo do centro de Portugal, 2014)

As margens do rio foram pensadas como sendo zonas verdes de forma a criar áreas permeáveis (figura 42) para evitar as grandes inundações anteriormente vividas em Alenquer.



Figura 42 corte junto à possível zona de permeabilização

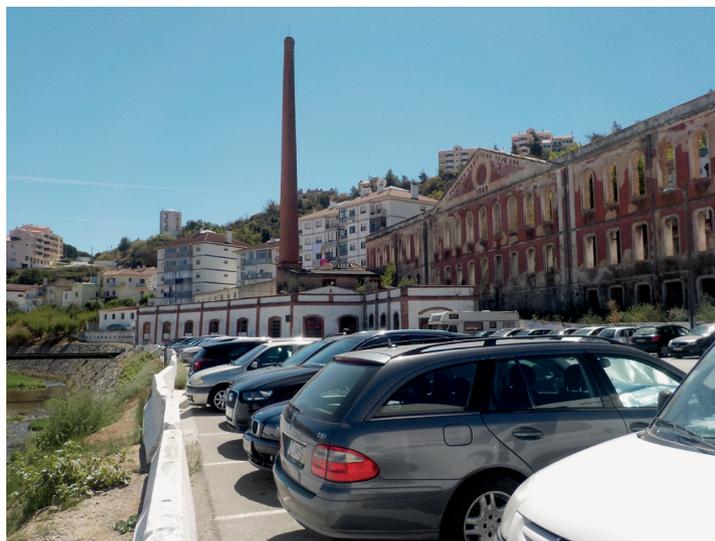


Figura 43 fotografia atual da zona enfrente à fábrica da Chemina (Carina Ribeiro 2017)

Figura 44 fotomontagem com proposta
junto à fábrica da Chemina
(Carina Ribeiro 2017)



Figura 45 planta do redesenho da praça do Areal

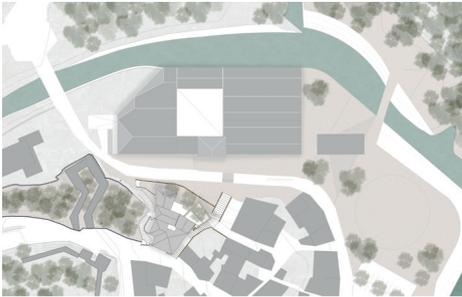


Figura 46 corte que demonstra a aproximação
do rio à fábrica da moagem



Como é possível verificar através da fotomontagem acima (figura 44), (re)desenhar a área adjacente à fábrica da Chemina introduz uma harmonia no lugar que contrasta com a situação atual (figura 43). No areal, os princípios orientadores são os mesmos: (re)desenhar a praça, respeitando as vivências e funcionalidades que lhe são atribuídas, como é o caso do estacionamento e da presença pontual de uma praça de touros (figura 45). O desenho do rio também foi pensado: aumentar o caudal e trazer a água junto à fábrica foram premissas primordiais (figura 46). A área verde junto às margens do rio, assim como a junto à fábrica da chemina, tem funções permeáveis.



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este trabalho procurou debater e apresentar soluções para um dos maiores problemas da relação entre a zona Baixa e zona Alta da Vila de Alenquer, nomeadamente, a desertificação das margens do rio. A proposta de requalificação do rio apresentada permite não só melhorar a qualidade de vida de quem habita a vila, mas também, apostar na atração Turística, importante no desenvolvimento económico local.

Com o objetivo de se compreender a origem da desertificação subjacente ao rio Alenquer, procedeu-se inicialmente à análise das transformações do território, através da qual se apreendeu a clara relação entre a vila e o rio ao longo das ocupações dos mais diversos povos. Ao longo dos tempos os povos que habitaram Alenquer viam o rio como meio de subsistência e comunicação entre as diversas Cidades. Mais tarde, com as alterações executadas ao curso do rio, verificou-se um claro distanciamento entre a população e o rio, o que se acredita ter originado uma ausência de ligação entre margens, e por sua vez uma fraca conexão entre zona Alta e zona Baixa da Vila. A análise exaustiva do local, quer através de observações quer de entrevistas, permitiu compreender as mais variadas temáticas, valorizando-se a presença do valor histórico e ecológico, mas também do património imaterial, que se assume como uma das maiores fontes de atratividade e desenvolvimento económico da Vila.

A proposta de requalificação do rio apresentada pretende ser uma reflexão do que poderá ser um Parque dinâmico e atrativo na Vila, no qual se valoriza a transição natural entre margens realçando a continuidade que está subjacente ao rio. Assim a proposta centra-se em dois pontos essenciais: i) aumentar o caudal das águas de modo a proporcionar vivências que remontam a ideologias passadas, como é o caso de tornar o rio navegável à semelhança do que atualmente existe em Aveiro; ii) criar a possibilidade de se nadar no rio à imagem do projeto dos BIG, em Copenhaga, e do Flussbad Berlim.

A metodologia utilizada na realização do trabalho permitiu assim obter resultados qualitativos e quantitativos sobre a presença do rio em Alenquer e, com estes, propor uma intervenção que se prevê vir a melhorar a situação atual.



8. REFERÊNCIAS



- BLOG da Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras, 2015. *Visita ao O Parque do Choupal*. [Online] Available at: <http://scmtorresvedras.blogs.sapo.pt/visita-ao-o-parque-do-choupal-197883> [Acedido em 7 Julho 2017].
- PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009. *What Makes a Successful Place?*. [Online] Available at: <https://www.pps.org/reference/grplacefeat/> [Acedido em 29 Julho 2017].
- ALVES, F., 2011. *Inovação: O projeto da maior piscina do mundo vence concurso de construção sustentável*. [Online] Available at: <http://naturlink.pt/article.aspx?menuid=20&cid=45218&bl=1> [Acedido em 10 Julho 2017].
- ANDRADE, A., 2011. *Reabilitação dos espaços urbanos que mantêm relação direta com o rio Mondego*, Coimbra : Faculdade de Economia - Universidade de coimbra .
- ANONIMO, 2016. *Flussbad Berlin*. [Online] Available at: [https://en.wikipedia.org/wiki/Flussbad_Berlin_\(Project\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Flussbad_Berlin_(Project)) [Acedido em 2 julho 2017].
- BARKER, 1968. *Ecological Psychology*. s.l.:s.n.
- BELO, D., 2011. *Duarte Belo*. [Online] Available at: https://www.duartebelo.com/06-bio/bio_20.html [Acedido em 29 Setembro 2017].
- BIG, 2012. *BIG*. [Online] Available at: <https://www.big.dk/#projects-vin> [Acedido em 11 Julho 2017].
- CALÇADA, I. & Crispim, J. A., 2014. *Grutas turísticas e divulgação do património*, s.l.: s.n.
- CAMARA MUNICIPAL DE ALENQUER, 2006-2017. *Município Alenquer*. [Online] Available at: <http://www.cm-alenquer.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=5ea1827b-d0b-c-4c35-a97e-2e3ae2027237> [Acedido em 12 Julho 2017].
- CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA , 2008. *Parque Verde do Mondego*. [Online] Available at: <https://www.cm-coimbra>.

- pt/index.php/areas-de-intervencao/desporto/complexos-desportivos/item/820-parque-verde-do-mondego [Acedido em 12 Outubro 2017].
- CAMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS , 2016. *Prémio nacional distingue intervenção de requalificação no Parque do Choupal*. [Online] Available at: <http://www.cm-tvedras.pt/artigos/detalhes/premio-nacional-distingue-intervencao-de-requalificacao-no-parque-do-choupal/> [Acedido em 3 Julho 2017].
- CAMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS, 2016. *Torres Vedras*. [Online] Available at: <http://www.cm-tvedras.pt/artigos/detalhes/choupal-renasceu/> [Acedido em 28 Março 2017].
- CASTANHEIRA, G., 2013. *Estratégias de intervenção para a regeneração urbana sustentável*. [Online] Available at: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/28129> [Acedido em 3 Fevereiro 2017].
- CIAMPA, A., 2001. *Identidade. Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- COHEN, M. & Morrison, K., 2007. *Research methods in education*. 6º ed. Londres : Routledge.
- COSTA, S., 2014. *Zona do Choupal em Torres Vedras vai ser requalificada*. [Online] Available at: <http://www.anteprojectos.com.pt/2014/05/26/zona-do-choupal-em-torres-vedras-vai-ser-requalificada/> [Acedido em 3 julho 2017].
- FIDALGO, P., 2010. *Um Dia Saudável no Parque Verde do Mondego*. [Online] Available at: http://filantropia.pt/pt/news_text-2-2-830-um-dia-saudavel-no-parque-verde-do-mondego [Acedido em 12 Outubro 2017].
- FLUSSBAD BERLIN E.V, 2015-2016. *Flussbad Berlin*. [Online] Available at: https://www.flussbad-berlin.de/en_US/project [Acedido em 12 Junho 2017].

- FOUCAULT, M., 2005. Espaços Outros. *Revista de Comunicação e Linguagens*, pp. 243-252.
- FOUCAULT, M., 2005. Espaços Outros . Em: *Revista de comunicação e linguagens* . Lisboa: relógios d'água, pp. 243-252.
- GOES, D. d., 1554. *Urbis Olissiponis Descriptio*. Évora: s.n.
- GONÇALVES, T. M., 2002. *O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma abordagem psico-socio-ambiental do Bairro Renascer/ Mina Quatro Criciúma/SC)*, Universidade Federal do Paraná: Curitiba.
- HANSEN, S., 2013. *Nytårsbad 31.12 kl. 12*. [Online] Available at: <http://christianshavnskvarter.dk/2013/12/nytaarsbad-31-12-kl-12/> [Acedido em 11 Setembro 2017].
- HENRIQUES, J. C., 2005. *Alenquer e o seu concelho*. Arruda dos vinhos : Arruda Editora .
- INTRANEIA - Sistemas de informação, lda , 2008. *Arquivo Pessoa: Obra Édita*. [Online] Available at: <http://arquivopessoa.net/textos/1463> [Acedido em 11 Julho 2017].
- JACOBS, J., 1998. Defesa da grande cidade. Em: *O Urbanismo*. s.l.:Prespectiva, pp. 293-301.
- JERÔNIMO, R. N. T. & Gonçalves, T. M., 2013. *Revista de Ciências Humanas. Identidade e Personificação do Lugar na Apropriação do Espaço pelos Nativos de Ibiraguera, SC* , abril, pp. 117-132.
- LOURENÇO, J. H. T. L., 2015. *Alenquer*. [Online] Available at: <http://couraca.blogspot.pt/search?updated=-max-2015-02-26T13:38:00Z&max-results=4> [Acedido em 04 Setembro 2017].
- MANO, A., 2011. *A Expansão da Cidade de Coimbra ao longo do rio Mondego*, Coimbra : Universidade de Coimbra .

- MANOVICH, L., 2005. Espaço Navegável. Em: *Revista de comunicação e linguagens*. Lisboa : Relógios d'água.
- MARTINS, J. E. F., 2008. *Alenquer - 1758 - o actual concelho nas Memórias Paroquiais*. Arruda dos Vinhos : Arruda Editora.
- PATRICIO, C., 2007. *Untitled - Antropologia, Arte e Abjecção no aborto clandestino em Portugal*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa .
- PAVIANI, A., 1968. *Alenquer, aspectos geográficos de uma vila Portuguesa*. 5 ed. Lisboa: Finisterra.
- PAVIANI, A., 1968. Finisterra. *Alenquer, Aspectos geográficos de uma vila Portuguesa* .
- PAVIANI, A., 2014. *Entrevista a Aldo Paviani, geógrafo urbano* [Entrevista] (15 Abril 2014).
- PINTO, J. C., 2005. O espaço-limite da Arquitectura . Em: *Revista de comunicação e Linguagens - Espaços* . Lisboa : Relógios d'água , pp. 209-230.
- POGITAPE, 2015. *Polis de Torres Vedras*. [Online] Available at: <http://www.progitape.pt/portfolio/polis-de-torres-vedras/> [Acedido em 6 Julho 2017].
- RAMALHO, C. S. C., 2011. *Da biografia à história de vida - percurso de uma jovem*, s.l.: s.n.
- ROGEIRO, F., 2014. *Plano de reordenamento da baixa de Alenquer*. [Online] Available at: <http://planoalenquer.blogspot.pt/p/a-evolucao-do-territorio-de-alenquer-e.html> [Acedido em 3 Agosto 2017].
- SANTOS, A., 2016. *Alenquer, 25 de Novembro de 1967*. [Online] Available at: <https://saladainquietacao.wordpress.com/2016/01/13/alenquer-25-de-novembro-de-1967/> [Acedido em 22 Setembro 2017].
- SIEGBERT, S., 2002. *Arquitetura, Razão e Sensibilidade*. 1 ed. São Paulo : Edusp .

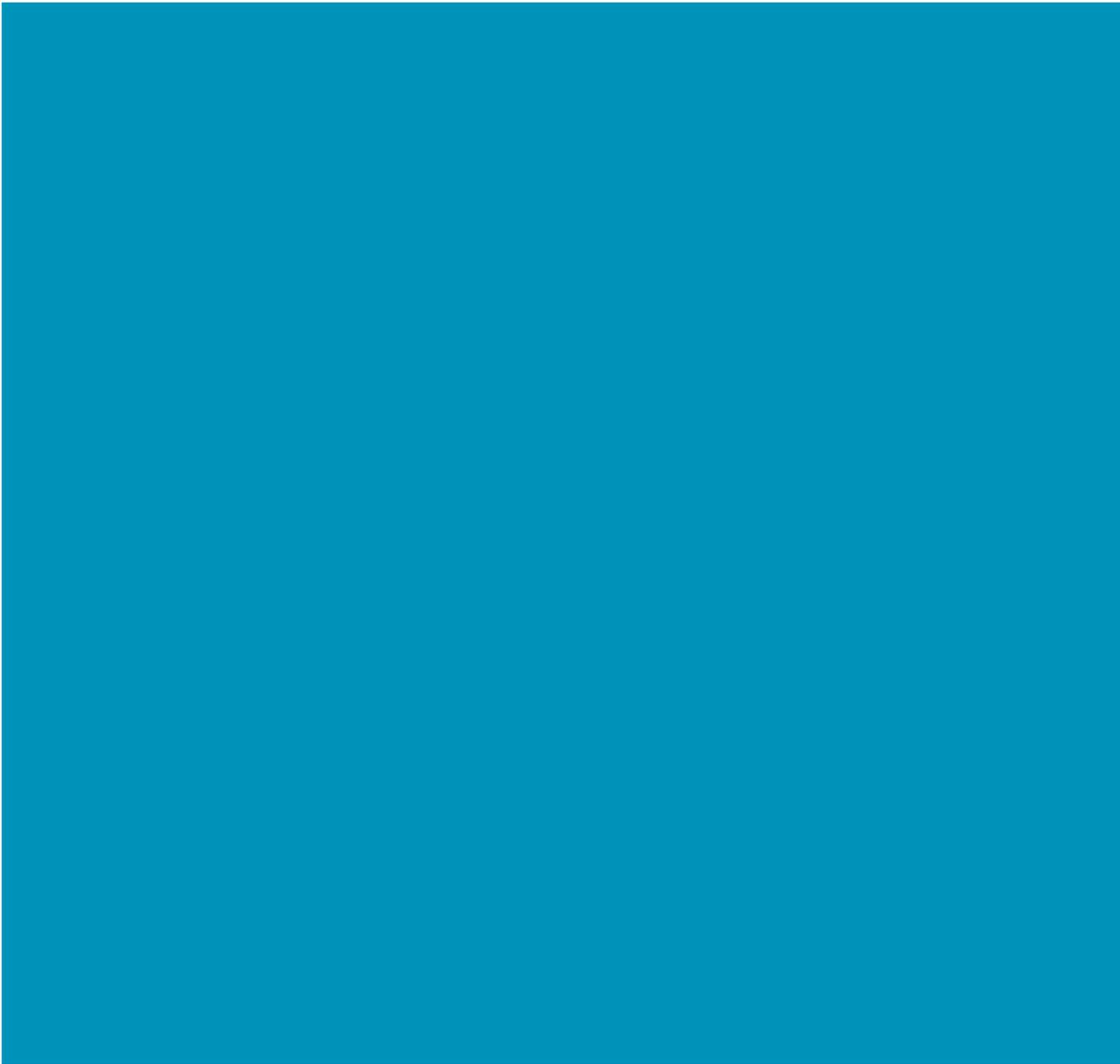
- SILVA, F. N. d., G. S. I. R. & Gonçalves, J., 2009. Métodos e técnicas para o desenvolvimento urbano sustentável - A experiência dos projectos Polis. *Paisagem urbana*, pp. 114-140.
- TERRITÓRIO, D. -. G. d., 2017. *Programa Polis*. [Online] Available at: http://www.dgterritorio.pt/a_dgt/outras_estruturas/programa_polis/ [Acedido em 6 Fevereiro 2017].
- TILLEY, C. Y., 1994. *A phenomenology of landscape: places, paths, and monuments*. Universidade de Michigan: Berg.
- TUAN, Y.-F., 1983. *Espaços e lugares: a prespectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL.
- TURISMO DO CENTRO DE PORTUGAL, 2014. *Ria de Aveiro: Um mar de experiências*. [Online] Available at: <http://turismodocentro.pt/artigo-regiao/ria-de-aveiro/> [Acedido em 1 Outubro 2017].
- URBANISTAS, c. E. d., 2003. *A nova carta de atenas: A visão do conselho europeu de urbanistas sobre as cidades do século XXI*. Lisboa, Artes Gráficas.
- VALERA, A. C., 2000. *Em torno de alguns fundamentos e potencialidade da arqueologia da paiagem..* Lisboa: Era Arqueologia.
- VEDRAS, C. M. d. T., 2016. *Prémio nacional distingue intervenção de Requalificação no parque Choupal*. [Online] Available at: <http://www.cm-tvedras.pt/artigos/detalhes/premio-nacional-distingue-intervencao-de-requalificacao-no-parque-do-choupal/> [Acedido em 7 Fevereiro 2017].
- VIEIRA, M. & Cortesão, C., 2017. *MVCC Arquitectos*. [Online] Available at: <http://www.mvcc.pt/index.php?module=portfolio&option=view&id=14> [Acedido em 20 Março 2017].

- WONDERFUL Copenhagen, 2012. *Island Brygge harbour pool*. [Online] Available at: <http://www.visitcopenhagen.com/copenhagen/take-new-years-swim-habour-pools> [Acedido em 10 Setembro 2017].
- WORDPRESS, 2015. *Alenquer 25-11-1967*. [Online] Available at: <https://temasparaconversa.wordpress.com/2015/11/25/alenquer-25-11-1967/> [Acedido em 22 Setembro 2017].
- XIRA, M. d. V. F. d., s.d. *Frente Ribeirinha*. [Online] Available at: <http://www.cm-vfxira.pt/pages/447> [Acedido em 5 Fevereiro 2017].

Vertente prática

Alenquer: Centro de negócios

Trabalho Prático submetido como
requisito parcial para obtenção
do grau de Mestre em Arquitetura
Tutor: Pedro Mendes,
Prof. Doutor Arquiteto do ISCTE-IUL



PARTE 1

RECONHECIMENTO DO LOCAL



*“Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir à força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Óbidos, Alenquer, por onde soa
O tom das frescas águas, entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres Vedras.”*

(CAMÕES, 2015)



Alenquer após as cheias de 1967 –
coleção de J. H. Lourenço

PERSPETIVAS PARA ALENQUER

No âmbito da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura foi proposto um desafio invulgar – trabalhar Alenquer.

Alenquer é uma vila inserida na área metropolitana de Lisboa (AML). Este território de características peculiares permite uma discussão alargada de assuntos como: território, ambiente, economia e mobilidade.

As propostas para a vila centram-se numa lógica utópica, contudo sempre fundamentada pelo real – as intervenções configuram-se numa área desde o topo Norte de Alenquer até à zona ribeirinha a sul da Vala do Carregado. As propostas assentes sob as premissas lançadas no início do ano letivo baseiam-se em novas perspetivas cujo objetivo é melhorar a qualidade de vida de todos os cidadãos quer a nível de espaços públicos, mobilidade e reabilitação de edifícios devolutos.

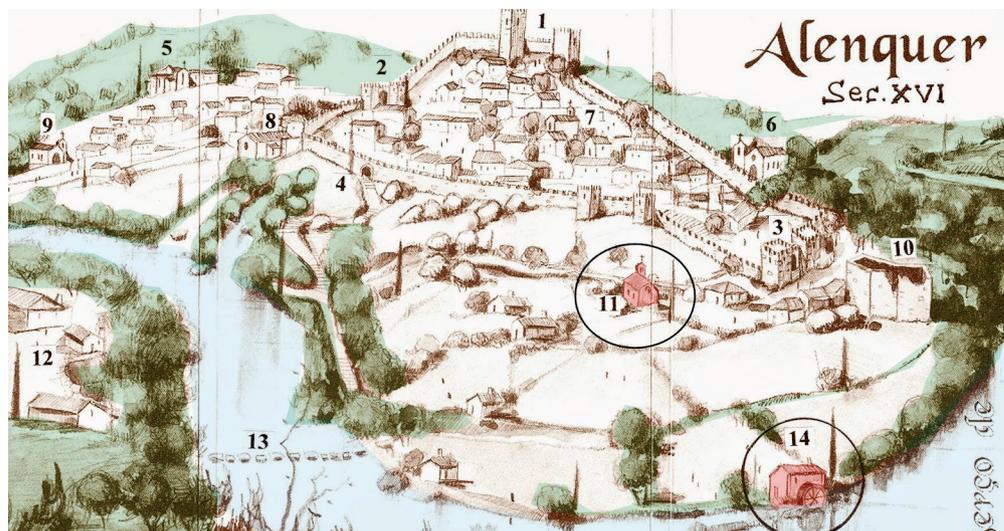
OLHAR HISTÓRICO “VERDE PÁTRIA MINHA ALENQUER”

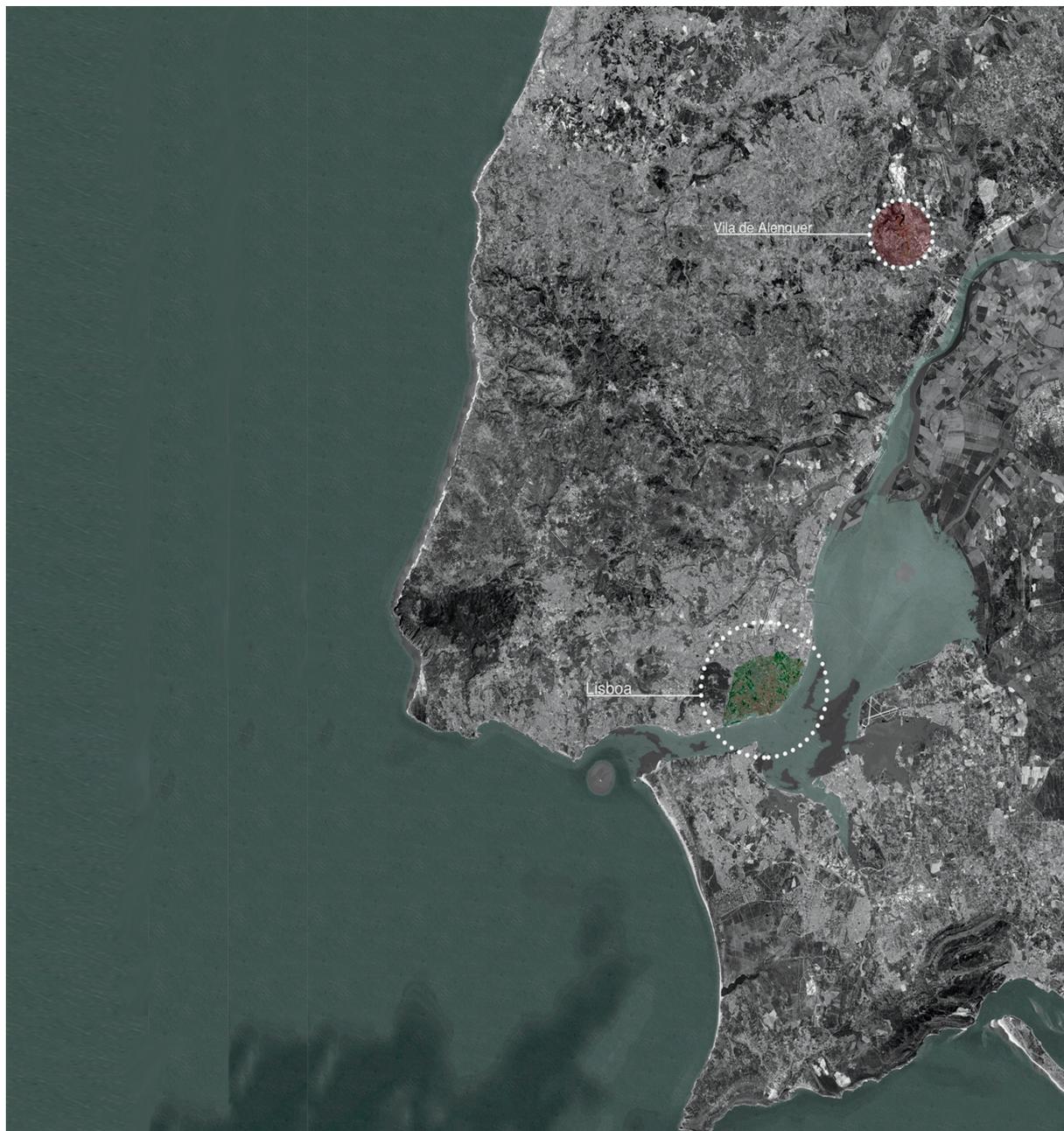
A vila de Alenquer tem na sua paisagem uma das suas qualidades mais reconhecidas, que em muito se deve à morfologia do seu território e à forma como foi ocupado.

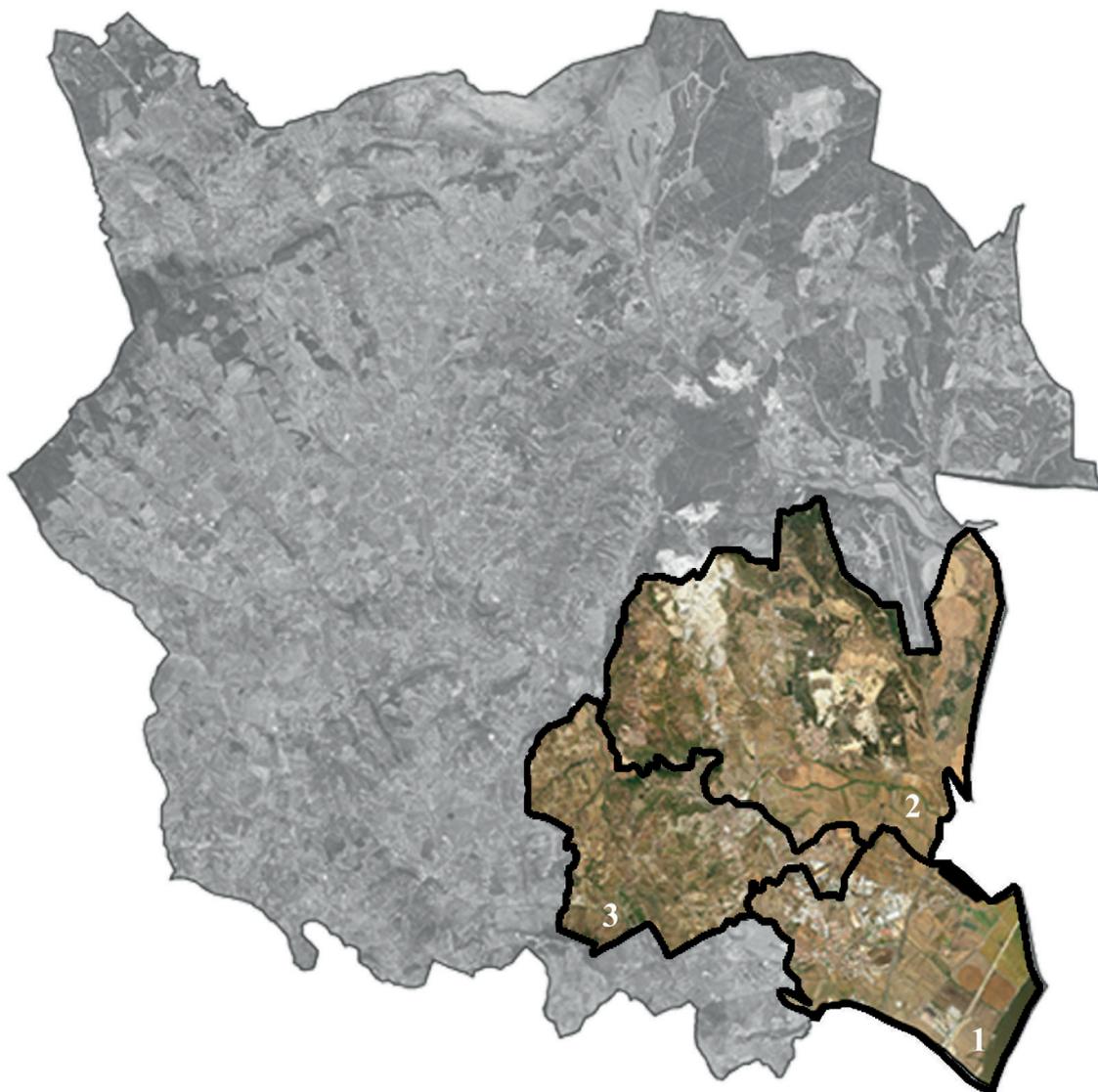
A posição estratégica da vila levou à construção de um castelo, que terá sido fundado pelos alanos, sujeito a obras pelos árabes e reconstruído por D. Afonso Henriques, é na sequência deste enredo histórico que é perceptível a longevidade da Vila.

A planta de Alenquer do século XVI contrasta em grande escala com o que hoje presenciamos, como podemos verificar através de edifícios que presidem a atualidade como é o caso da Torre da Couraça (10). Esta torre no século XVI assumia um papel fulcral no desenho da praça onde posteriormente se viria a implantar a fábrica da moagem e do papel (posteriormente demolida).

1 – Torre de Menagem; 2- Porta da Vila ou de Santo António; 3 – Porta do Carvalho e mais tarde da Conceição; 4 – Postigo na muralha que dava para a encosta; 5 – Convento de S. Francisco; 6 – Igreja de Santiago junto da qual se situava a porta da traição; 7 – Igreja de Santo Estêvão no séc. XIX Aula do Conde de Ferreira; 8 – Igreja de S. Pedro; 9 – Ermida de S. Sebastião; 10 – Torre da Couraça; 12 – Triana; 13 – Passadeiras da Rainha; 14 – Moinho de papel de Manuel Teixeira







- 1 – Carregado
- 2 – Triana
- 3 – Santo Estevão



PLANTA 1965

Através do estudo histórico, obtém-se um conjunto de informações sobre processos e fatos ocorridos no passado que contribuem para a compreensão do presente. A história pode relatar a evolução do território, como é o caso das plantas evolutivas – 1965, 1992 e 2009.

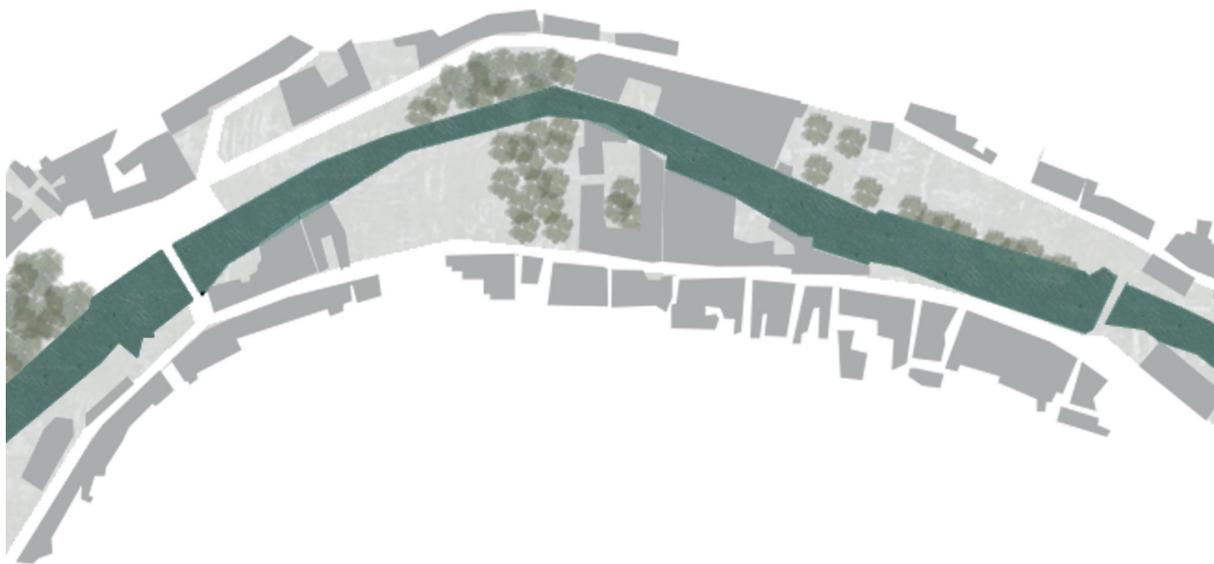
A planta de 1965 revela a antiga fábrica da moagem e papel no auge da industrialização, é possível verificar a sua configuração, proximidade e travessia do rio Alenquer.



PLANTA 1992

PLANTA 2009

A planta de 1992 revela um aumento significativo de edificado na zona da vila alta e em direção ao Carregado. Para além do crescimento da vila é notório a diminuição da fábrica da moagem e do papel, centrando especial atenção para a zona de travessia ao rio. A planta de 2009 é efetivamente onde se presencia as maiores alterações, quer no crescimento do edificado quer na alteração de configuração da fábrica da moagem.



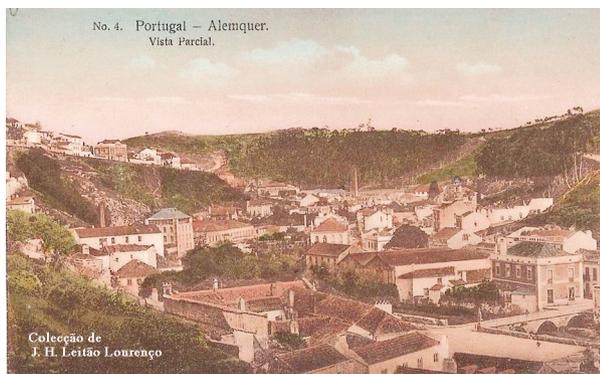
PLANTA 1945



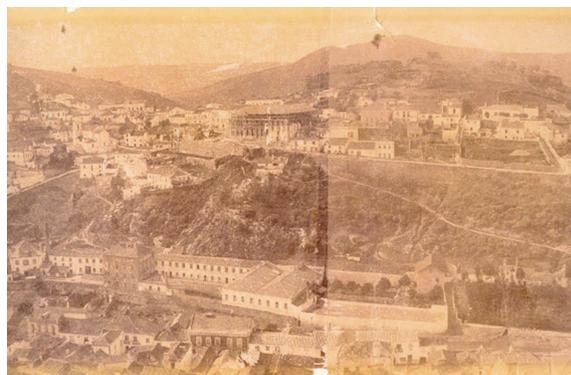
PLANTA 1946

O rio Alenquer é dos pontos estratégicos cruciais da vila, outrora serviu de elo de comunicação: “com a grande aventura das descobertas animaram-se de novo as terras de Alenquer. Guerreiros, navegadores e missionários daqui partem, para os quatro cantos da terra, vivendo os novos e renovadores tempos da História” (Guapo, 2006)

O rio é, portanto, um marco na história e formação da identidade da vila de Alenquer, com estas plantas podemos verificar a alteração que foi realizada no curso do rio. O redesenho da linha de água executado entre 1945-1946, modificou a vivência e identidade que o rio configurava à vila.



Vista parcial de Alenquer 1571 (coleção de J. H. Lourenço)



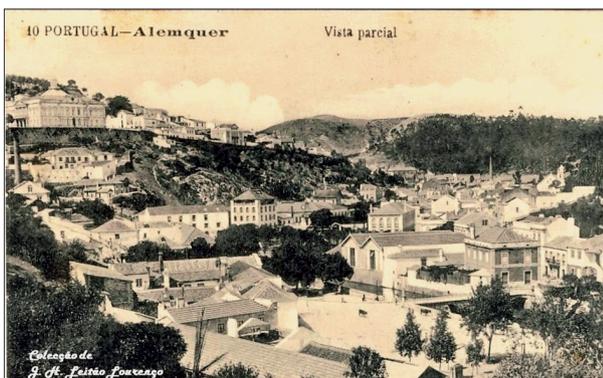
Paços do Concelho 1885



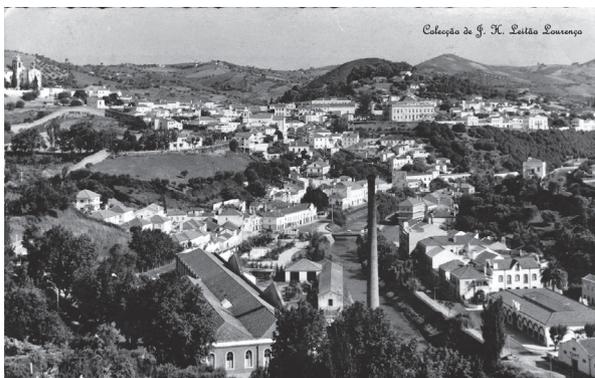
Açude das águas 1890 (coleção de J. H. Lourenço)



vila alta vista de s. Francisco (arquivo M. Alenquer) 1900

Vista parcial do largo Espírito Santo em 1902
(coleção de J. H. Lourenço)

Alenquer 1940



Alenquer após as cheias de 1967



Fotografia 2016 (Carina Ribeiro)

OLHAR ANALÓGICO

Olhar uma fotografia antiga, seja ela colorida, seja ela preta e branca é refletir o tempo. As imagens apresentam um valor documentário importante para a memória visual do homem e do seu entorno sociocultural ao longo dos anos. (Gomes, 2013)

As fotografias de Alenquer revelam uma **vila parada no tempo**, é com base nestas notas de observador que são expostas as fotografias comparativas, de modo a compreender a realidade da vila dos séculos XIX ao XXI. Assim foi possível fazer uma analogia entre o antes e o depois.



Panorama de Alenquer de Eduardo Portugal 1900-1958



Panorama de Alenquer 2016 (Carina Ribeiro, Hugo Pereira e Nuno Pereira da Silva)



Panorama de alenquer fotografia de eduardo portugal 1900-1958



Panorama de Alenquer 2016 (Carina Ribeiro, Hugo Pereira e Nuno Pereira da Silva)



Panorama de alenquer - fotografia de eduardo portugal 1900-1958



Panorama de Alenquer 2016 (Carina Ribeiro, Hugo Pereira e Nuno Pereira da Silva)

01

Século II a.C a século III d.C

Primeiro núcleo habitacional em Alenquer

02

Século III a século VIII d.C

Invasões barbaras: Vândalos, Suevos e Visigodos, iniciam a construção do castelo

03

1148

Alenquer foi conquistada aos mouros por D. Afonso Henriques (1109 - 1185)

10

1302

D. Dinis (1261-1325) concedeu novo foral a Alenquer

11

1303

Executada a licença para a execução da fábrica da romeira por D. Dinis

12

1373

Reforço da muralha de Alenquer

19

1580

Uso da pedra do castelo para novas construções

20

1717

António Carvalho da Costa descreve o castelo em ruínas

21

1755

Terramoto

28

1889

Abandono da fábrica do papel

29

1890

Inauguração do edificio dos Paços do Concelho

30

1891

Crise económica industrial

37

1945

Execução do jardim das águas

38

1957

Demolição da ponte do areal // Obras na ponte de Santa Catarina

39

1967

Cheias em Alenquer

04**1188**

Os mouros cercam o castelo

05**1211**

Construção do Paço Real

06**1212**Carta de foral de Alenquer executada por D.^a Sancha (1180 - 1229)**07****1216**

Guarda do castelo entregue à cavalaria da ordem do templo

08**1222**

O primeiro convento Franciscano em Portugal foi consruído em Alenquer

09**1302**

D. Dinis (1261-1325) concedeu novo foral a Alenquer

13**1385**

Demolição das Torres de Cunhais

14**1439**

Reedificação das muralhas por D. Leonor Telles

15**1508**

A fábrica romeira passa a exercer funções (azinha da romeira)

16**1510**

Reforma do foral em Alenquer

17**1545**

Damião de Gois assinala geograficamente a fortificação de Alenquer

18**1578**

Entulhamento da cisterna do castelo

22**1780**

Demolição da torre de São Prisco

23**1803**

Inauguração da fábrica do papel

24**1839**

Inauguração da fábrica do meio

25**1855**

Constituição do Concelho de Alenquer

26**1864**

Chegada da máquina a vapor

27**1881**

Inquérito industrial em Alenquer

31**1899**

Alenquer recebe sócios da academia de estudos livres

32**1918**

Encerramento da fábrica do meio

33**1919**

Intervenção arqueológica no Castelo

34**1926**

Hipólito Cabaço faz a limpeza da cisterna

35**1932**

Instalação das fábricas de papel e cartão

36**1934**

Construção da estação elevatória de água

40**1968**Realojamento das famílias
// Primeiro presépio**41****1974**// Inauguração da escola preparatória Pêro de Alenquer
// Inauguração da esola secundária**42****1975**

Inauguração do Museu Municipal Hipólito Cabaço

43**1983**

Inundações

44**1993**

// Inauguração do Museu João Mário// Aprovação do PDM

45**2011**

Regulamento do programa de apoio à habitação degradada no município

45**2013**

Diminuição do número de freguesias



PARTE 2

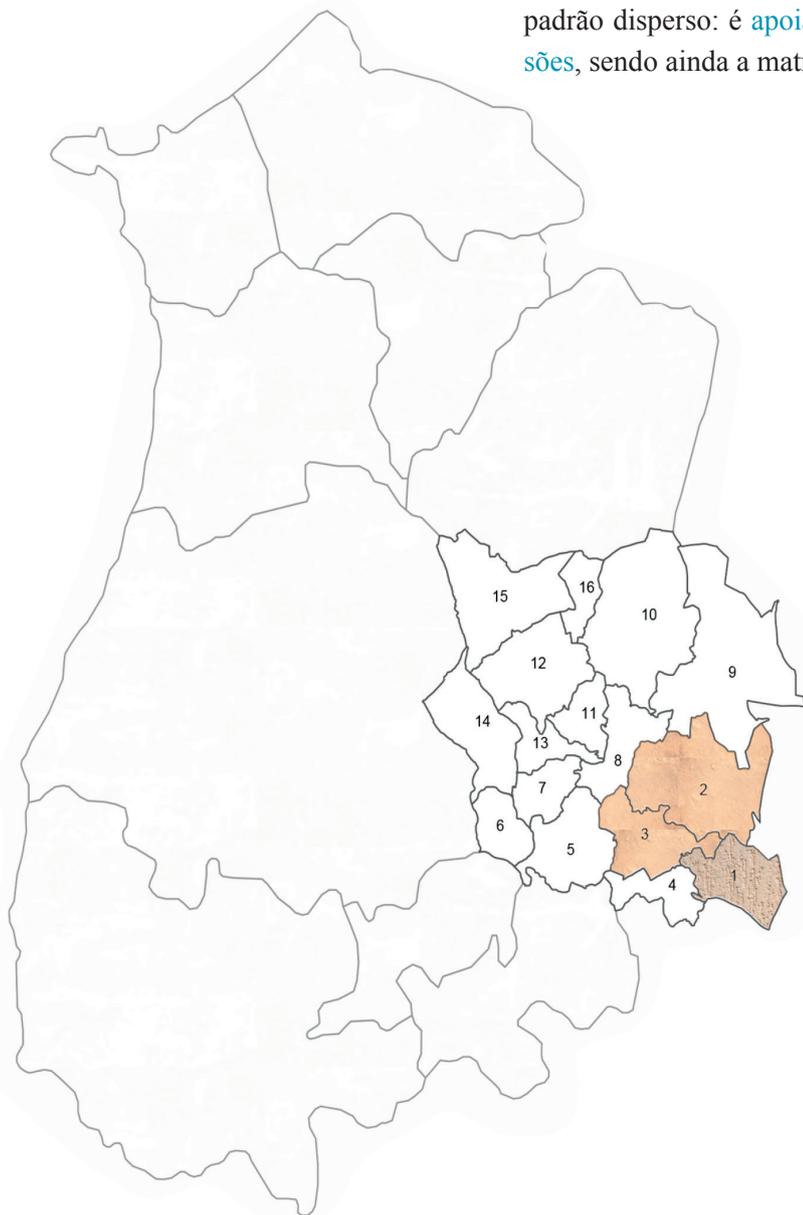
DEFINIÇÃO DE ALENQUER



“Alenquer foi importante ponto estratégico; porque apresentava vantagens militares que foram aproveitadas durante dez séculos”

(HENRIQUES, 1902)

O concelho de Alenquer está dividido em 16 freguesias. A disposição espacial da população de Alenquer assume um padrão disperso: é apoiado em núcleos de pequenas dimensões, sendo ainda a matriz rural.

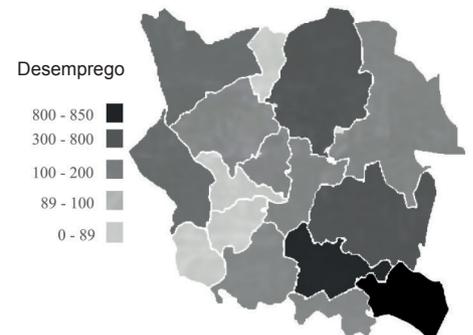
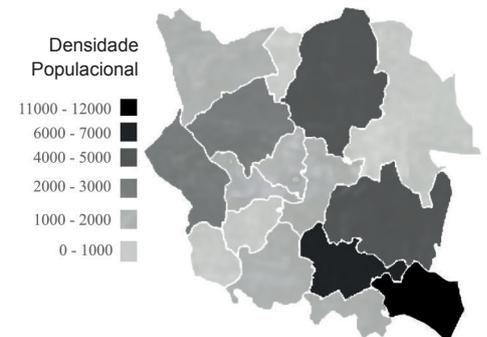
**Concelho de Alenquer:****Freguesias**

- 1 – Carregado;
- 2 – Triana;
- 3 – St. Estevão;
- 4 – Cadafais;
- 5 – Carnota;
- 6 – Palhacana;
- 7 – Ribafria;
- 8 – Meca;
- 9 – Ota;
- 10 – Abrigada;
- 11 – Olhavo;
- 12 – Ventosa;
- 13 – Aldeia Gavinha;
- 14 – Aldeia Galega;
- 15 – Vila verde dos Francos;
- 16 – Cabana de Torres

Relativamente ao estudo de [densidade populacional](#), destaca-se o carregado com maior densidade em oposição às freguesias rurais onde a concentração é menos nítida devido maioritariamente à existência de grandes áreas rústicas.

No que diz respeito ao [aglomerado industrial](#), o sector primário apesar de estar em declínio, ainda constitui uma forte fonte de rendimento local, sobretudo através da produção de vinha.

Quanto ao [desemprego](#), o concelho apresenta um aumento na ordem dos 50 %, referente ao período entre 2004 e 2011. Se analisarmos o desemprego por freguesias verificamos um desfaseamento nessa mesma evolução, sendo o Carregado a freguesia mais afetada.





PARTE 3
ALENQUER: MAPAS DE ANÁLISE

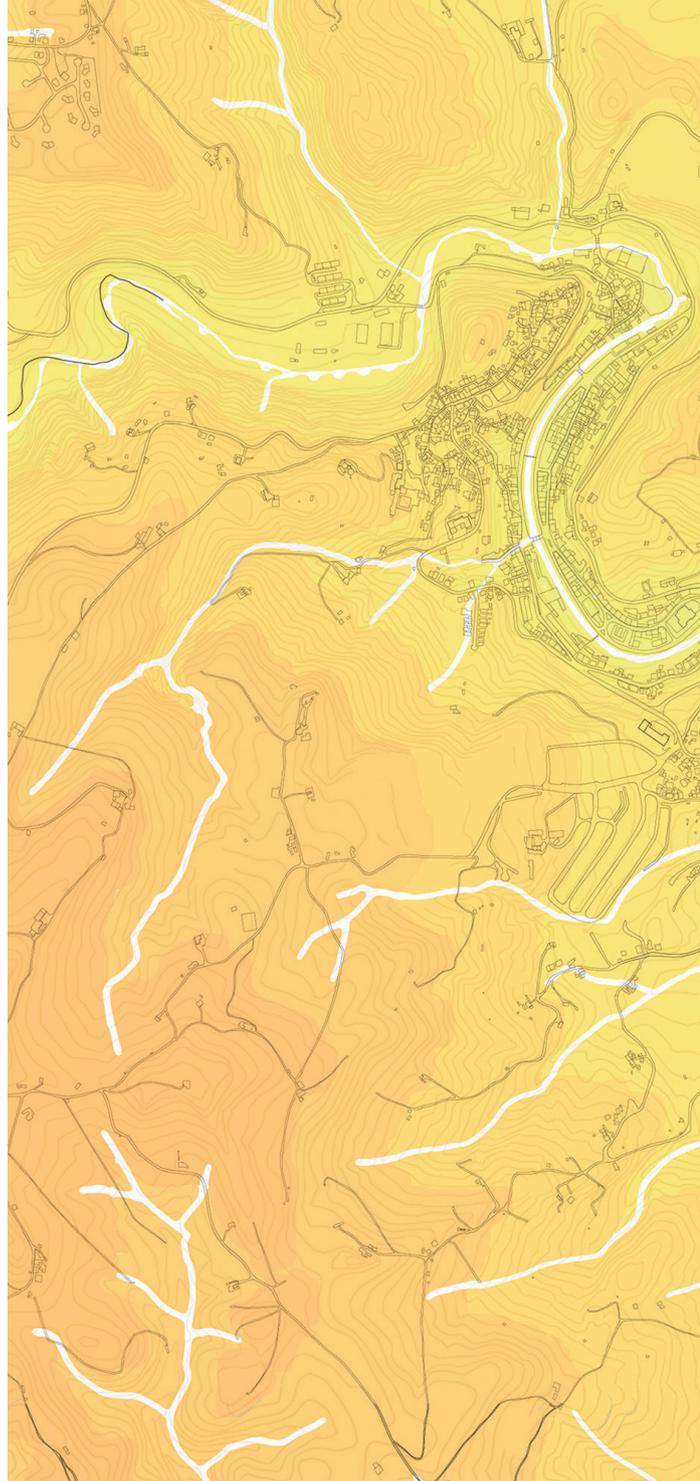


*“Criou-me Portugal na verde, e cara
Pátria minha Alenquer...”*

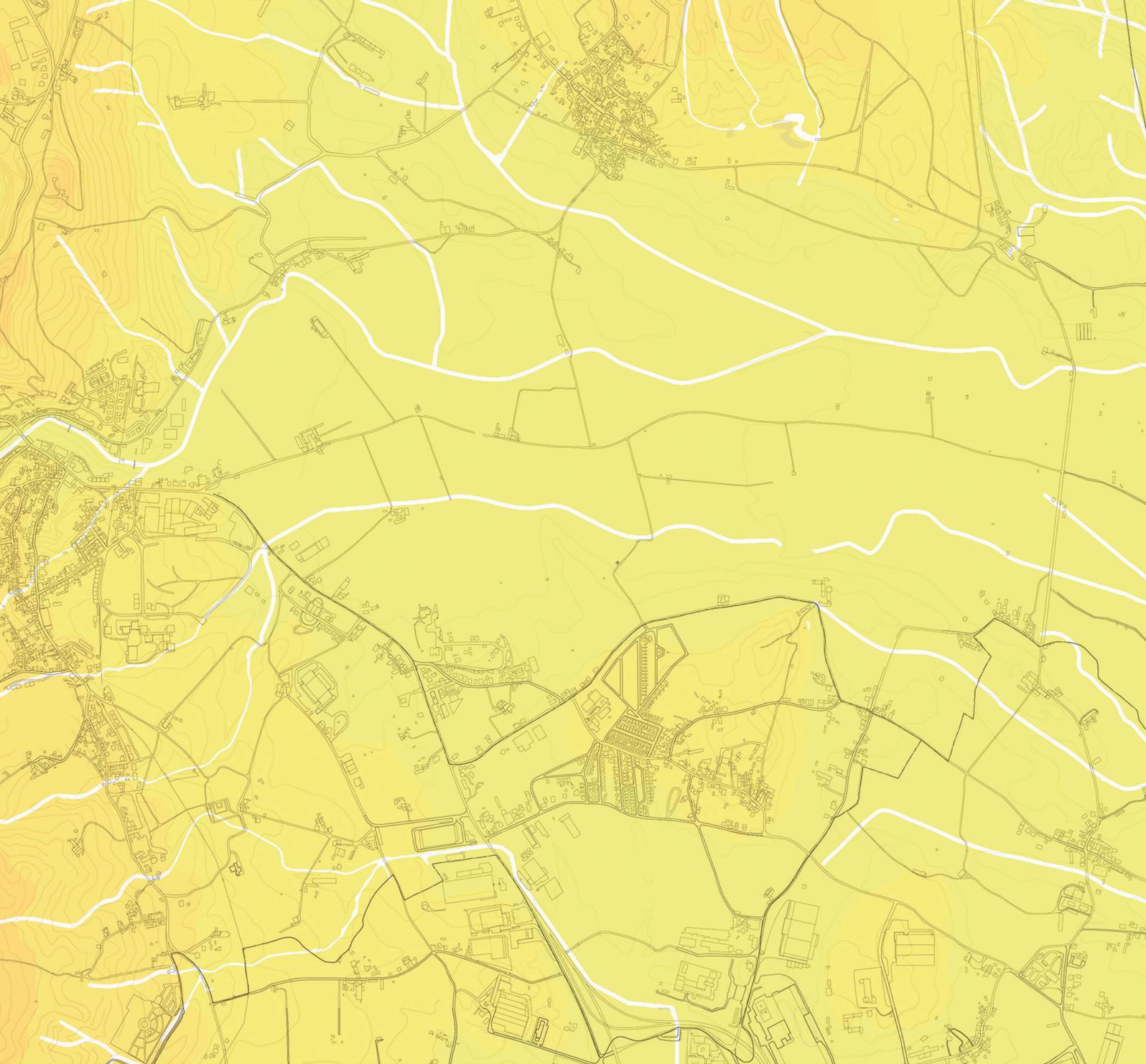
(CAMÕES, 2015)

HIPSOMETRIA

É notório através da análise da planta hipsométrica a diferenciação altimétrica entre a vila alta e a vila baixa. As cores utilizadas possuem uma equivalência com a cota do terreno, desta forma é perceptível o relevo da região de Alenquer, bem como a presença das linhas de água e edificação.



Legenda da imagens a definir.



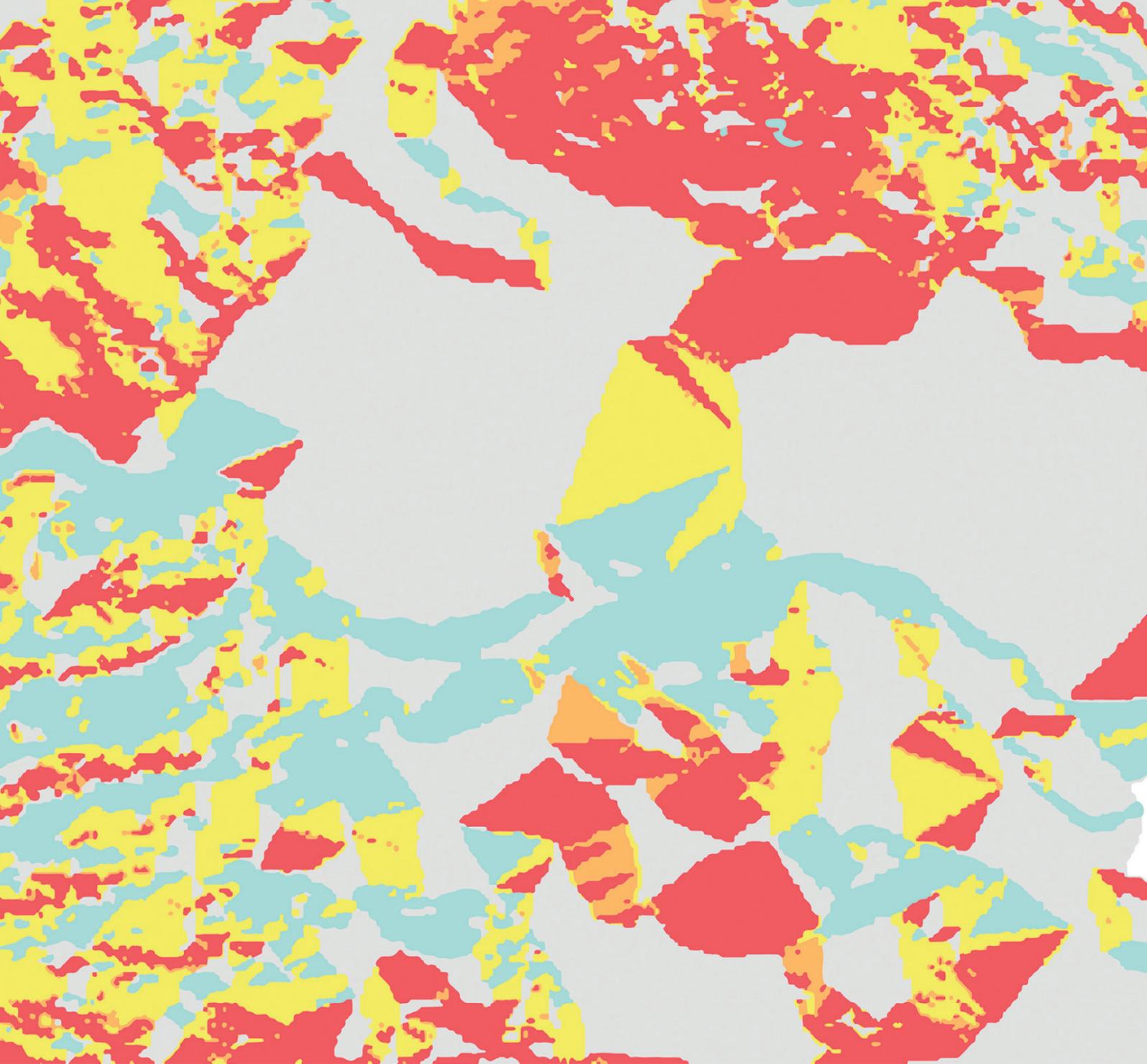
EXPOSIÇÃO SOLAR

O relevo está na origem da diferente orientação aos quadrantes geográficos, de modo que as vertentes, ou encostas, estão diferencialmente expostas à radiação solar e aos ventos dominantes.

Em Alenquer e nas proximidades a exposição solar é mais acentuada a sul e a Oeste, deste modo estão sujeitas a temperaturas mais elevadas. A margem direita do rio Alenquer está exposta a Sul e a Oeste, enquanto a margem esquerda está voltada aos quadrantes Norte e Este.



Legenda da imagens a definir.



ESPAÇOS VERDES

Num contexto de desenvolvimento sustentável, que impera na atualidade, o papel dos espaços verdes na cidade é crucial pois contribui para a qualidade de vida, sobretudo tendo em conta que a qualidade ambiental contribui para harmonia social e vitalidade cultural.

Os espaços verdes são desta forma cruciais para um desenvolvimento de uma cidade a vários níveis, tanto sustentáveis como funcionais: espaços destinados a atividades físicas e de lazer.



Is públicos

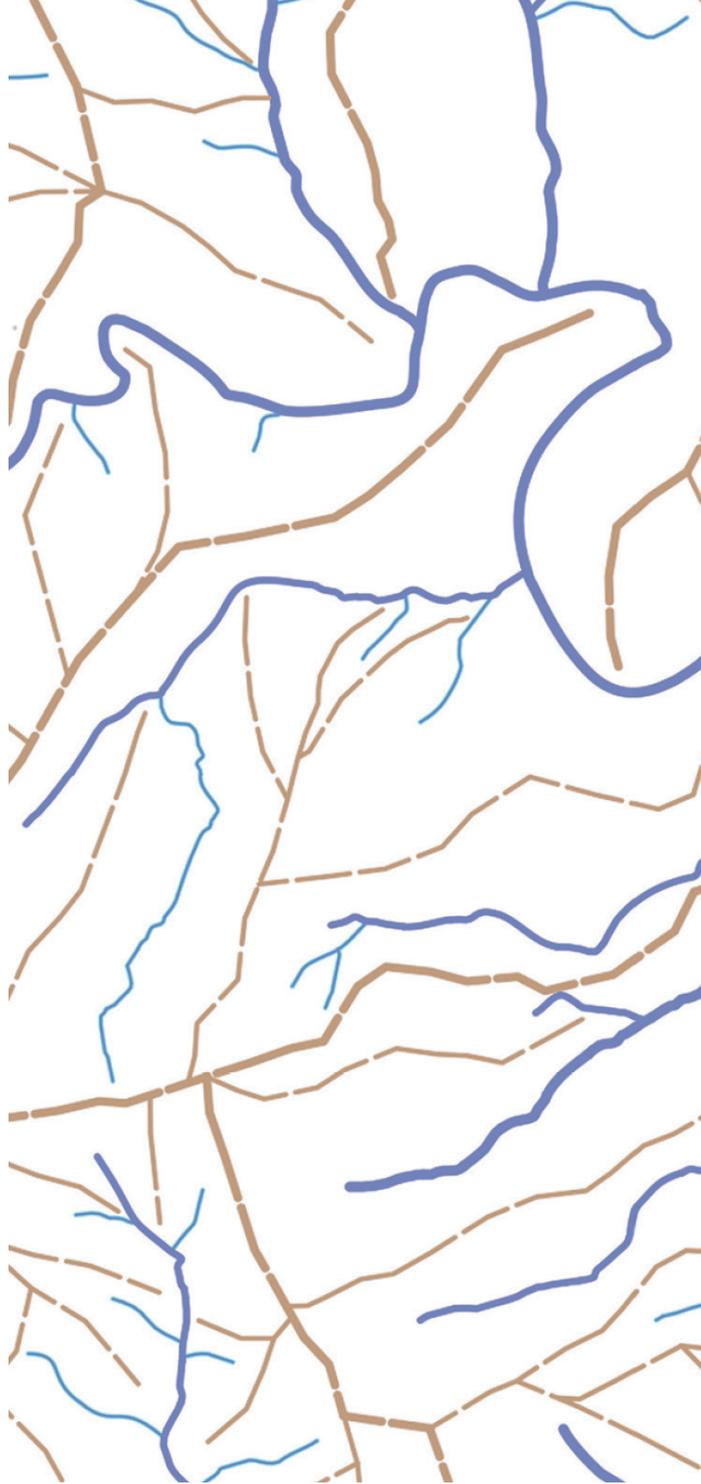
Terrenos

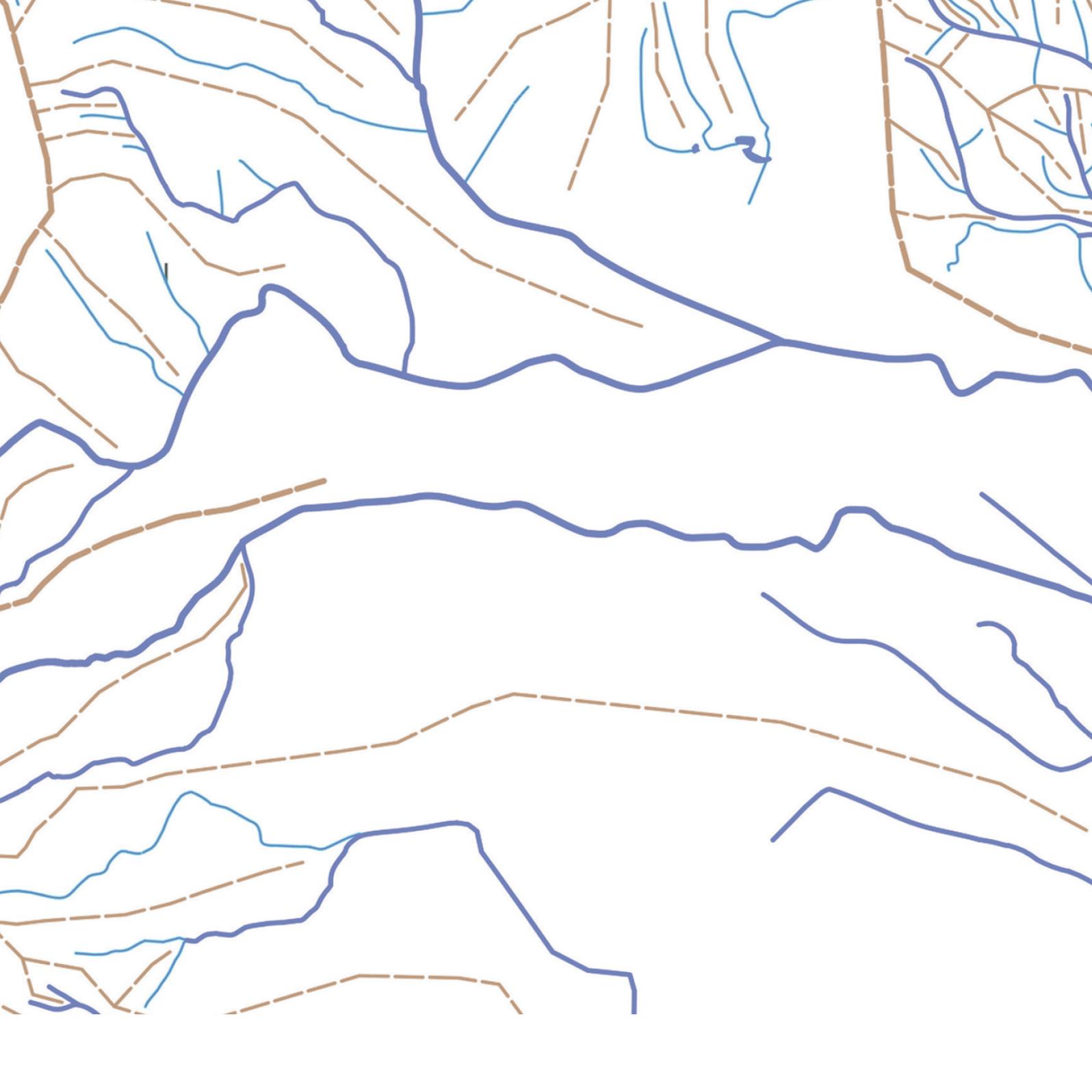
LINHAS DE ÁGUA

A linha de água assume um papel dominante na formação da vila de Alenquer, é esta presença que lhe confere identidade.

Quando vivenciamos invernos rigorosos (elevada pluviosidade), o rio Alenquer tem um elevado caudal, que provoca enormes danos materiais às populações. No verão o caudal normalmente é muito fraco.

A morfologia do território pode ser caracterizada por dois sistemas divergentes: sistema seco (festos ou cumieiras) ou sistemas húmidos (talvegues ou linha de água). No caso específico de Alenquer é possível observar uma área de vertentes acentuadas que fazem fronteiras ao curso do rio. Tendo o terreno um declive pronunciado, as margens junto à linha de água são zonas muito húmidas, podendo-se designar leito de cheia face à potencialidade de cheias em relação ao nível de caudal do rio.







PARTE 4
ESTRATÉGIA DE GRUPO

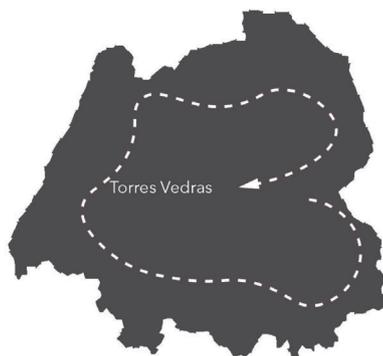


“Alma do Vinho”

SITUAÇÃO ATUAL



SITUAÇÃO ATUAL



“*As velhas quintas
solarengas, os bons
vinhos brancos e tintos.*”

A Região Oeste é, uma região de muita luz e com um clima ameno. Este território é muito fértil, pois é iluminado com uma grade intensidade, em que a costa marítima e o campo se interligam, numa mancha verde, salpicada de casario branco.

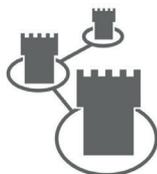
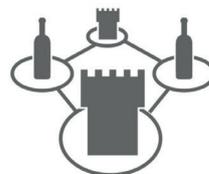
A cultura do vinho e todas as suas componentes, não se pode dissociar da policromática e diversificada oferta da Região do Oeste.

Alenquer à imagem das freguesias e concelhos que enriquecem e compõem o Oeste tem *caraterísticas vinícolas peculiares: as velhas quintas solarengas, os bons vinhos brancos e tintos*. Contudo um dos grandes problemas em relação às rotas já existentes, prende-se essencialmente por estarem dissociadas, por não comporem uma continuidade entre todas as terras produtores do vinho do Oeste.

PROPOSTA GERAL



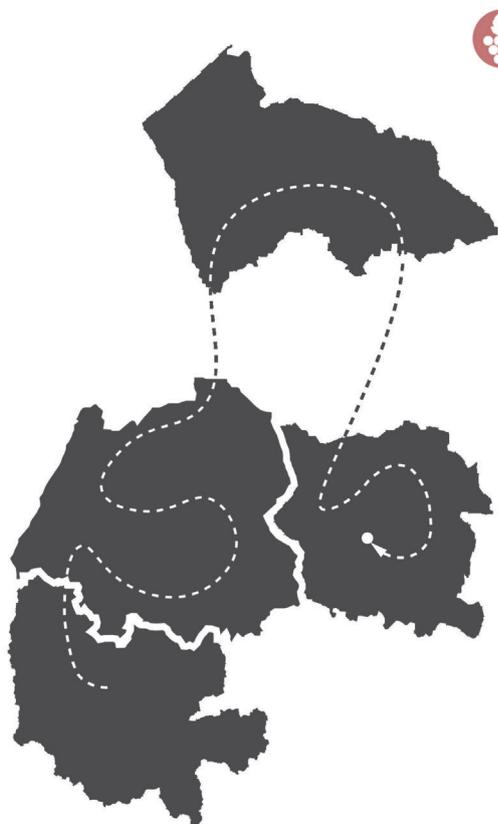
ROTA VINÍCULA

ROTA DAS LINHAS
DE TORRESROTA CULTURAL
DA ZONA OESTE

Por outro lado, o enoturismo é um produto emergente das novas tendências do consumo turístico, cada vez mais ligado à herança cultural do território e da sua população.

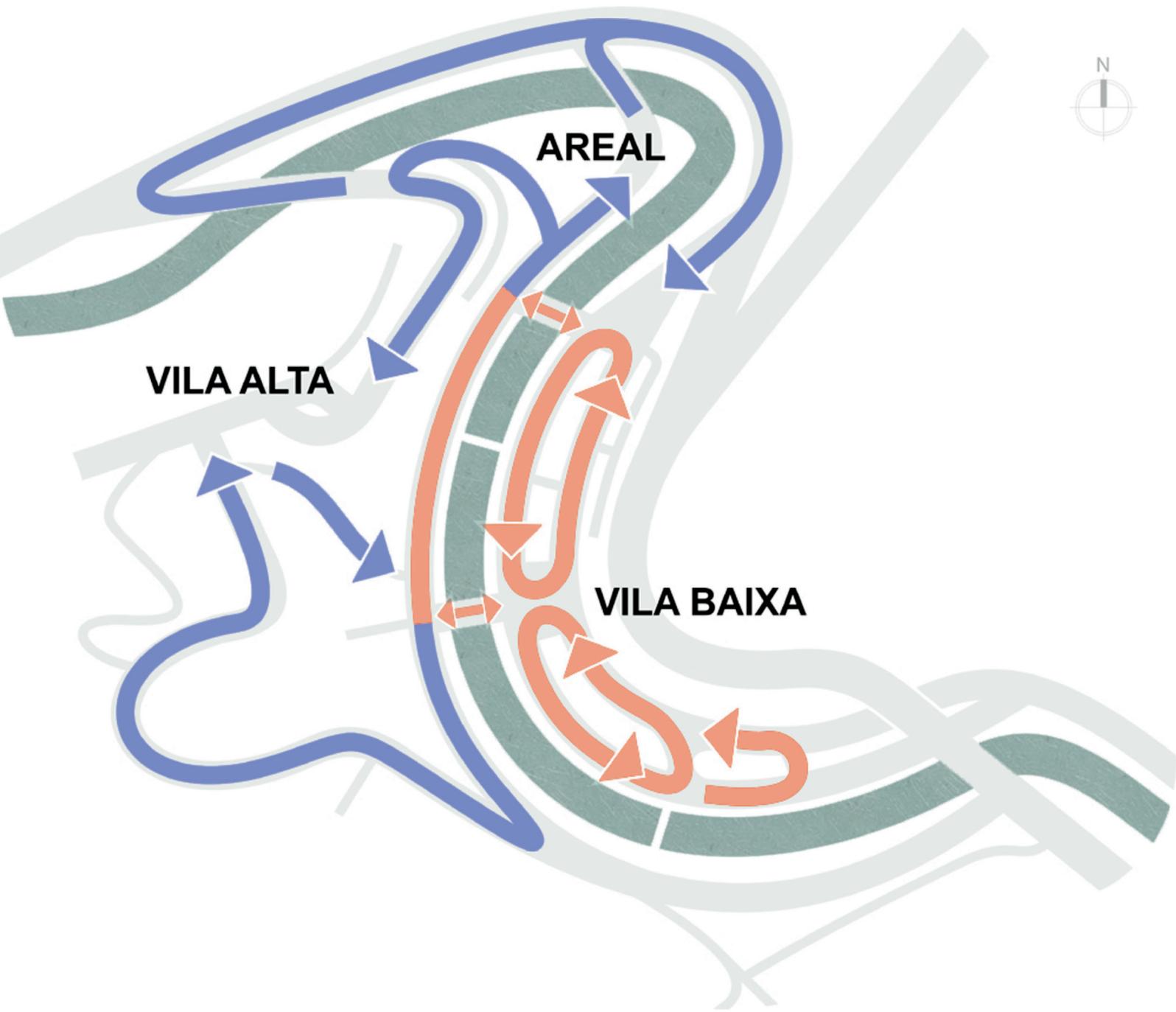
É com base nestas premissas que surge o [conceito da grande rota cultural do Oeste](#), esta rota caracteriza-se pela união da diversidade cultural existente nas diversas localidades: linhas históricas de Torres, Forte de S. Vicente, Convento de Mafra, Castelo de Óbidos, Forte de Peniche.

A Rota dos Castelos e Fortalezas possibilita uma viagem ao passado percorrendo a memória dos lugares que defenderam o Reino de Portugal. Para além do vasto património histórico que podemos vislumbrar na zona Oeste, esta área oferece outras valências, como uma longa costa marítima. É na perspetiva de aliar todas as vertentes densamente procuradas pelo turismo que se materializa o conceito da grande rota cultural do Oeste.



Esta proposta tem como objetivo promover: as condições de visita às adegas, caves e quintas; oferta de experiências únicas (património, paisagem e degustação); incrementar parceiros regionais; estratégia de desenvolvimento territorial; estimular a inovação de processos de serviço; qualificar o espaço público, tornando-o um sistema urbano funcional, salvaguardando o património; promover a coesão social, qualidade de vida e saúde dos cidadãos; incrementar novos postos de trabalho (inseridos nas novas infraestruturas com vertentes educativas, de lazer, e estadia, que exploramos a nível individual);

As rotas dos vinhos, são assim, instrumentos privilegiados de organização e divulgação do Enoturismo, devem constituir polos catalisadores das potencialidades que as regiões vitícolas encerram em si, funcionando como alavancas do desenvolvimento local e regional.



AREAL

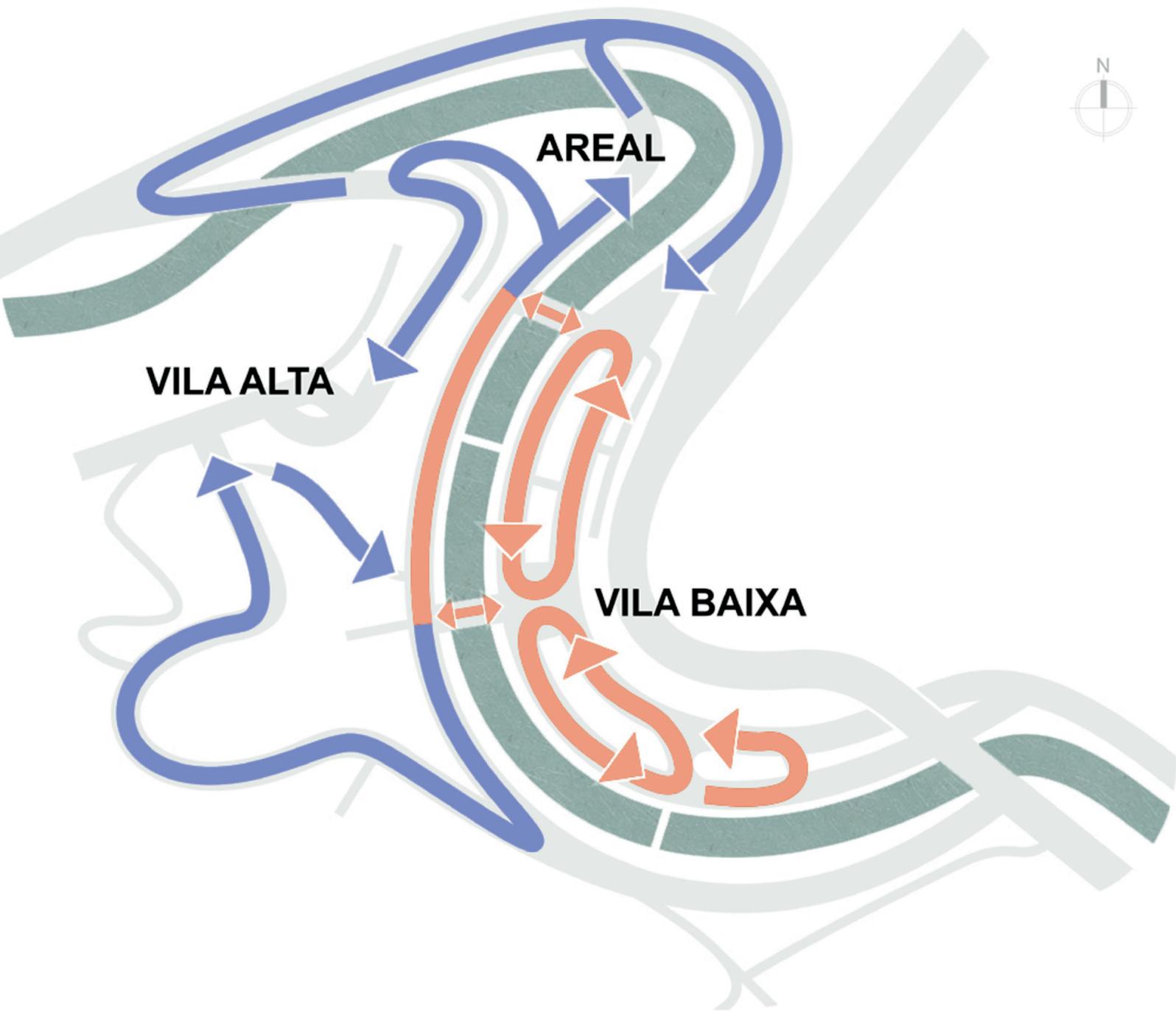
VILA ALTA

VILA BAIXA



ALENQUER: ACESSOS

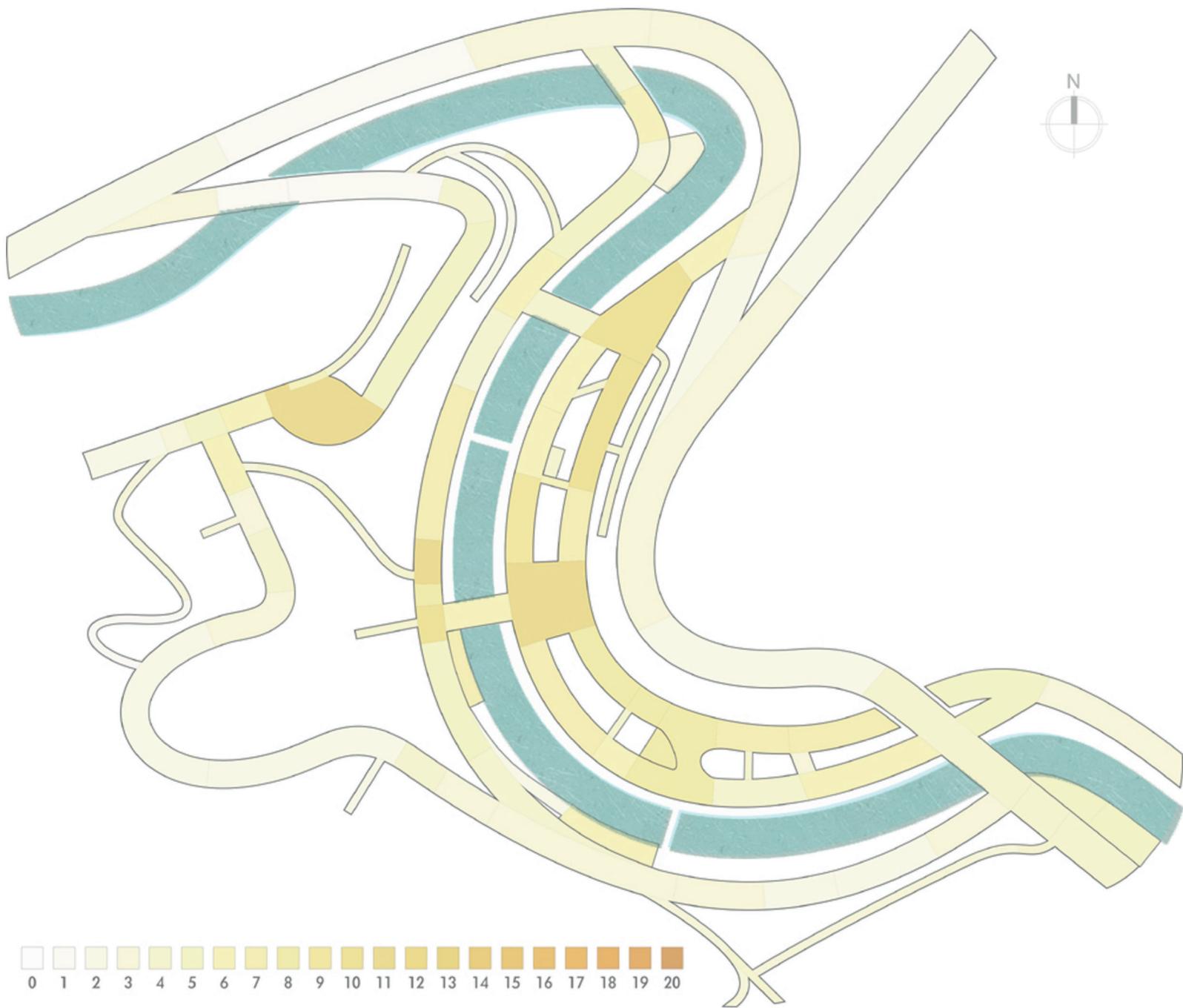
A vila de Alenquer tem dois acessos principais: a Estrada Nacional 1 (EN1), que permite o acesso de Alenquer ao sul e ao norte; a Estrada Nacional 9 (EN9), direciona para Oeste. Cada uma destas grandes vias de circulação emerge noutra de pequena dimensão que conduz à vila Alta e à Vila Baixa.



VILA ALTA, VILA BAIXA

A circulação interna da Vila tem como elementos essenciais os trajetos na vila Baixa, a norte e a sul do centro, onde se encontram os estabelecimentos comerciais, que por sua vez proporcionam maior intensidade de tráfego rodoviário, bem como a procura de estacionamento.

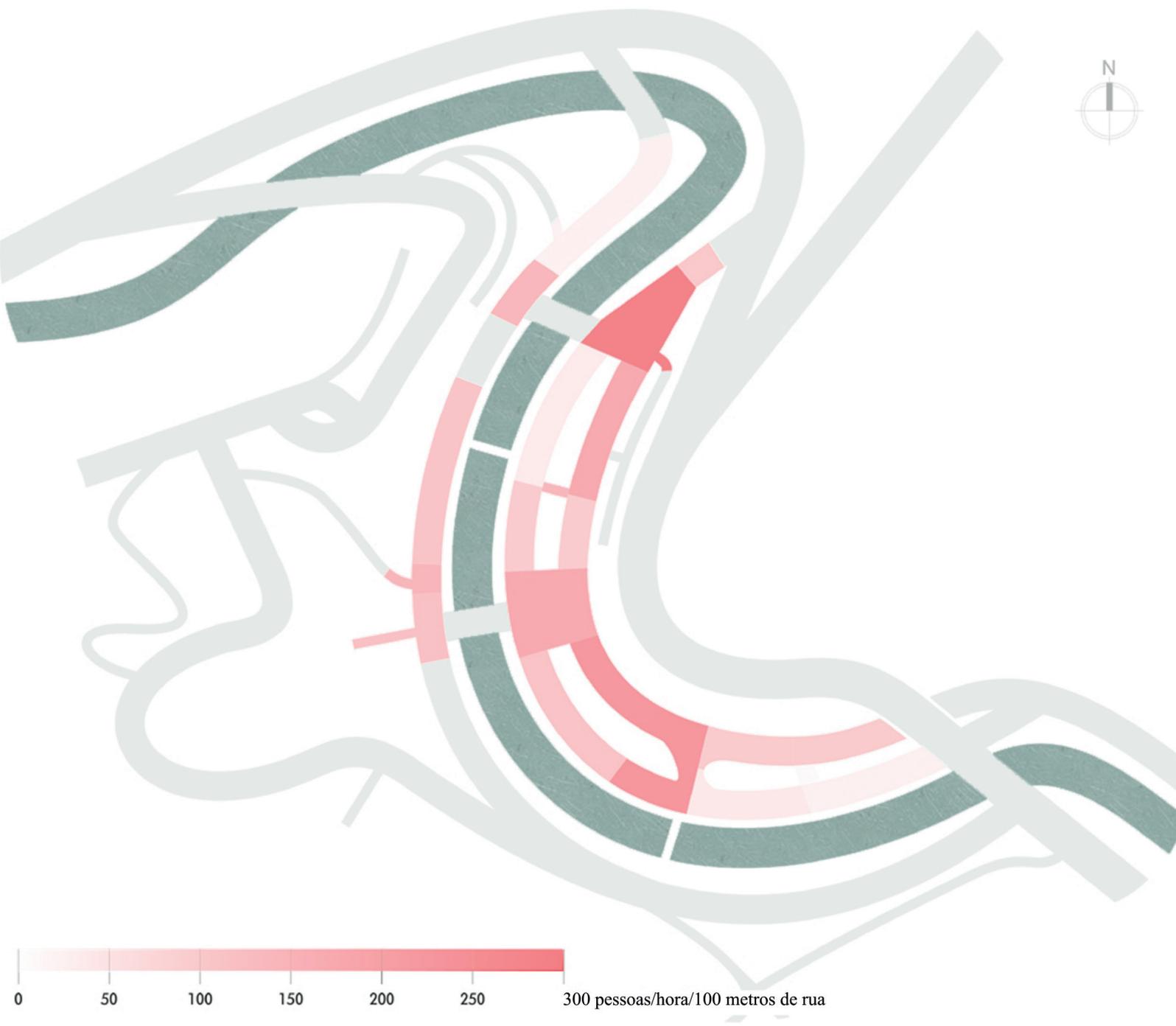
Na outra margem do rio, forma-se um eixo delimitado pela avenida dos Bombeiros, o Largo Espírito Santo e a Rua das Guerras. Este eixo distribui o tráfego para a vila Alta, e para o Areal e Paredes.



“*Porta existente do castelo; largo da Câmara e a área envolvente ao largo Espírito Santo.*”

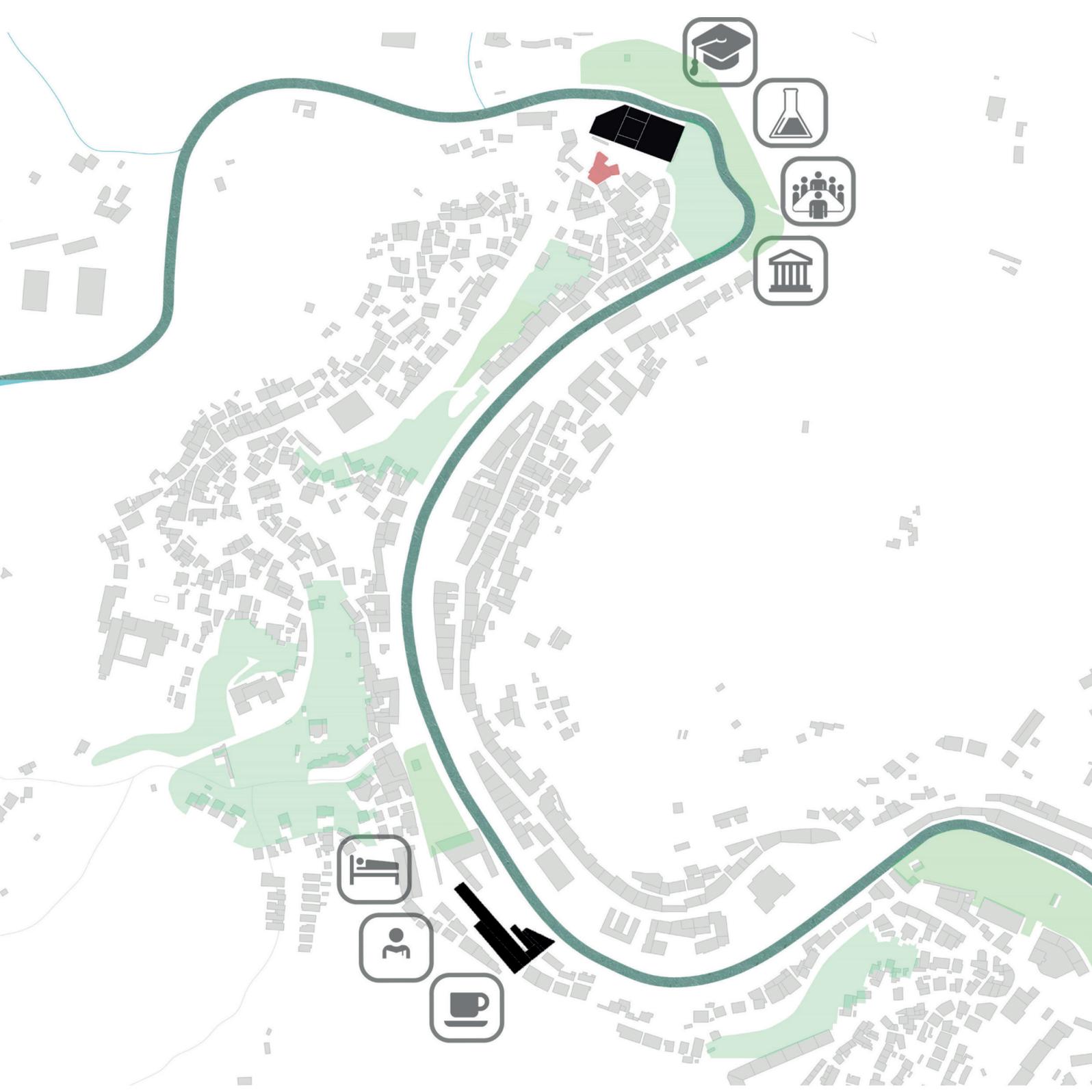
PONTOS DE INTERESSE

O mapa de atratividade ou interesse, reflete os locais de maior valor cultural, estético e artístico. Com base neste conceito podemos observar que os locais de maior interesse são assim os que conseguem reunir mais fatores: porta existente do castelo; largo da Câmara e a área envolvente ao largo Espírito Santo.



FREQUÊNCIA DAS PESSOAS NA RUA

A frequência dos estabelecimentos reflete o fluxo das pessoas que os servem. Podemos observar que a vila Baixa tem o fluxo mais concentrado, a maior densidade de frequência das ruas encontra-se no corredor interior do lado de Triana, onde se observa a preponderância do largo junto ao mercado e do largo Rainha Santa Isabel.



“*Criar uma nova dinâmica
na vila de Alenquer*”

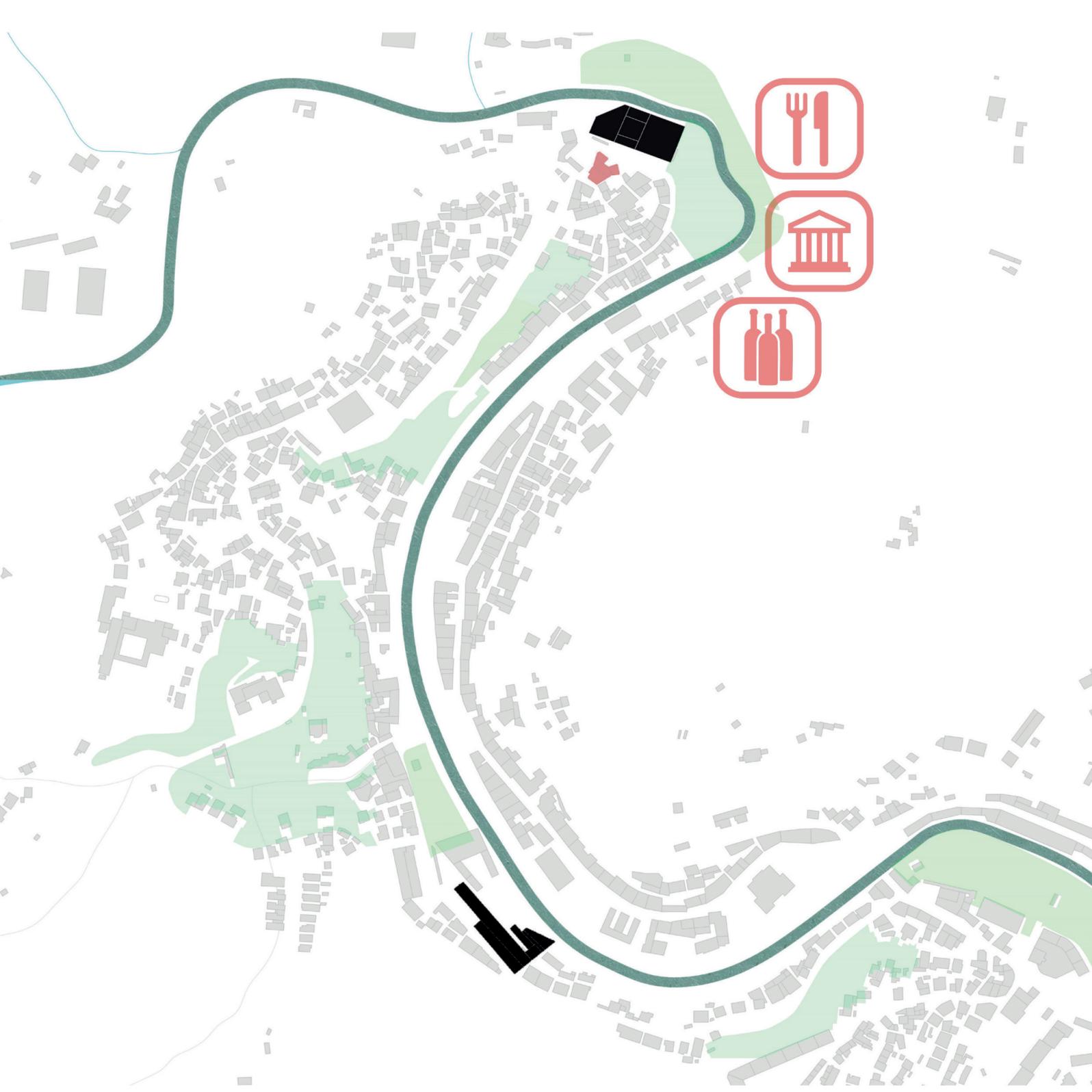
FÁBRICA DA MOAGEM

Este projeto tem como objetivo *criar uma nova dinâmica na vila de Alenquer*, tendo como base a identidade de uma região. O programa principal é um centro de investigação vinícola, sendo o edifício constituído por um espaço público, no piso inferior, no piso superior, encontramos o centro de investigação com a capacidade de trazer uma nova vida à vila de Alenquer

FÁBRICA DA CHEMINA

A fábrica da Chemina atualmente encontra-se desativada, este edifício faz parte do conjunto de fábricas que foram construídas nesta vila Medieval, á beira rio durante o século XIX.

Trata-se de uma ruína industrial, que tem uma forte presença na vila e características que a tornam num lugar privilegiado em Alenquer. O programa principal tem como função primordial a residência para estudantes que frequentam o centro de investigação vinícola. O edifício é constituído por uma zona verde com livre circulação, existe também um espaço coworking e uma sala polivalente. A antiga casa das máquinas destina-se à cidade. A reconversão da fábrica pretende consolidar a vivência com o rio, atualmente esquecida.



“*A identidade é um processo de identificação, historicamente apropriado que confere sentido e sentimento de presença.*”

TRAVESSA DA COURAÇA

A identidade é um processo de identificação, historicamente apropriado que confere sentido e sentimento de presença. A sociedade constrói e produz a sua identidade através do apego constante ao passado. É numa lógica de utopia fundamentada pelo real, que procuro descobrir e apontar novos caminhos.

O centro de Negócios do vinho vem implantar uma nova vivência à vila, o desenvolvimento do projeto consistiu na adaptação do edifício que se encontra devoluto, não esquecendo a recuperação e reintegração de alguns testemunhos existentes, permitindo a reincorporação do edifício na vida contemporânea.

O programa consiste na diversidade de espaços, sendo composto por espaços exteriores que permitem a degustação de vinho ao ar livre; espaços interiores, destinado a umas provas mais exclusivas, bem como a áreas propícias ao negócio (zonas de escritórios e salas de reunião); o edifício integra também uma área de armazenamento de vinhos.



**CENTRO DE NEGÓCIOS
DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL**



“O vinho e a Cultura”



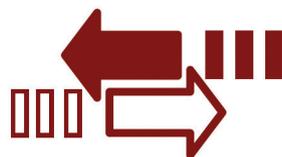
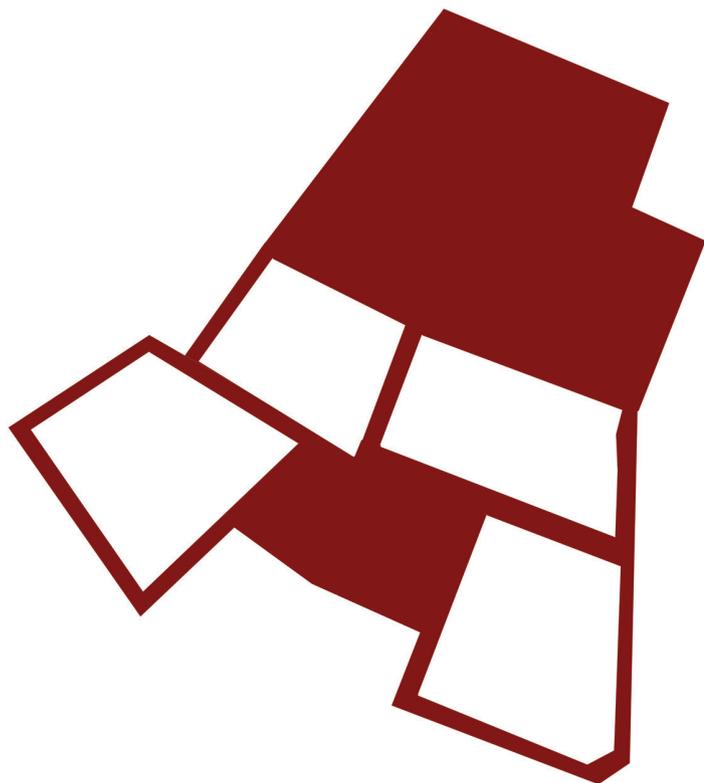
“... de tudo o que
se faz, permanece
a poesia, vital
para as pessoas
e para a história...”

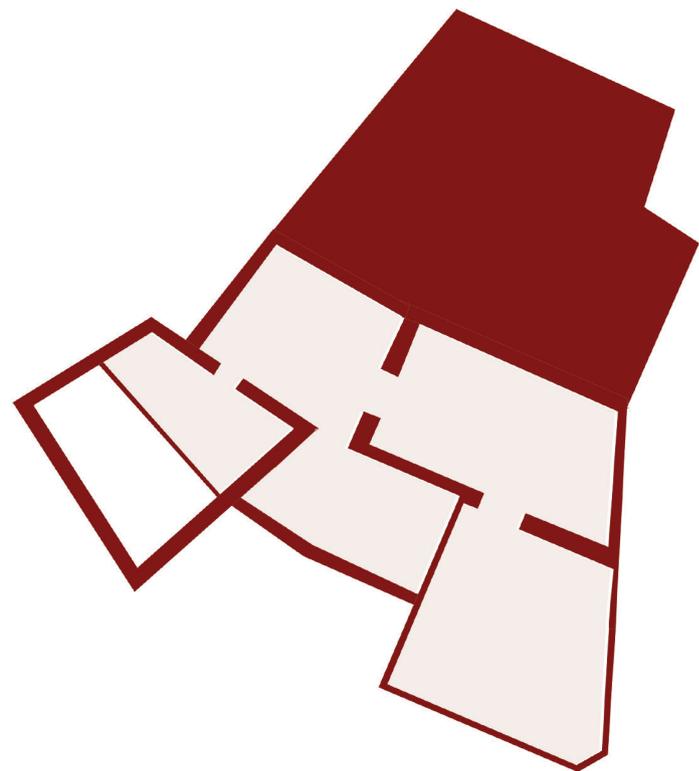
NOTA INTRODUTÓRIA

As preocupações com as cidades e o ambiente urbano assumiram grande visibilidade sobretudo a partir da segunda metade dos anos 80 (século XX), no contexto dos novos paradigmas de desenvolvimento.

A reabilitação, remete-nos para a readaptação de novas situações funcionais, criando em espaços edificados degradados, condições de atratividade: «... de tudo o que se faz, permanece a poesia, vital para as pessoas e para a história...» (Eduardo Souto Mouta in *Jornal Arquitectos/225*)

Num modo geral estas foram as premissas que lançaram o conceito fulcral do projeto, que se prende com os conceitos explorados em grupo: Grande rota cultural do Oeste – sendo o objetivo central e primordial melhorar a qualidade do ambiente e da vida da Vila, trazendo movimento para a zona do Areal que acabou por ser esquecido com o tempo. Este projeto consiste num centro de negócios e provas de vinho.

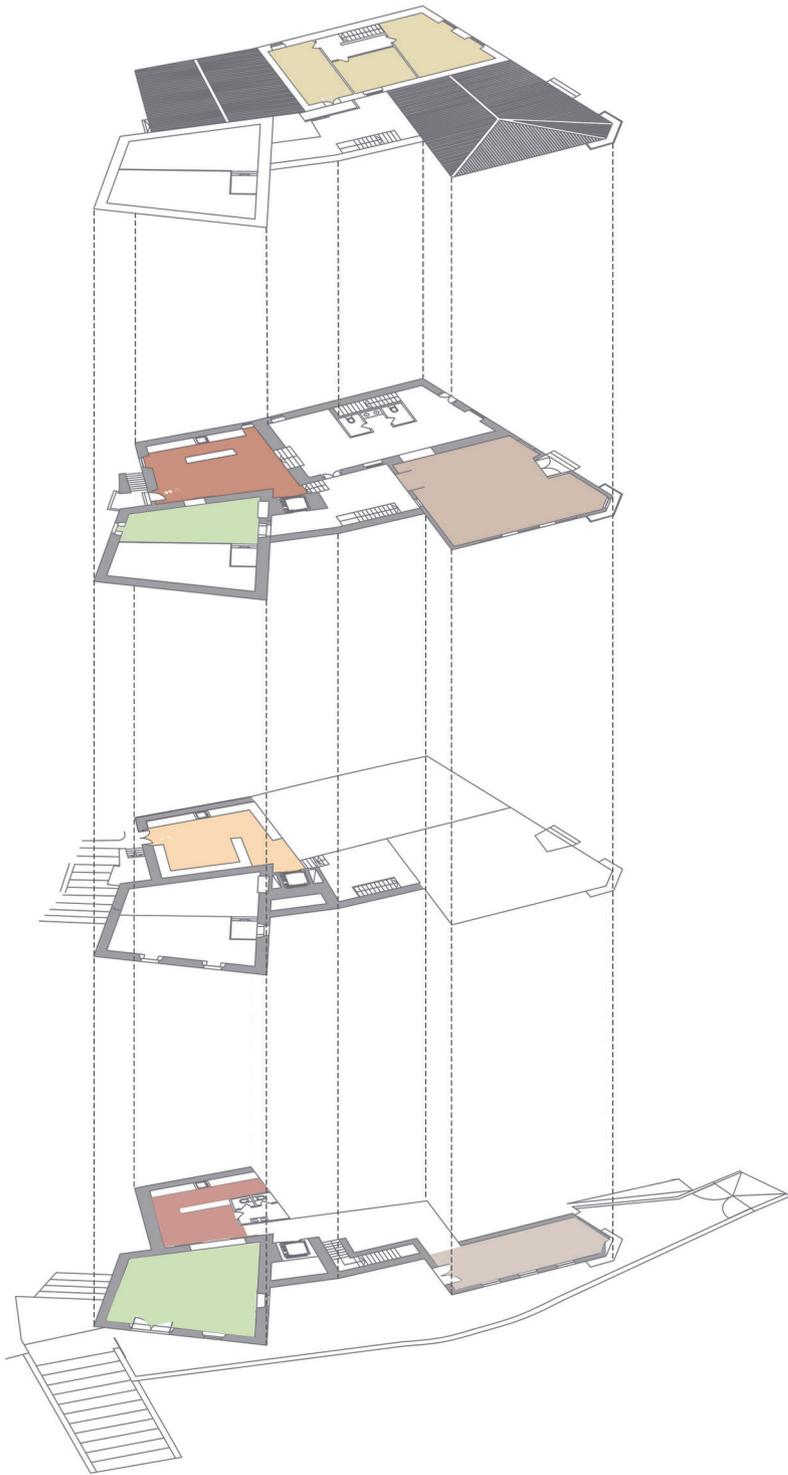




DIAGRAMA

Com base no conceito de reabilitação esta intervenção pretende desenvolver e adaptar um edifício devoluto para um novo uso tendo em atenção a sua recuperação e reintegração de testemunhos existentes. Neste seguimento lógico de pensamento emerge o conceito de continuidade, adaptando edifícios anteriormente isolados com caráter habitacional, num só edifício penetrando e contaminando com o conceito do vinho, transformando um complexo de edifício privado num edifício com caráter público. Ainda no seguimento conceptual, salienta-se a oposição interior/exterior, e a diversidade de vivências que estes dois espaços podem fomentar.

No projeto de reabilitação reesclareceu-se a estrutura organizativa, onde assume principal importância a redefinição dos acessos verticais e a distribuição funcional por piso.



ESCRITÓRIOS



ESPAÇO EXTERIOR



BAR



ESPAÇO POLIVALENTE



ADEGA

DESCRIÇÃO DE ESPAÇOS

Espaço Polivalente (piso 0)

Alenquer é uma vila de histórias e identidades, uma das mais prestigiadas regiões vinícolas de Portugal. O edifício cujo programa se centra em torno do vinho, contém um espaço Polivalente no piso 0 virado para a vila, é um local de desafogo, perante a formalidade do edifício vizinho.

Pela proximidade ao Centro de investigação assim como ao Museu do vinho de Alenquer, pretende-se que esta zona crie condições de interação. Este espaço poderá servir de complemento ao evento Alma do Vinho que representa produtores regionais e nacionais inseridos na Comissão Vitivinícola da Região de Lisboa. O seu programa é composto por um espaço verde ao ar livre, um espaço amplo, instalações sanitárias e um bar de provas que complementa o conceito deste espaço, pois é a oportunidade ideal para conhecer | saborear os vinhos da região.

Bar Exterior (piso 0)

Este espaço destina-se a acolher zonas de provas, foi pensada para a interação e troca de conhecimentos entre os seus usufrutuários, é uma zona que complementa o centro de investigação, na vertente mais experimental. É composto por uma área exterior, instalações sanitárias e acessos verticais. O espaço verde é integrado nas ruínas existentes, que foram preservadas de modo a proporcionar ao visitante uma harmonia entre a história e a contemporaneidade, usufruindo de uma panóplia de sensações experimentais. As namoradeiras existentes nas ruínas foram mantidas com o intuito de conservar espaços intimistas dentro de um edifício público. O piso 0 é a base do edifício, faz as interações entre as diferentes zonas.



Adega (piso 1)

A adega, é o compartimento onde se conserva os vinhos da melhor maneira possível, ou seja, mantê-los na temperatura adequada, abrigando-os num local com pouca luz e boa humidade. Para os apreciadores, a importância de conservá-los corretamente é fundamental para que o sabor e as suas características não se alterem com o tempo.

Espaço Polivalente (piso 2)

A Sala polivalente foi um espaço concebido para receber diversas atividades referentes a acontecimentos culturais: Provas de vinhos, exposições, apresentações, palestras e trabalhos de grupo. O programa é organizado por uma sala ampla, instalações sanitárias, e contém um bar que serve de apoio. A relação direta com o espaço lúdico permite ampliar a área em alturas de maior fluxo de visitantes

Espaço Lúdico (piso 2)

Esta divisão, próxima do bar, destina-se a leituras e lazer, é uma área que complementa as necessidades do centro de investigação. É pensado para oferecer aos seus usuários uma vivência de leitura num ambiente amplo e acolhedor. O espaço deve ser flexível para acomodar eventos, adaptações e eventuais mudanças.

Vinoteca – Provas de vinhos (piso 2)

A Vinoteca complementa o espaço polivalente e o espaço lúdico, é um local de provas – aprendizagem sensorial. Pretende-se ainda que a seleção de um vinho seja toda uma nova experiência, para que o consumidor se sinta familiarizado com a história do vinho. As provas de vinho podem ser feitas tanto no interior, como na varanda projetada no edifício em ruínas que preserva as namoradeiras, espaço intimista. Ambos os bares – Vinoteca, bar exterior (piso 0) – complementam as carências do Museu dos vinhos, privilegiando essencialmente a degustação, e compra de vinho.



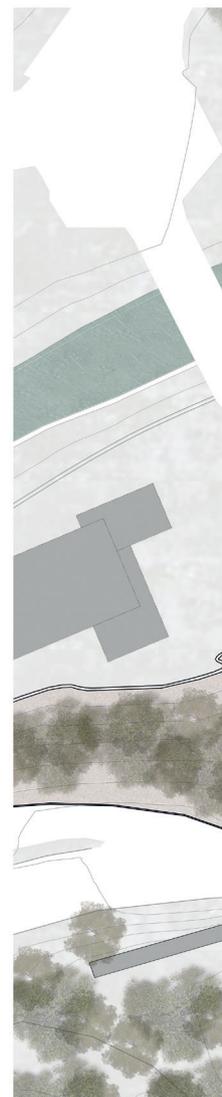
“ (...) tempo
não é linear,
é um maravilhoso
emaranhado onde,
a qualquer
instante, podem
ser escolhidos
pontos e inventadas
soluções, sem
começo nem fim.”
Lina Bo Bardi

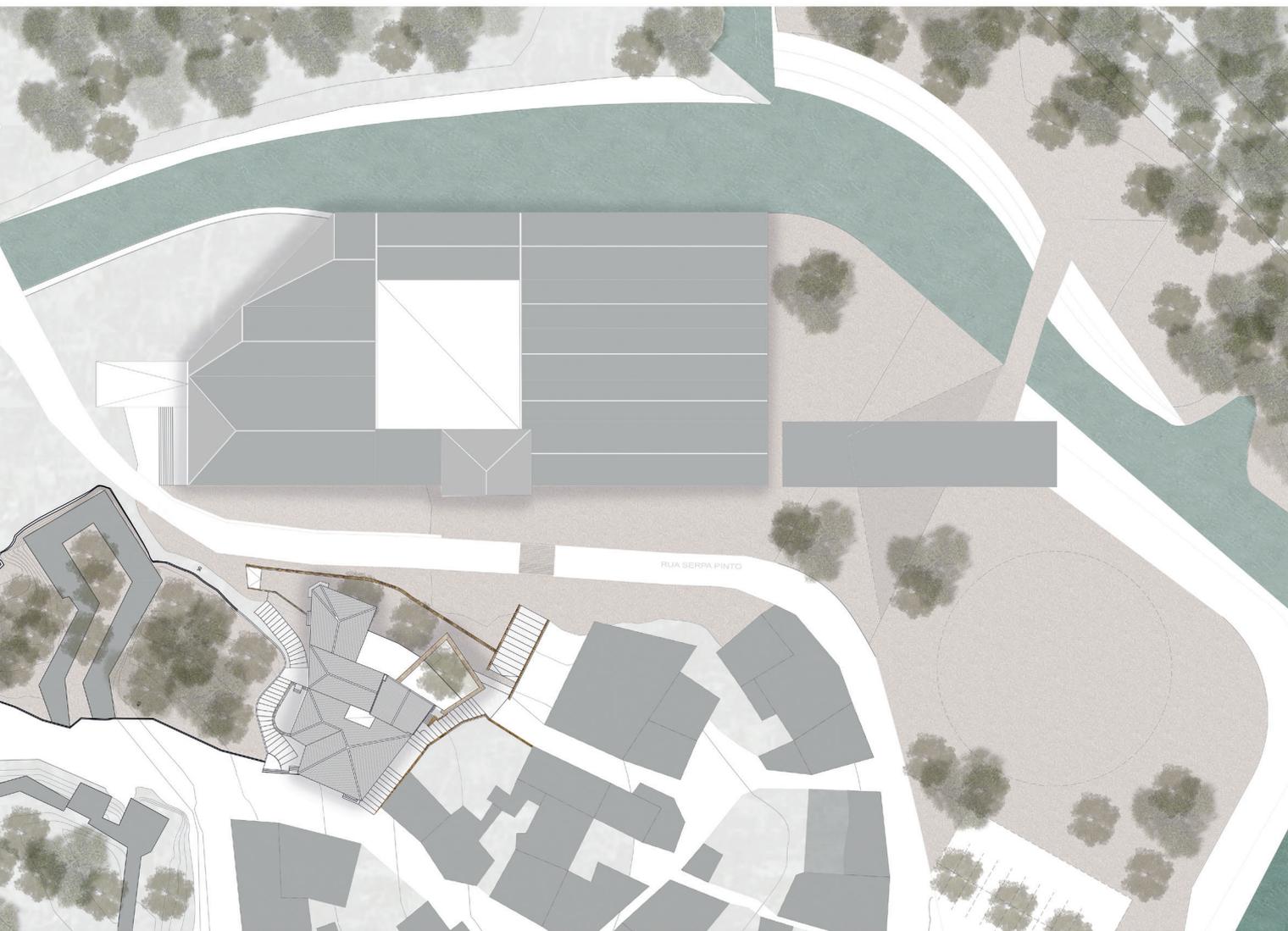


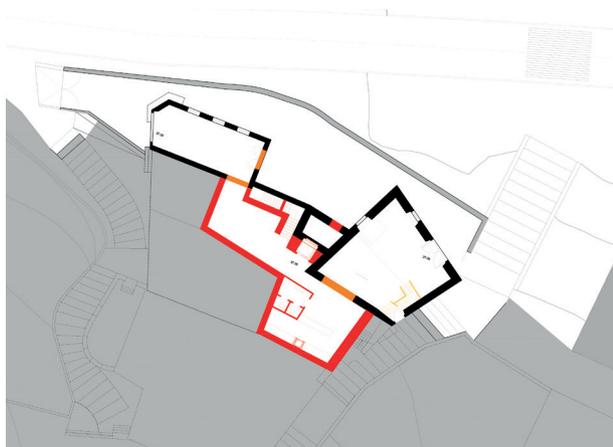
Alenquer: Centro de negócios
Planta de implantação
Escala 1/1000
Tutor: Pedro Mendes



Alenquer, 2016-2017







Planta de alteração cota 27.35 - vermelhos e amarelos

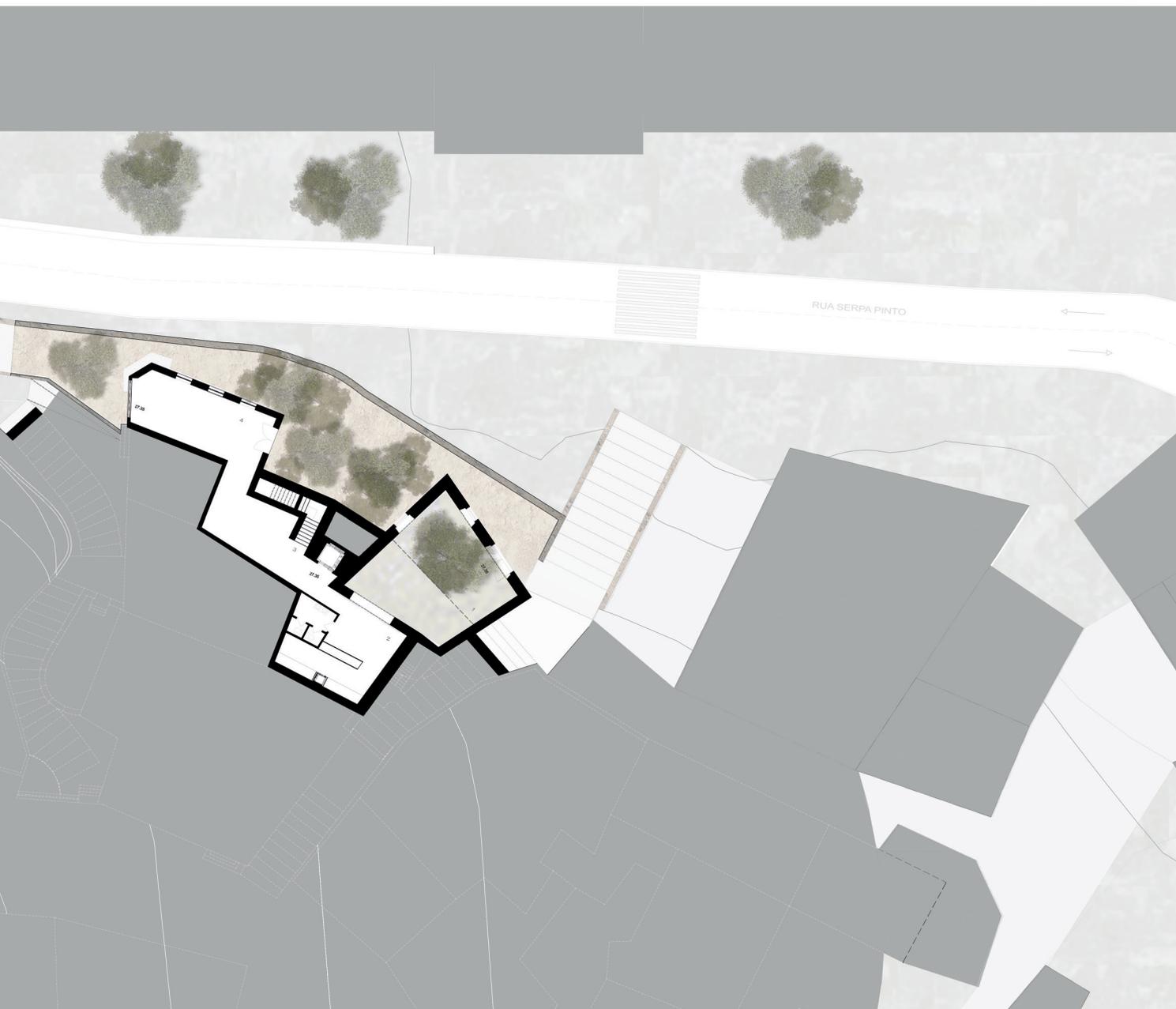
- 1 - Espaço exterior de provas
- 2 - Zona de bar
- 3 - Circulação
- 4 - Espaço Polivalente

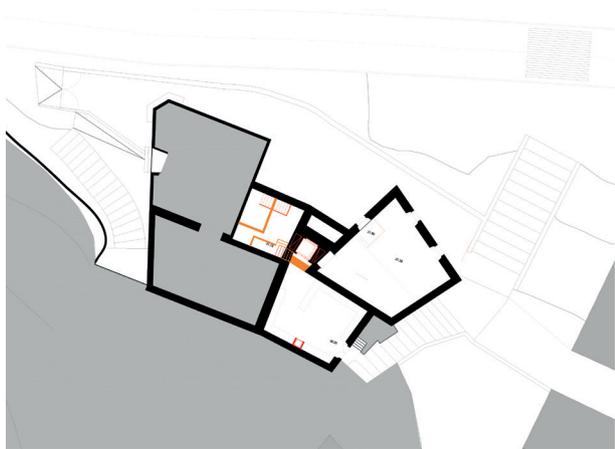
Alenquer: Centro de negócios
Planta Cota 27.35
Escala 1/400



Alenquer, 2016-2017







Planta de alterações cota 30.20 - vermelhos e amarelos

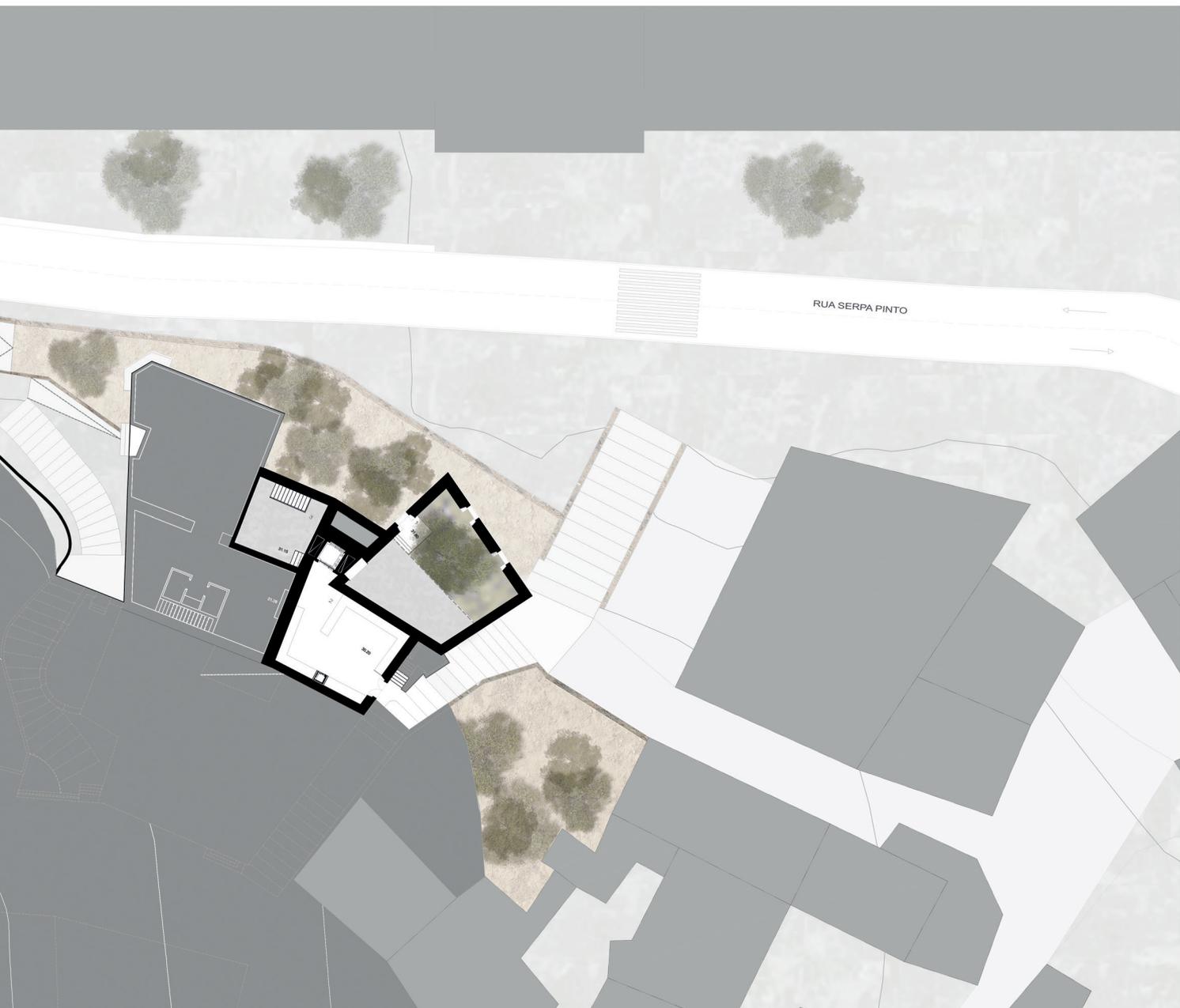
- 1 - Namoradeira
- 2 - Adega
- 3 - Circulação

Alenquer: centro de negócios
Planta Cota 30.20
Escala 1/400



Alenquer, 2016-2017







Planta de alterações cota 32.60 - vermelhos e amarelos

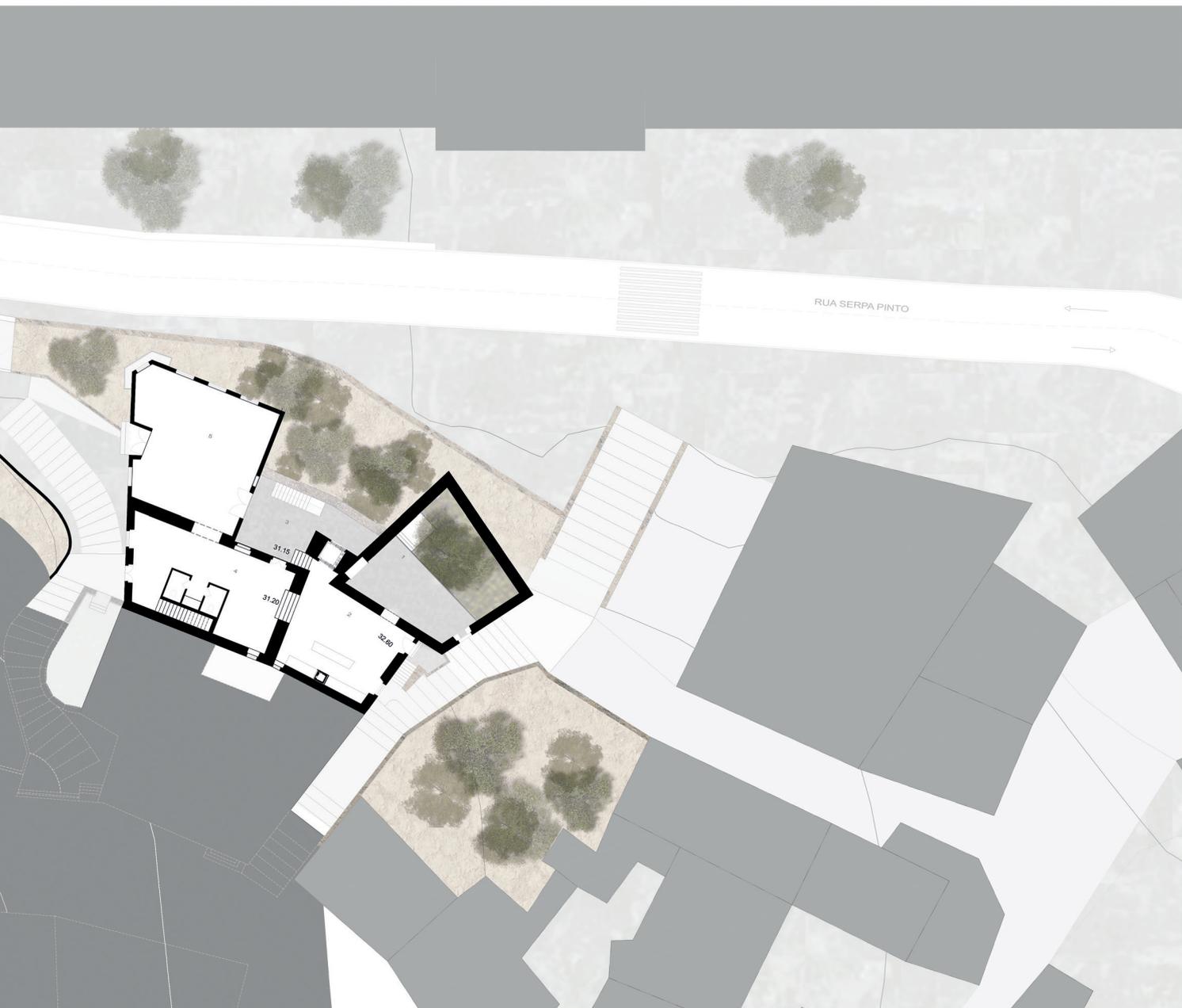
- 1 - Passadiço
- 2 - Bar
- 3 - Circulação
- 4 - Espaço Lúdico
- 5 - Espaço Polivalente

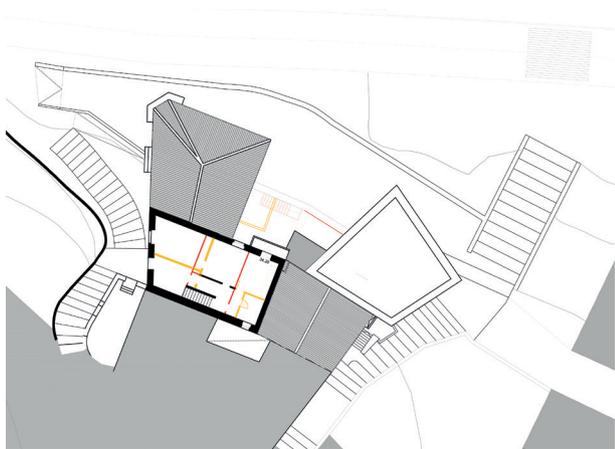
Alenquer Centro de negócios
 Planta cota 32.60
 Escala 1/400



Alenquer, 2016-2017







Planta de alteração 34.20 - vermelhos e amarelos

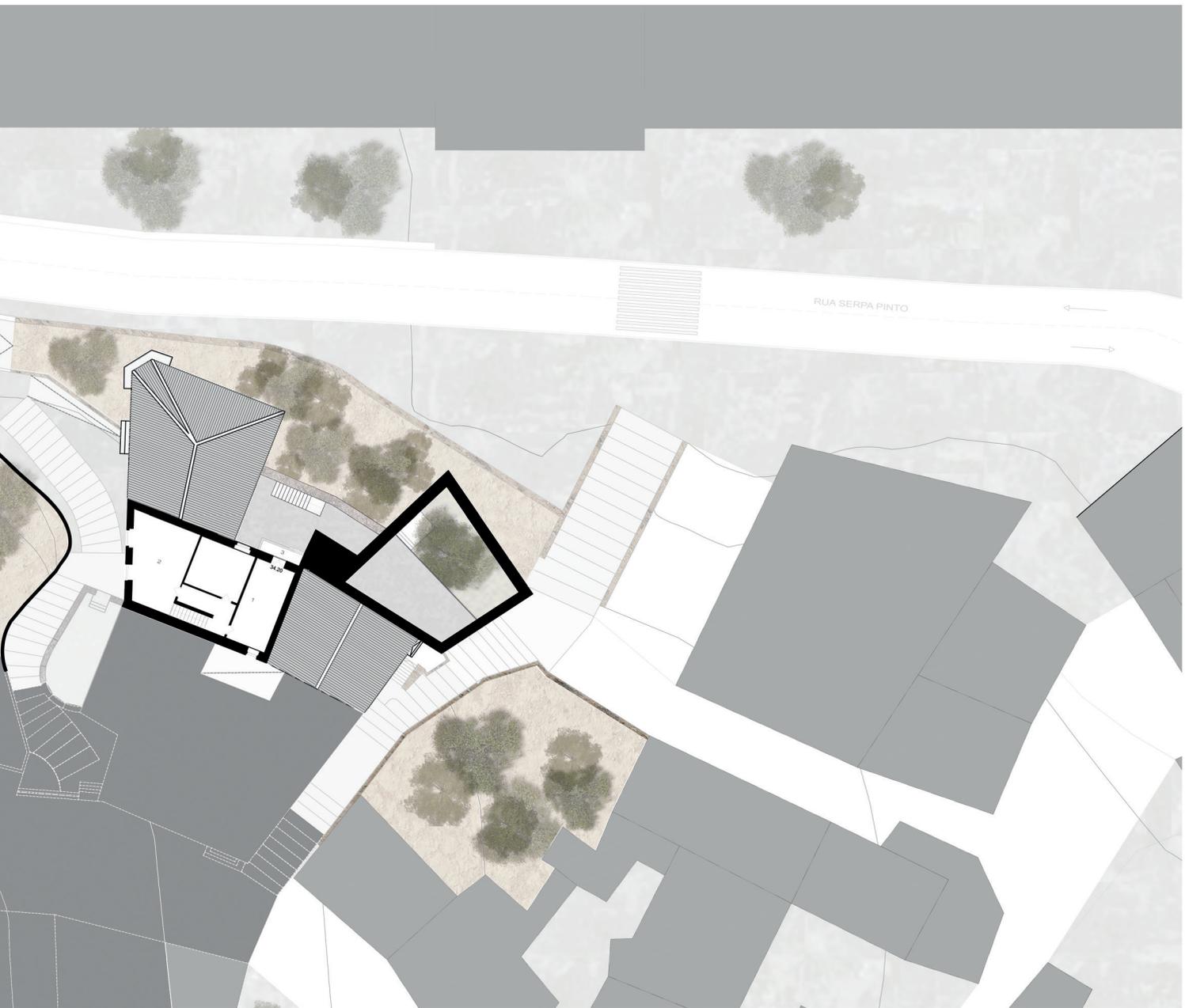
- 1 - Escritórios
- 2 - Sala de reuniões
- 3 - Varanda

Alenquer: centro de negócios
Planta Cota 34.20
Escala 1/400



Alenquer, 2016-2017





Alenquer: Centro de negócios
Planta de Coberturas
Escala 1/400



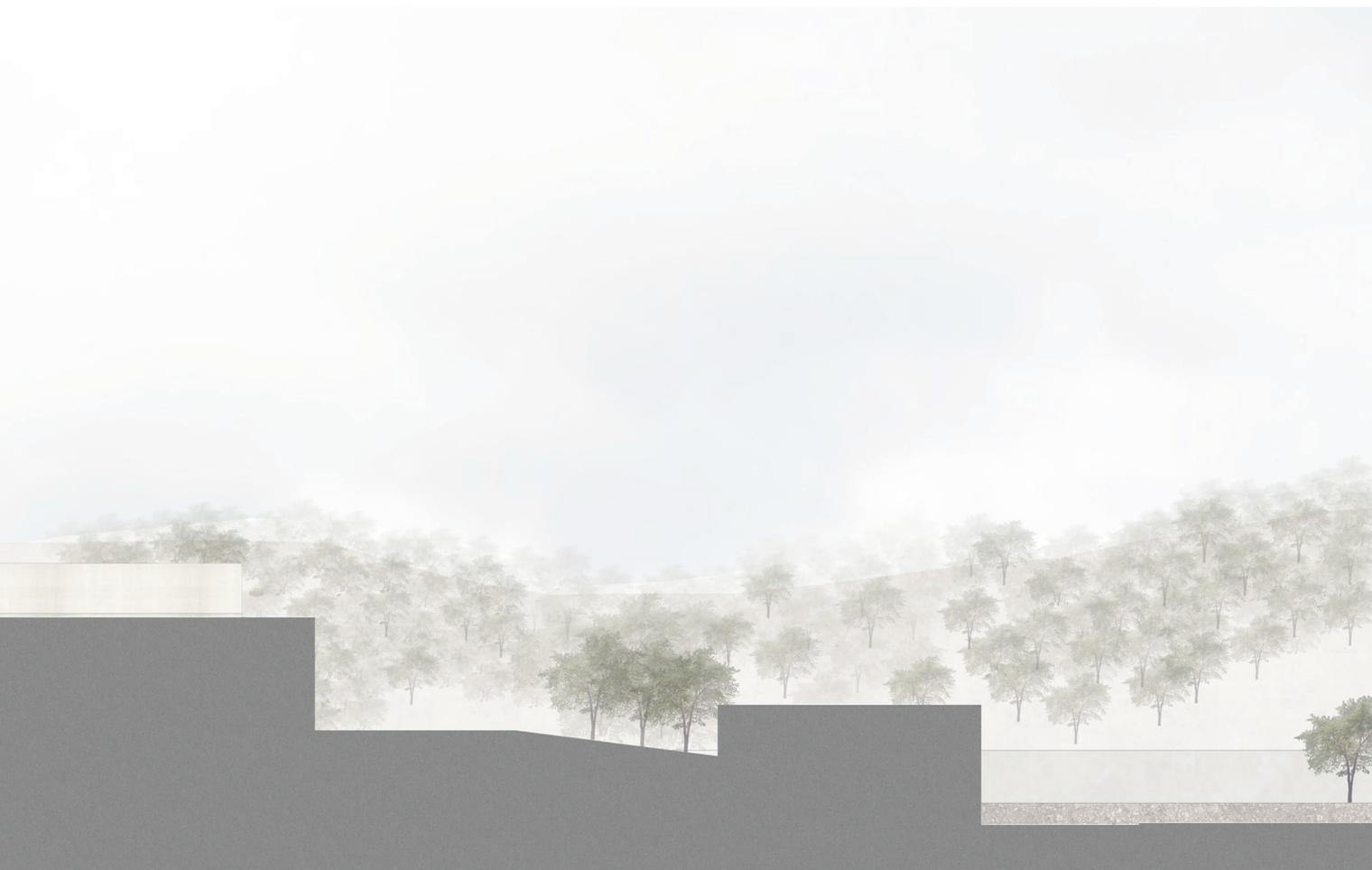
Alenquer, 2016-2017







Alenquer: Centro de negócios
Corte AB escala 1/400



legenda

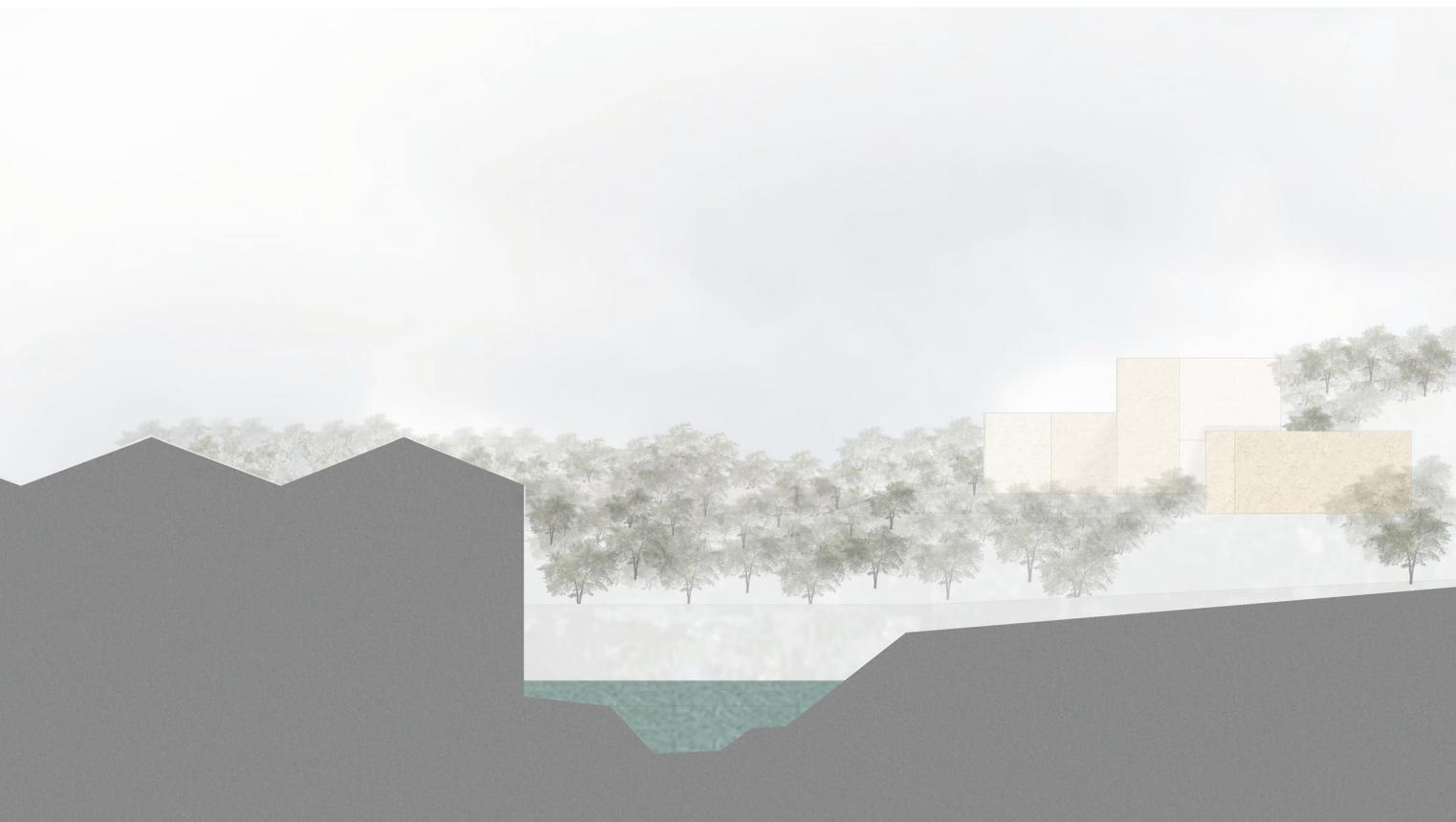


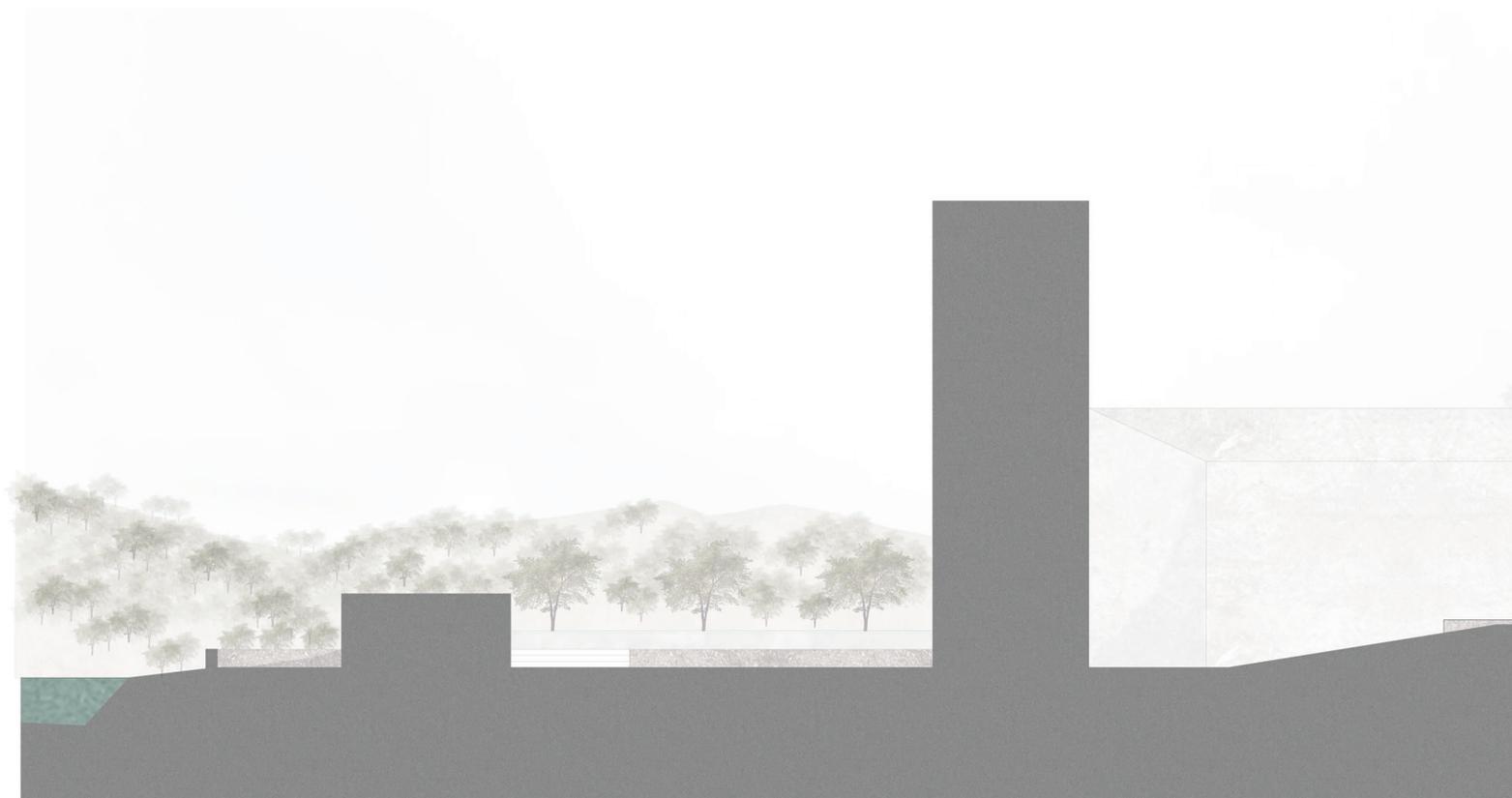
Alenquer, 2016-2017



Alenquer: Centro de negócios

Corte CD escala 1/400

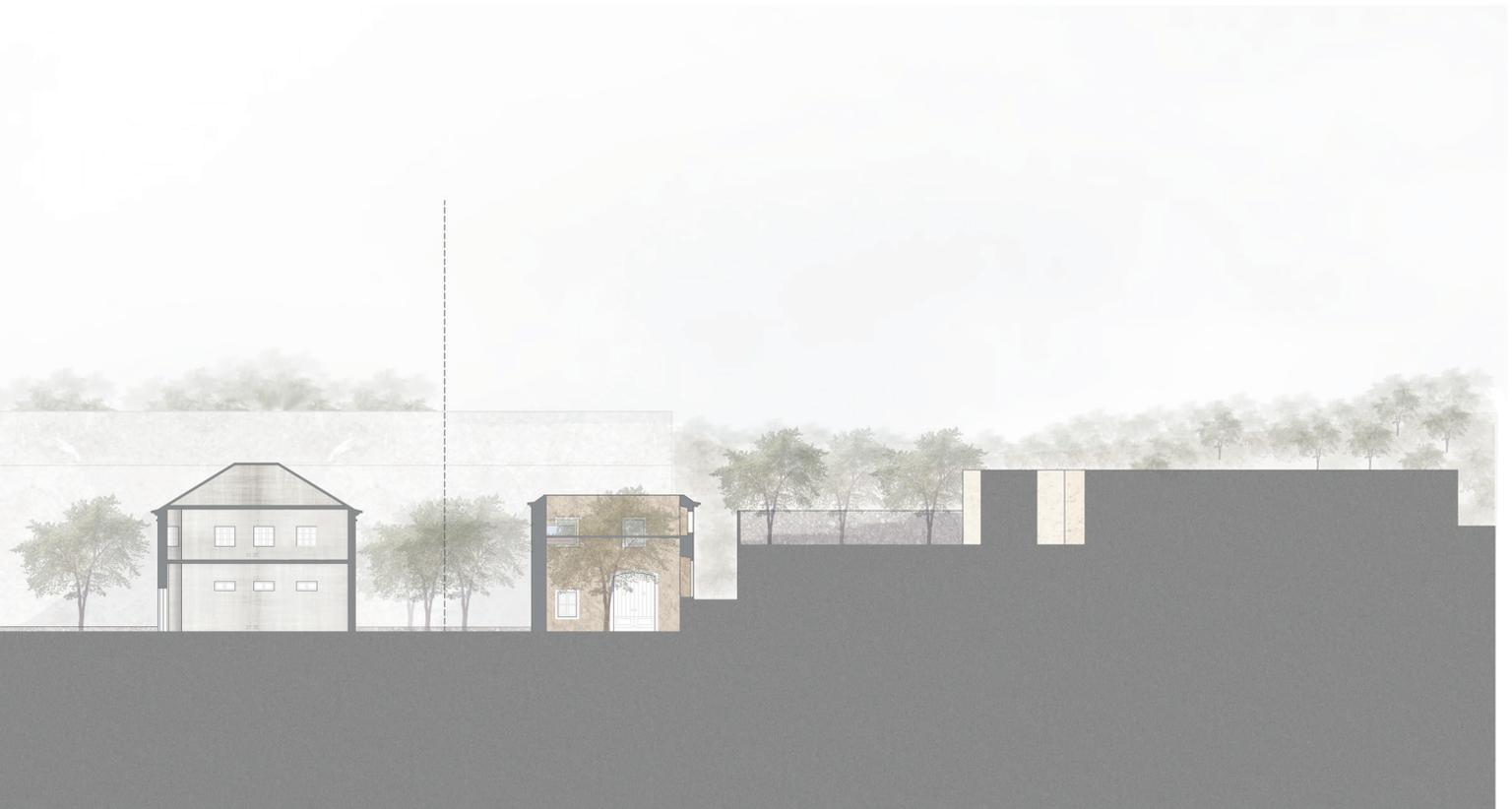




Alenquer: Centro de negócios

Corte EF

Escala 1/400

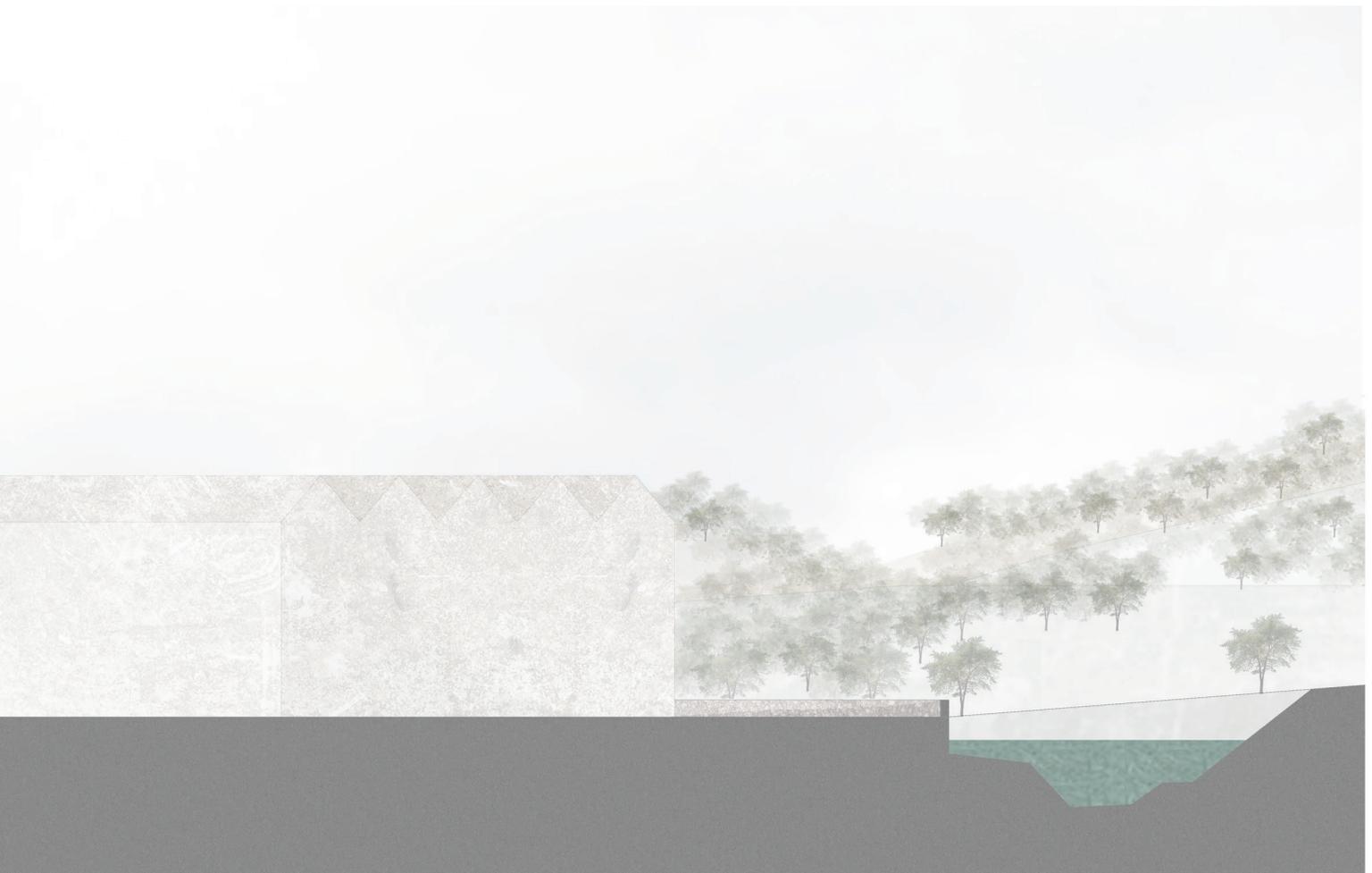




Alenquer: Centro de negócios

Corte GH

Escala 1/400





Alenquer: Centro de negócios

Alçado nascente

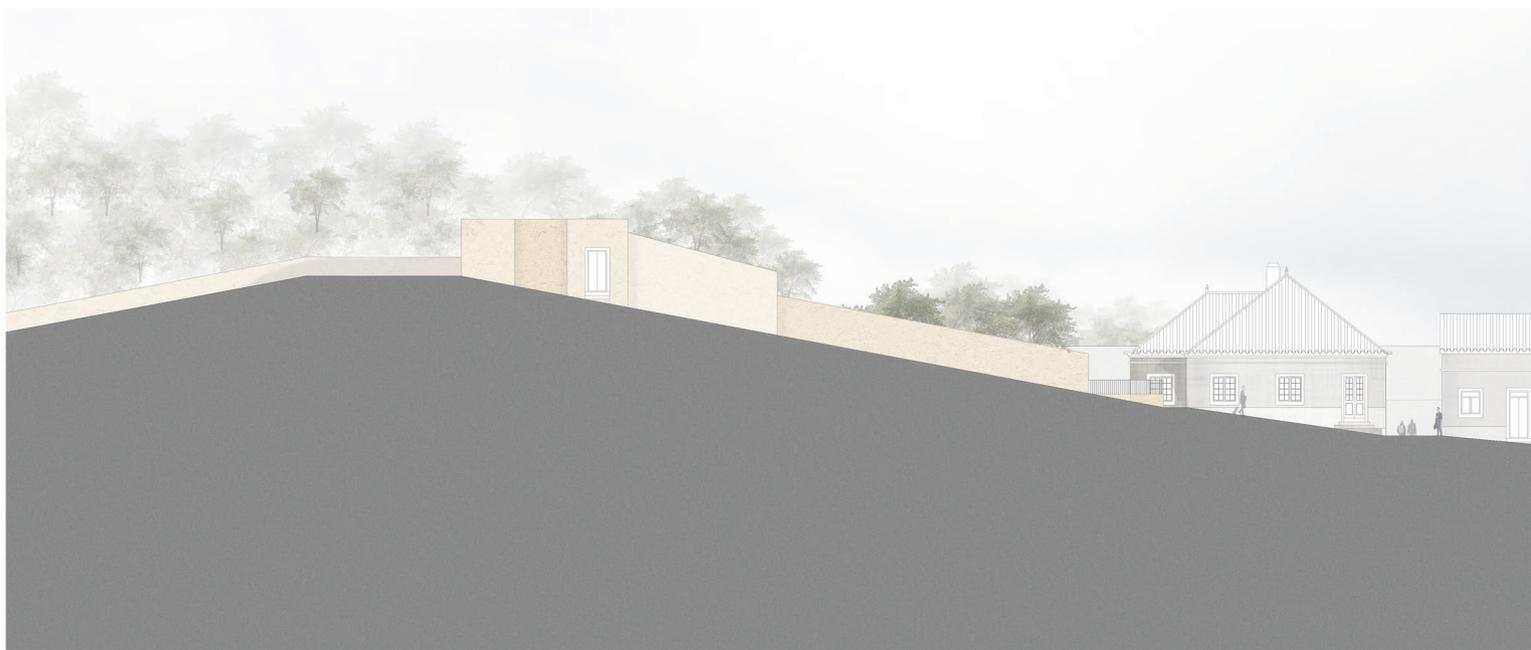
Escala 1/400



legenda



Alenquer, 2016-2017



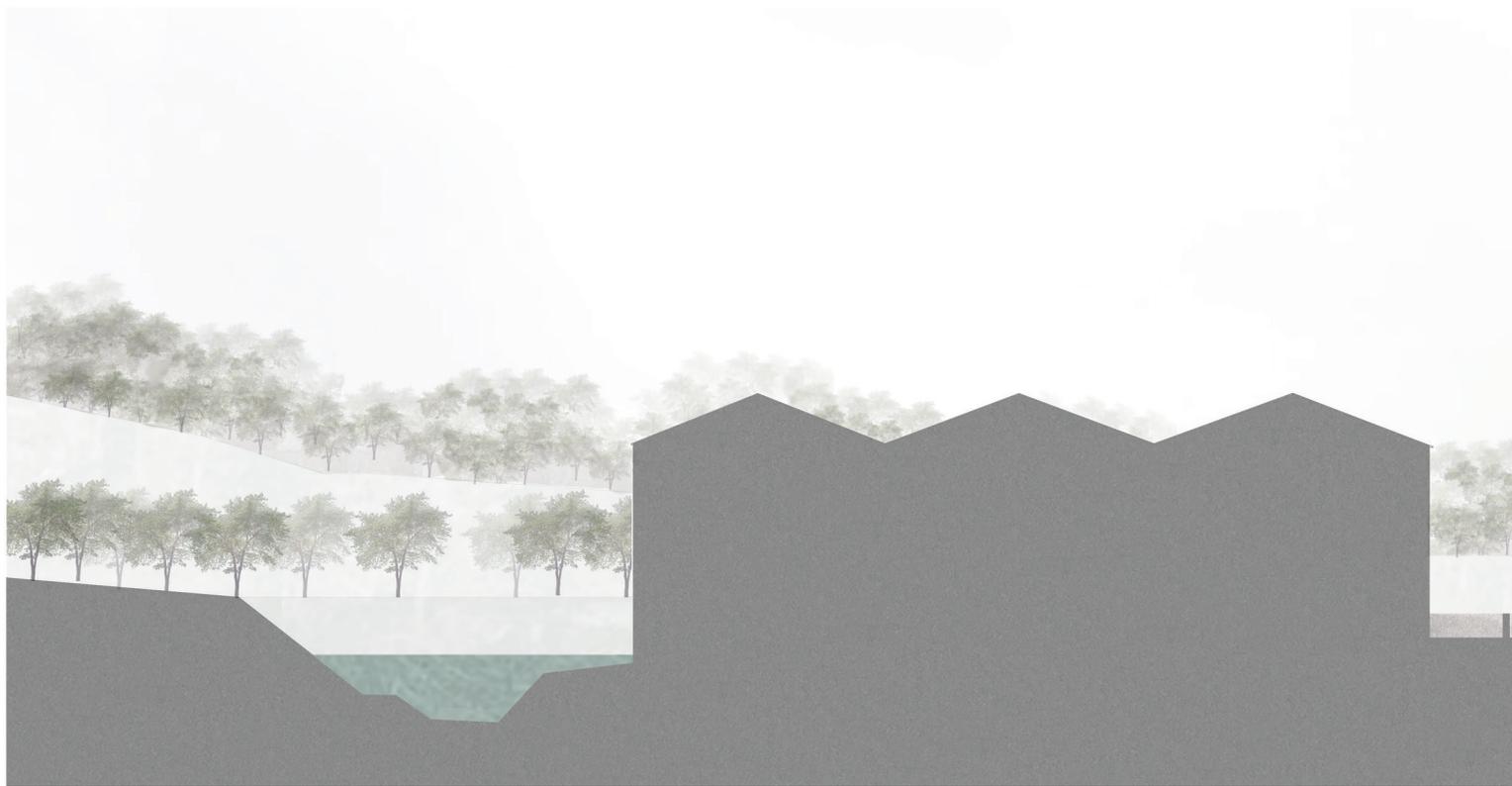
Alenquer: Centro de negócios
Alçado Poente
Escala 1/400



legenda



Alenquer, 2016-2017



Alenquer: Centro de negócios

Alçado Sul

Escala 1/400



legenda



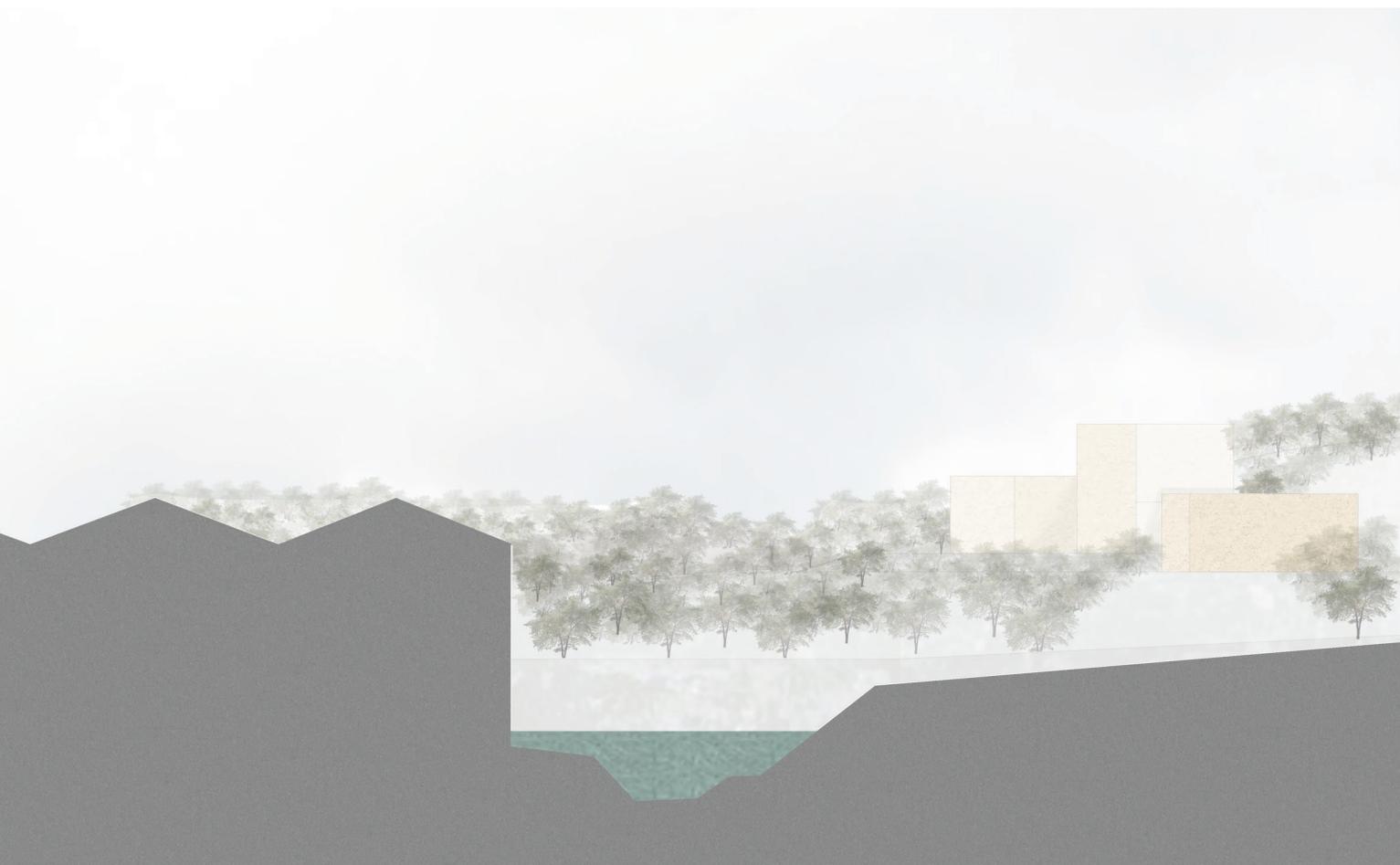
Alenquer, 2016-2017



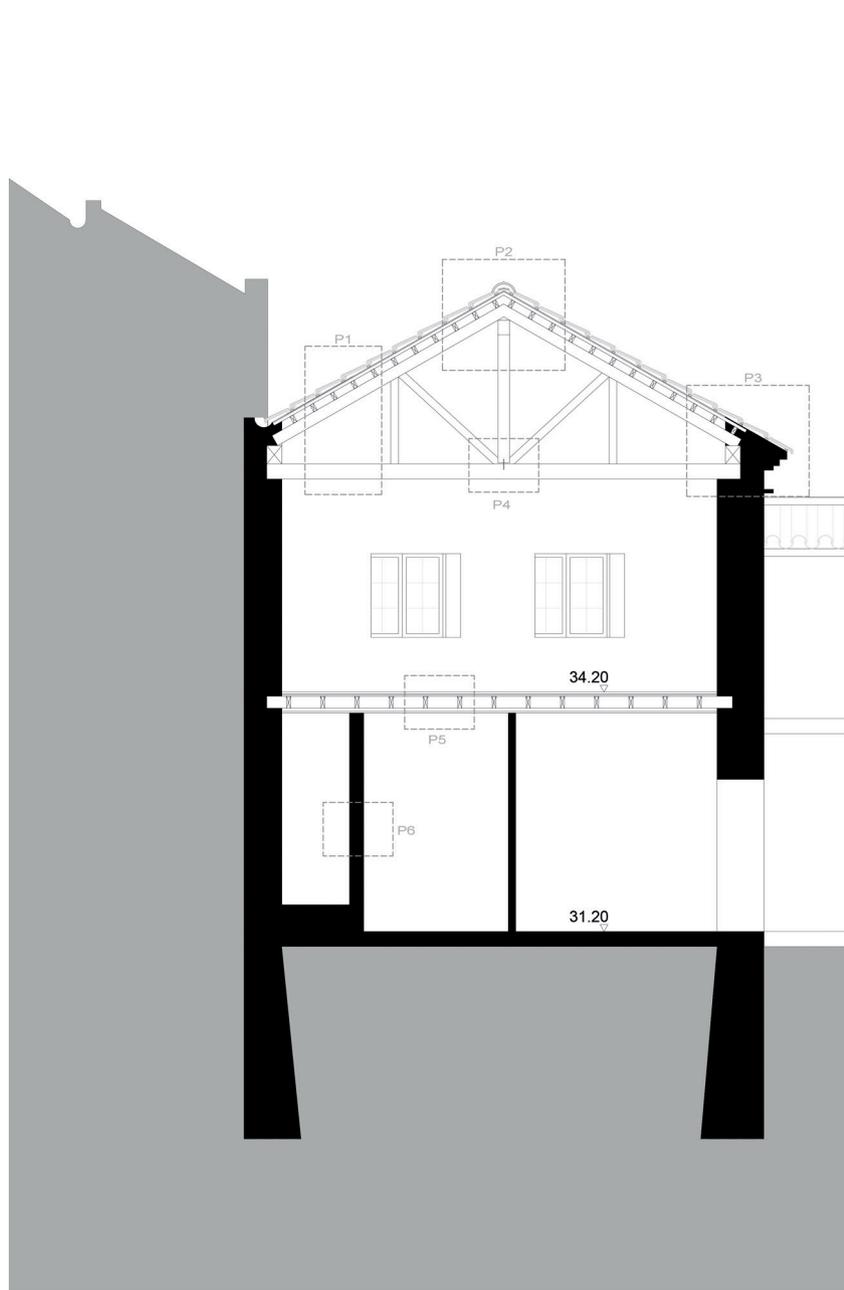
Alenquer: Centro de negócios

Alçado Norte

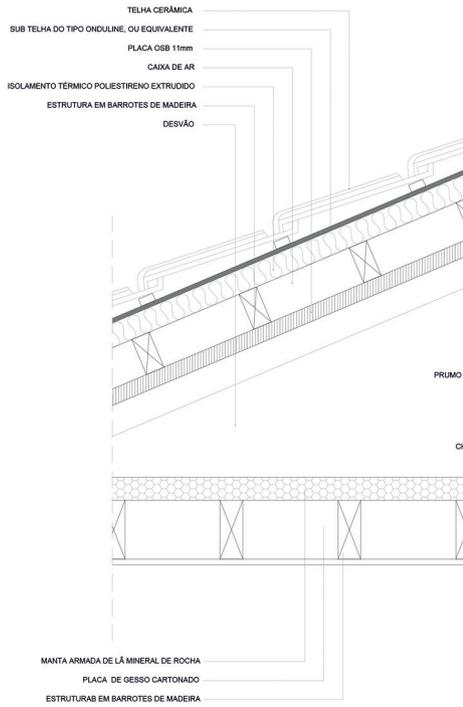
Escala 1/400



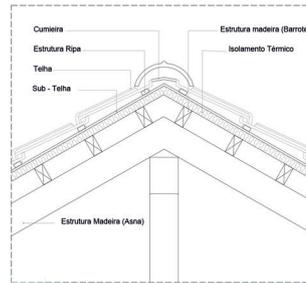
Alenquer, 2016-2017



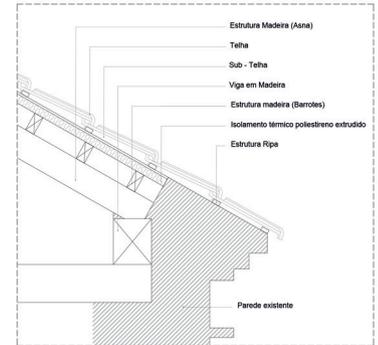
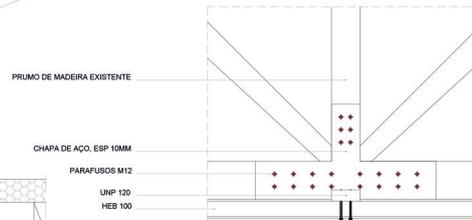
Pormenor Construtivo escala 1/100
Pormenor 1 a 6 escala 1/50



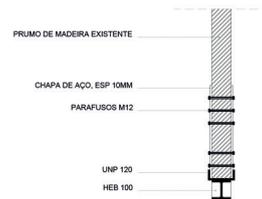
Pormenor 1



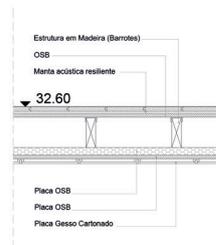
Pormenor 2



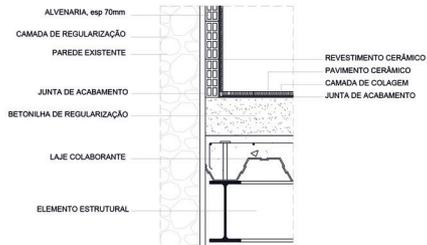
Pormenor 3



Pormenor 4

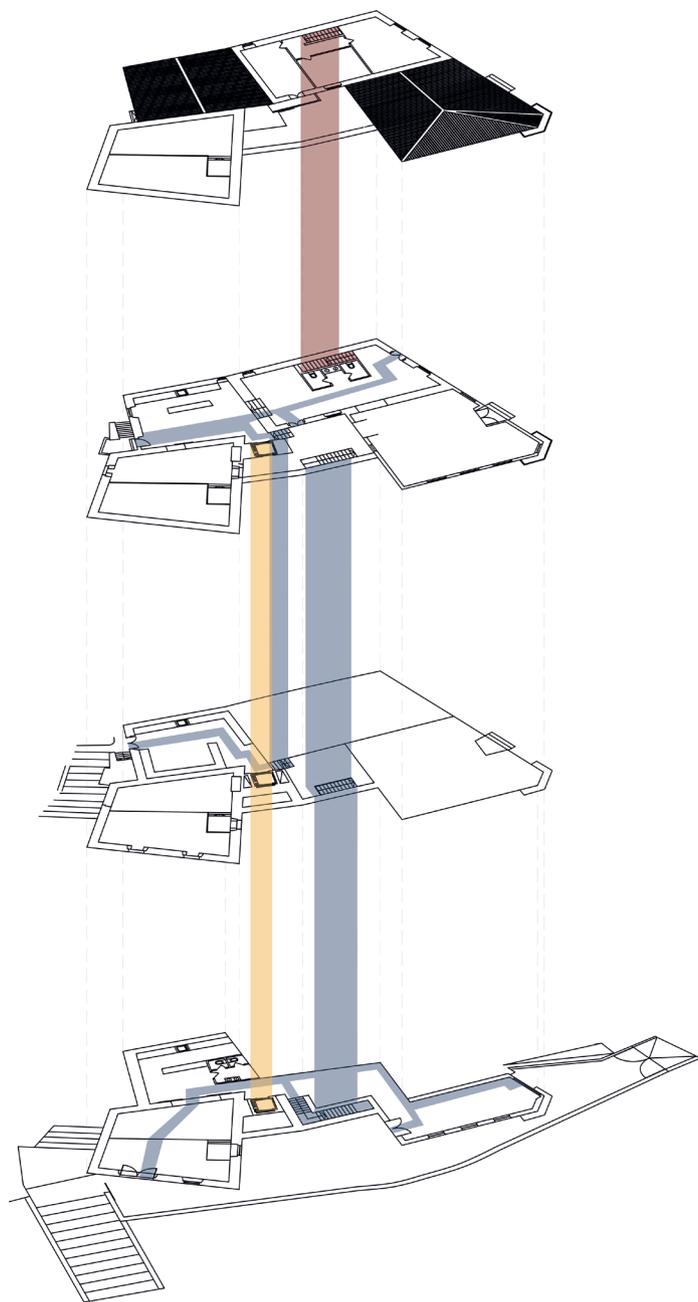


Pormenor 5



Pormenor 6





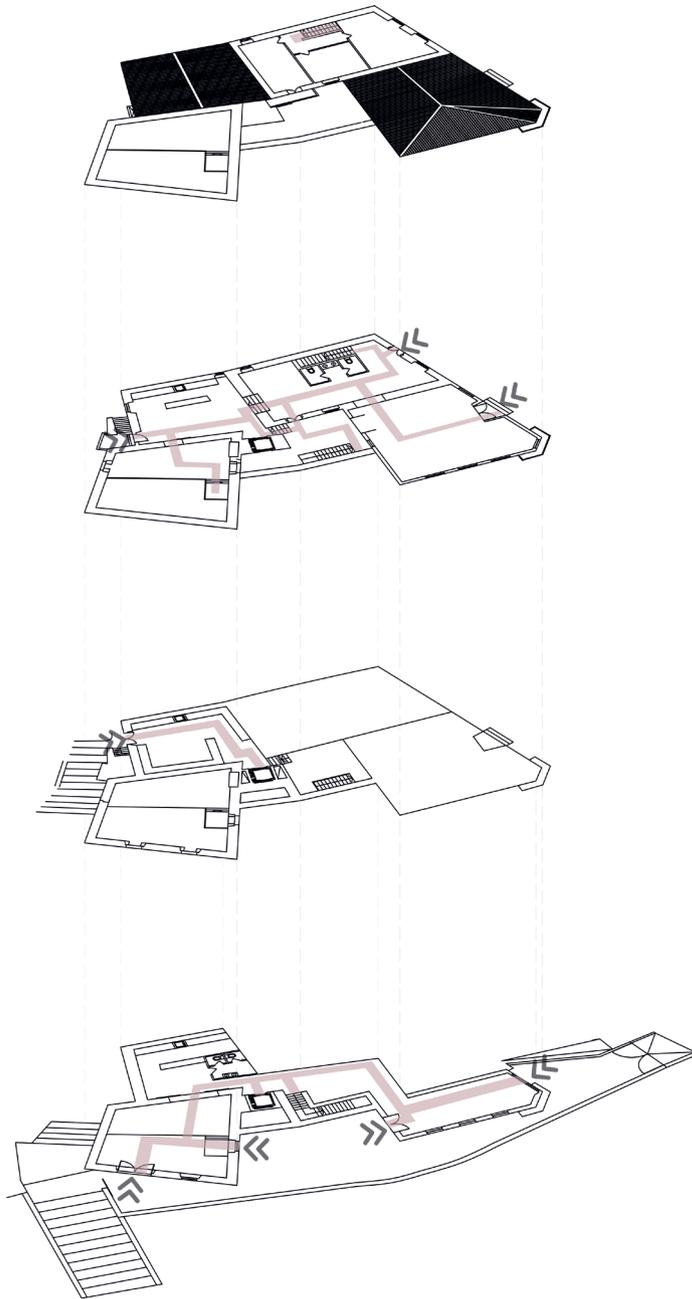
CIRCULAÇÃO VERTICAL
PÚBLICA - ESCADAS

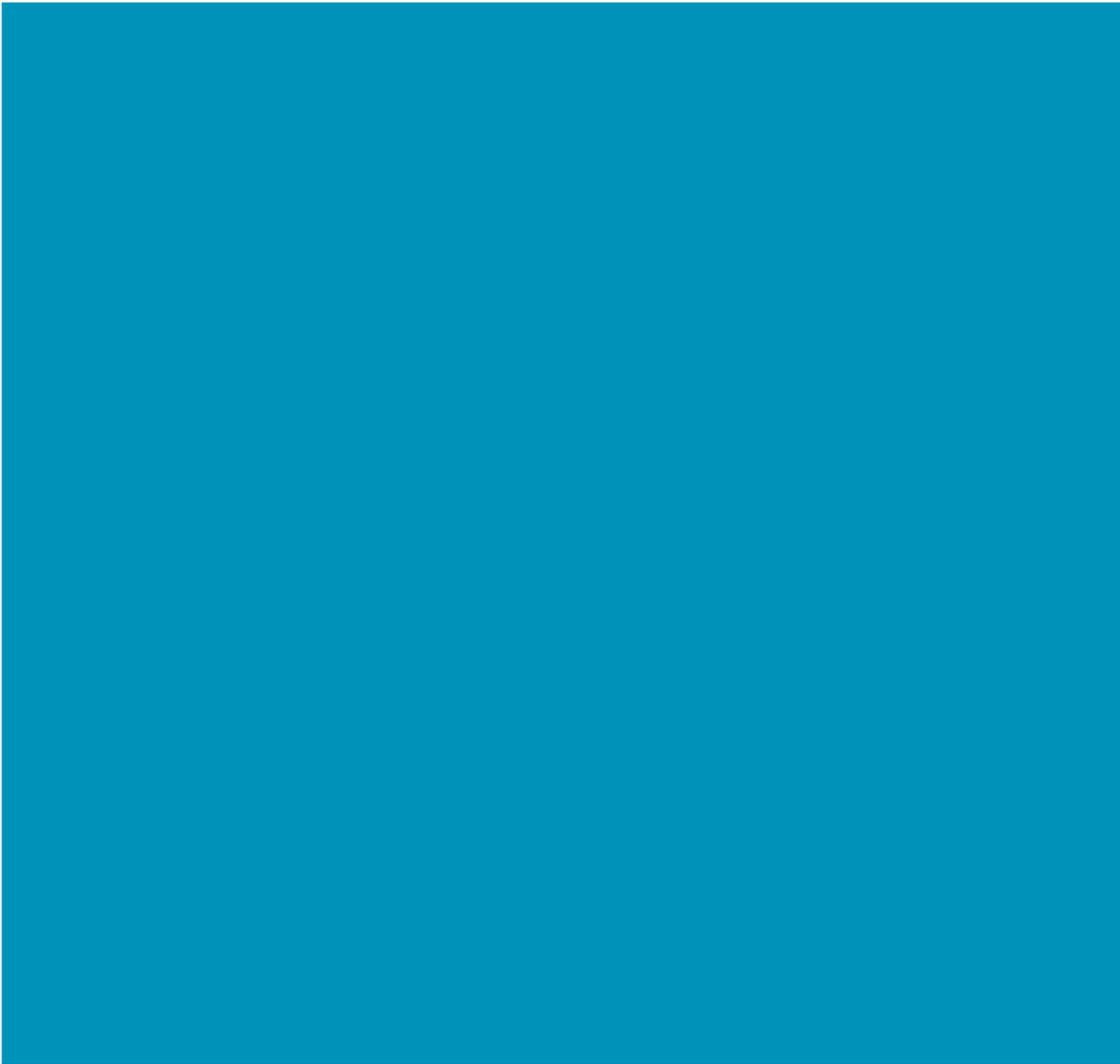


CIRCULAÇÃO VERTICAL
PÚBLICA - ELEVADOR



CIRCULAÇÃO VERTICAL
PRIVADA - ESCADAS





PARTE 5
EXPOSIÇÃO

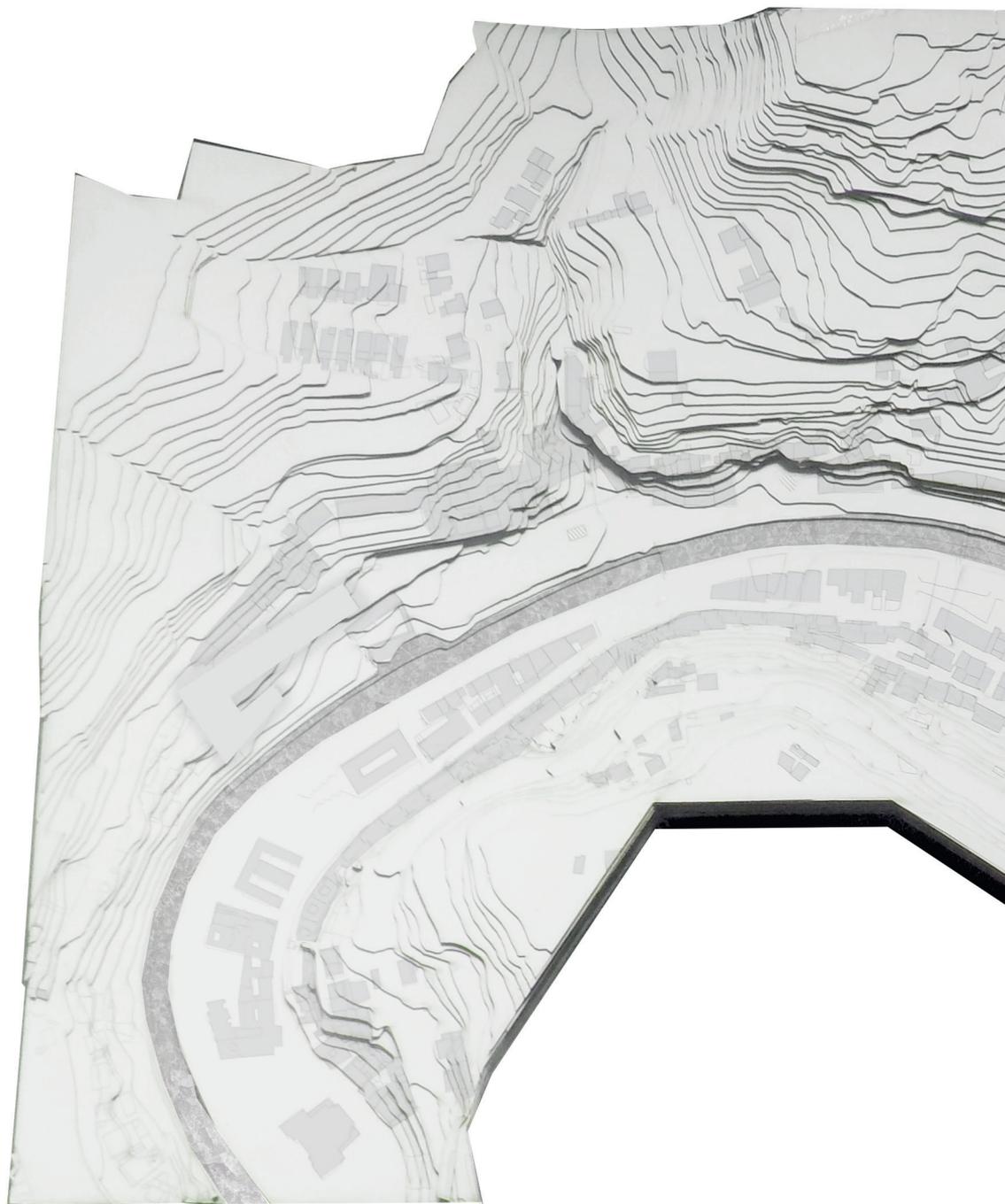






EXPOSIÇÃO

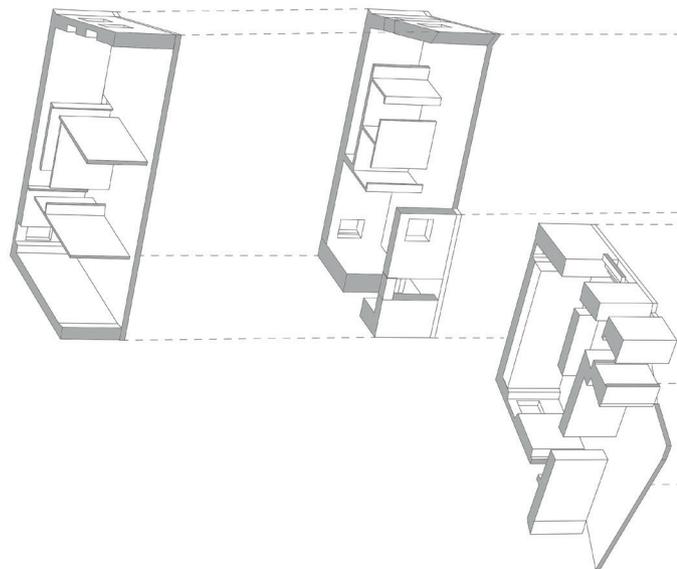
Um dos desafios do Projeto Final de Arquitetura foi não só trabalhar com um território autêntico, mas, principalmente com um presumível cliente real – a Câmara Municipal de Alenquer; em conjunto foram discutidas as questões territoriais, sociais, de mobilidade, ambientais e económicas que caracterizam a região de Alenquer. Após quase um ano de trabalho, foi realizada uma exposição a fim de dar a conhecer os trabalhos executados.

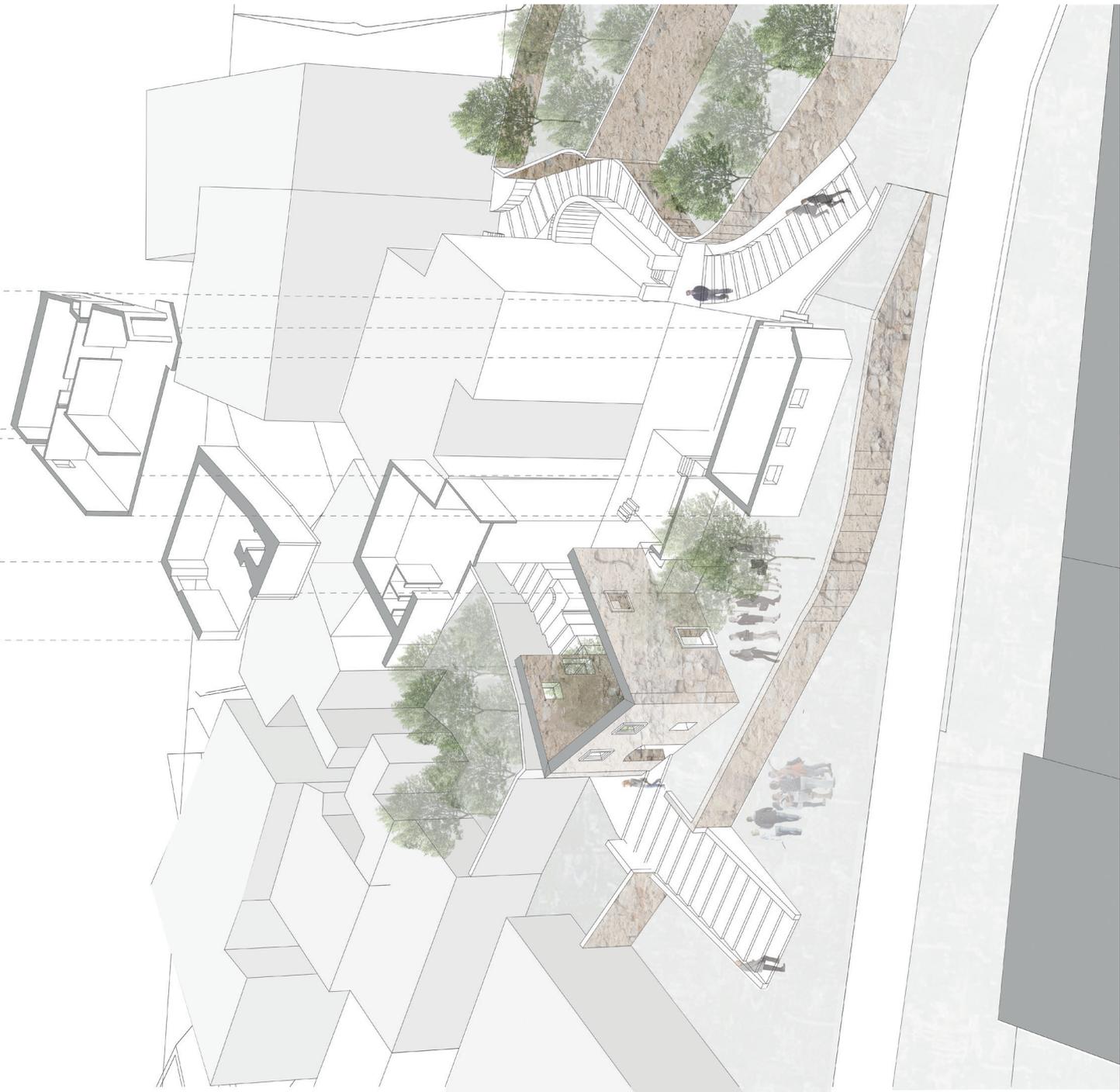




Maquete de Alenquer à escala 1/2000

“Alenquer:
"Alma do Vinho”





Este caderno da autoria de Carina Lopes Ribeiro,
numa tiragem de 4 exemplares, foi composto
em caracteres Times New Roman, Arial e Courier
New e acabou de se imprimir em Lisboa no mês
de outubro do ano de dois mil e dezassete.



“Arquitetura deve
falar do seu
tempo e lugar,
porém anseia por
intemporalidade.

Frank Gehry

ISCTE - IUL

Instituto Universitário
de Lisboa

